

FR

TV
ESMAGA
O
SERTÃO

REMÉDIOS DA MORTE

MDB
DÁ LIÇÃO
DE
DEMOCRACIA

CRÍTICA

FUNDO CEMAP
FA 75/290

CEMAP - BIBLIOTECA
CLASS. depósito F. Abram

Ano 2/Nº 57

8/14 de setembro de 1975

Cr \$ 4,00



OPULÊNCIA E MISÉRIA NA BAHIA

Estado e Assistência Médica

Na matéria assinada por Jorge Fisher Nunes, publicada no nº 55, de Crítica, versando sobre problemas da assistência médica da Previdência Social, constam dois pontos que,

no meu entender, merecem ser esclarecidos.

O primeiro diz respeito ao fato de que a encampação do Grupo Hospitalar Conceição, de Porto Alegre, pelo INPS, não resultou em substancial alteração positiva na assistência prestada. Cumpre destacar, a propósito, que, embora tenham sido desapropriados 51% das ações da empre-

sa, pelo MTPS, e tenha sido designado um interventor, foi mantido o sistema de remuneração médica "por unidade de serviço", isto é, pela quantidade de atos médicos e cirúrgicos praticados, comprovadamente fator responsável pelas mais sérias distorções e desvios na prática médica.

O outro ponto se refere à afirmação de que "a medicina não pode fugir ao processo capitalista geral" e que "o doente é, antes de tudo, a fonte de lucro", não sendo admitido

"socializar determinado ramo de atividade inserido no processo geral capitalista."

John Kenneth Galbraith, o renomado economista norte-americano, em recente artigo publicado no Brasil, diz, textualmente, que "não existe hoje nenhum país industrial no qual a livre iniciativa forneça boa habitação, bom serviço médico, boa hospitalização, bons transportes públicos, a preços que as pessoas de renda modesta possam pagar. Assim, em todos os países, tais servi-

ços foram transferidos, em maior ou menor escala, para o Estado."

Afinal, a saúde do homem não pode ser considerada menos importante do que a distribuição de justiça, a defesa contra o fogo, a segurança individual e coletiva. A magistratura, o corpo de bombeiros e as forças armadas não podem nem devem estar influenciados pelos mecanismos de mercado nem pela produção de lucros financeiros. Por isso mesmo os integrantes desses serviços não são remunerados pelo número de incêndios, pelo vulto das revoluções, nem pelos anos de reclusão dos criminosos.

Não seria demais afirmar que a privatização da rede médico-hospitalar constitui, no momento, o maior problema de saúde pública, maior do que a esquistossomose, a doença de Chagas, a meningite meningocócica, as diarreias infecciosas.

Carlos Gentile de Mello
Rio-RJ

Programas de calouros

- Tenho recebido vários exemplares deste notável semanário, cortesia do jornalista Manoel Lopes de Souza. Aprecio bastante a conduta e isenção com que são abordados os temas mais sérios do momento político brasileiro, embora reconheça que no momento é essa a missão mais ingrata e perigosa. Aqui fazemos modesta imprensa, porém destemida e combativa. O nosso órgão é correio do povo, de propriedade do bravo deputado Nogueira Filho, do MDB. Sou um dos colaboradores, desde a fundação.

Aproveito a oportunidade para sugerir-lhe a abordagem de um tema importante para a imprensa nacional, cuja sugestão fiz recentemente ao nosso estimado deputado Celso Barros Coelho. É sobre as programações musicais do rádio e da televisão brasileiros, que baniram quase que por completo os chamados "programas de calouros". O fundamento do tema é a formação do caráter do artista, formado dentro dessa escola, o que nos deu ao patrimônio nacional hoje quase extinto, a autêntica música popular brasileira. Estou remetendo pormenores da minha sugestão a Celso, e creio que ele, tão logo conclua as bases do seu projeto, fará importante defesa da tese em nível nacional.

- Seria um júbilo, não só para o defensor da tese na Câmara Federal, como para o dono da sugestão, ler esses depoimentos num órgão de tão profunda penetração.

Raimundo Rosa de Sá
Teresina - PI

INEDITORIAIS

ESTIVADORES REFUTAM ACUSAÇÕES

O artigo publicado em jornal do Rio de Janeiro, que atribuiu aos sindicatos de estiva as causas dos problemas enfrentados pela Marinha Mercante na área da cabotagem, provocou a reação dos dirigentes da Federação Nacional dos Estivadores, que fizeram publicar no *Jornal Marítimo*, que circulou sexta-feira, a resposta ao dr. Eugênio Guadin, de *O Globo*.

O articulista defendeu a tese da entrega do controle da mercadoria pelo armador, desde o recebimento até a entrega. "E como responsabilidade só se entende conjugada com autoridade, importa que o armador tenha seu armazém próprio (ou arrendado), no porto de partida como no de chegada, e execute a estiva com seu próprio pessoal, ou com pessoal de sua inteira confiança, e não com pessoal indicado pelos sindicatos de estiva."

Diante da repercussão do artigo, que aludiu também à "indústria de faltas e avarias", o fato de estar sendo dada preferência ao transporte rodoviário, em detrimento da navegação de cabotagem, o presidente da Federação Nacional dos Estivadores, Eubens Pinheiro de Moraes, divulgou sua contestação, nos seguintes termos:

"Os sindicatos de estiva funcionam nos portos brasileiros devidamente organizados nos precisos termos da legislação que também delimita o seu campo operacional.

"Compete aos sindicatos de estiva indicar o pessoal necessário à movimentação de mercadorias no carregamento e descarregamento das embarcações, obedecendo a rigorosas normas estabelecidas pelos órgãos federais com jurisdição nas

áreas marítima e portuária.

"Com disciplina e presteza, o pessoal indicado pelos sindicatos de estiva realiza diferentes fainas no conjunto de operações, contribuindo com o seu labor diuturno para o desenvolvimento da economia nacional no setor da Marinha Mercante.

"Referidas fainas, geralmente executadas em condições adversas e extremamente perigosas, sem o mínimo de segurança e higiene profissional, abalam fisicamente os estivadores que, por fundamentos de ordem biológica, estão obrigados à obtenção da aposentadoria aos 25 anos de serviço, sem limite de idade.

"Entretanto, tal benefício social é raramente alcançado pelo estivador, sujeito, em proporções alarmantes, a casos fatais de acidente do trabalho e de invalidez permanente e definitiva para o exercício profissional.

"Vale ressaltar que os estivadores sindicalizados são de inteira confiança do Poder Público para atuarem em áreas subordinadas aos interesses da Segurança Nacional, visto que são selecionados pelos órgãos competentes dos ministérios do Trabalho e da Marinha, aos quais incumbe zelar pelo cumprimento das leis sociais de proteção ao trabalho, a fim de que o armador, a pretexto de utilizar pessoal próprio, promova aviltamento e achatamento salarial.

"Mas, de qualquer forma, os estivadores cumprem seus deveres e obrigações profissionais com eficiência e lisura, respeitando as instruções expedidas pelas autoridades responsáveis, sem necessidade de imposições nem medidas ditatoriais.

"Não existe, absolutamente, nenhum "império da estiva" nos portos, cujos sindicatos não causam dano econômico à Nação, não somente porque tal não é o objetivo de seus dirigentes, plenamente identificados com os soberanos interesses do País, como também porque sua fragilidade estrutural, e os limites de ação traçados em lei, não permitiriam tão descabida pretensão.

"Na verdade, o poder reivindicatório dos sindicatos está contido, e o seu funcionamento visa apenas a dar cumprimento às normas estabelecidas pelos órgãos públicos e promover serviços de assistência social, sem a força coercitiva que indevidamente lhe querem emprestar.

"Não são igualmente os estivadores, nem os seus sindicatos, responsáveis pela "indústria de faltas e avarias", cuja mecânica ignoram completamente nem tampouco criam empecilhos ou burocracia para a realização das operações de carga e descarga. O País aplica vultosas verbas em fiscalização aduaneira, policiamento portuário e outras formas de repressão ao furto e contrabando de mercadorias, e não será definitivamente o estivador que irá se arriscar a perder sua matrícula profissional, cometendo uma ação ilícita.

"Certamente, a responsabilidade pela tal indústria de "faltas e avarias", pelo furto e o contrabando de mercadorias deve ser apurada em outros meios, junto às classes de maior influência no contexto operacional, nunca porém, envolvendo o humilde estivador, subordinado a rígidas regras de comportamento profissio-

nal para assegurar sua sobrevivência.

"Da mesma forma, não pode ser atribuída aos estivadores responsabilidade pela existência das diversificadas taxas de melhoramentos dos portos, "renovação da Marinha Mercante", "refinanciamento da Marinha Mercante" e tantas outras que, efetivamente, promovem o encarecimento das operações, beneficiando os grupos econômicos vinculados ao sistema de transporte de mercadorias por via d'água e a construção naval.

"Nem tampouco têm culpa os estivadores se a Administração Portuária não facilita a atracação dos navios nem das deficiências das instalações dos portos, ou da sua péssima localização geográfica, pois estão eles à disposição dos requisitantes dos serviços nas 24 horas de cada dia, sem oporem quaisquer barreiras nem responderem por licenças, das capitânias, de Saúde, de Alfândega, etc.

"Resta, por fim, aos estivadores, que não dispõem de recursos para responder, através de custosas publicações na imprensa, aos maldosos ataques e às levianas acusações de que estão sendo vítimas, a certeza de que podem contar com o apoio insuspeito e predominante do Governo Federal, que, no desempenho de sua alta responsabilidade de executor da ordem econômica e social do País, não permitirá que prevaleçam as teses levantadas pelos que acusam os trabalhadores".

(Transcrito de "A Tribuna de Santos", de 31-8-1975)

CRÍTICA

DIRETOR

GERARDO MELLO MOURÃO

DIRETOR-SUPERINTENDENTE

Erivon França

CHEFE DE REDAÇÃO

I. L. de Alencor

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo

T. C. Santos

PAGINAÇÃO

Morio José do Silvo

CAPA: Wagner

PUBLICIDADE

Av. Rio Branco, 156 - 12º and.

solo 1222, tel. 242-7395

ASSINATURAS

- Brasil: um ano Cr \$ 200,00

6 meses Cr \$ 100,00

- Exterior: um ano US\$ 50,00

6 meses US\$ 30,00

● Artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

● A redação não se responsabiliza por manuscritos que lhe sejam enviados.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Arco Editor e Gráfica S.A.

Rua Equador, 702, Rio (RJ)

Telefone: 223-1715

DISTRIBUIÇÃO:

Abril S/A - Cultural e Industrial

Rua Emílio Goeldi, 545/747

São Paulo - SP

CRÍTICA

É propriedade da Editora Crítica Ltda

Av. Rio Branco, 156, 12º andar,

solo 1222, telefone 242-7395

LIÇÃO DE DEMOCRACIA

O DEPUTADO Ruy Codo, na moção em que recolheu o apoio dos convencionais de São Paulo à reeleição de Ulisses Guimarães para a presidência nacional do partido de oposição, interpretou, sem dúvida, o pensamento de todos os Estados. Mais do que isto: interpretou uma sentida aspiração da maioria do povo brasileiro, que por mais de dois terços de seus sufrágios levou às urnas e à vitória a legenda democrática sustentada pelo líder exemplar nos comícios populares de 15 de novembro.

Os entevos políticos em que se empenharam autênticos e moderados do MDB para a composição de seu novo quadro dirigente, longe de representarem a debilidade de uma dissidência, exprimiram, isto sim, uma vigorosa demonstração de vitalidade partidária e uma lição de democracia. O povo ficou sabendo que suas lideranças não se aviltam na aceitação submissa das decisões de um verticalismo seletivo espúrio, mas decidem com a mesma liberdade com que os eleitores vão às urnas para a escolha de seus candidatos.

O verdadeiro milagre brasileiro não foi a mágica circense do doutor Delfim Neto, que dourou suas pílulas econômicas com a mais escandalosa prestidigitância publicitária. O milagre brasileiro, ao longo desses onze anos de estiagem política, foi a estruturação e o amadurecimento do Movimento Democrático Brasileiro, construído com sangue, suor e lágrimas pelos que acreditaram que, apesar de tudo, a consciência da nação seria capaz de falar mais alto do que os contraponos de uma vicissitude histórica.

O POVO brasileiro, desde aquelas dezesseis derrotas que abalaram o país, para usar a frase viva do jornalista Sebastião Nery, tem os olhos postos no Movimento Democrático Brasileiro e em suas lideranças. O próprio governo há de estar olhando para o partido da oposição como a esperança maior com que conta a nação para encontrar a solução pacífica de seus problemas institucionais. No dia em que as forças que desfecharam o movimento de 64 se debruçarem sobre si mesmas, para um exame de saldos da circunstância política, hão de voltar-se com gratidão histórica para o MDB, como o mais poderoso instrumento do processo brasileiro para impedir que as divergências que dividiram nosso entendimento político escorregassem nos caminhos da violência e da subversão.

Os surtos de violência e de subversão, mais do que jugulados por medidas de repressão, foram esvaziados quando os grandes segmentos da opinião popular se deram conta de que, mesmo numa estreita faixa de permissividade, o país pode encontrar a solução de suas discrepâncias. Foi no leito de legalidade oferecido pelo MDB que as torrentes contestatórias se amainaram, recolhendo as aspirações de milhões de brasileiros, especialmente jovens, que se encontravam em perigosa

disponibilidade diante da rigidez do processo político. Devem, assim, o governo e a nação ao caráter rigorosamente legal da oposição o grande serviço que foi o aliciamento popular para as vias de paz e de conciliação em que queremos resolver os problemas institucionais e a plenitude do estado de direito.

Se essa opção é uma decorrência da vocação conciliadora do povo brasileiro, ela é sobretudo um resultado dos generosos esforços com que o MDB, depois de receber um país subitamente privado de tantas de suas mais representativas lideranças, teve a capacidade de reconstituir a admirável constelação de líderes que hoje apresenta, de Ulisses Guimarães a Pedro Simon, de Paulo Brossard a Marcos Freire, a Laerte Viera, a Alencar Furtado a Thales Ramalho, a Paes de Andrade ou Humberto Lucena, para citar apenas alguns.

É certo que o diretório do partido situacionista também apresenta um elenco de nomes ilustres da vida pública. Quem lhe percorre a lista, porém, há de verificar, desde logo, que os nomes que ali se destacam são os de políticos anteriores a 64, o que significa que a Arena não logrou o apoio popular que, só ele, é capaz de criar novas lideranças. Dir-se-ia, do grêmio ainda presidido por Petrônio Portela, que é um partido de muito cacique e pouco índio. Pois, das duas uma: ou o povo não forneceu novos líderes à Arena, ou os murubixabas entronizados em seu comando não permitiram o aparecimento de novas lideranças.

E STA é uma das grandezas do presidente Ulisses Guimarães. Sob sua gestão, o partido oposicionista viu crescer, simultaneamente, suas bases e seus quadros dirigentes, com o surgimento de nomes que hoje emergem para a vida pública como legítimas promessas de estadistas, quer entre os jovens, como Marcos Freire, ou os mais jovens, como o presidente Pedro Simon, do Rio Grande do Sul, ou o bravo e culto deputado pernambucano Jarbas Vasconcelos.

Bastaria essa marca de superioridade política para tornar insubstituível, neste momento, o comando nacional do MDB, com a recondução de seu presidente e de seu secretário-geral. É certo que seções de grande peso no seio do partido, como a do Rio Grande do Sul, tinham o direito e até o dever, de aspirar a posições mais eminentes no controle dos órgãos partidários. Mas ainda aí, os gaúchos deram uma lição magnífica de maturidade democrática e de espírito público, sustentando decisivamente a consolidação de um estado-maior em plena campanha.

O MDB ainda se encontra diante de caminhos ásperos e rudes. Ainda não terminou a batalha. E, para concluir com a moção do deputado Ruy Codo aos convencionais paulistas, é preciso lembrar que não é no fragor das batalhas que se mudam os comandos.



LIÇÃO DEMOCRÁTICA DA OPOSIÇÃO

A oposição ofereceu à consciência política do país exemplo de maturidade democrática, respondendo de modo autêntico aos encargos que lhe foram atribuídos pelas urnas de novembro. Nascida com o seu opositor, do artificialismo bipartidarista imposto pelas circunstâncias que presidiam à realidade do tempo criador, venceu a caminhada transformando-se de partido consentido em agremiação consagrada pela vontade popular.

E com essa responsabilidade, que a fez majoritária no pleito de novembro e detentora de mais de um terço da Câmara, conseguindo, através da manifestação popular, legítima e soberana, nas limitações institucionais vigentes, parcela de influência decisiva em decisões normais, a oposição, pelas origens, desenvolveu-se como uma frente democrática a abrigar no Movimento Democrático Brasileiro a opinião pública ansiosa por adequar-se aos novos tempos por via de um denominador comum em que as determinantes sociais e econômicas se ajustem às necessidades de uma população sofrida e angustiada.

Defendendo princípios basilares que conformam a estrutura do Estado moderno na delimitação da soberania nacional, o MDB empreendeu a sua jornada a duras penas, levando a toda parte o verbo reativador da sensibilidade política, da conscientização popular para os problemas que batem à porta dos lares e das empresas e que falam intimamente aos destinos da nação.

Sendo democrático, não se vê dominado por processos que se divorciam do seu ideário, do programa que preside e informa a sua existência. Sendo uma arregimentação política aberta à realidade nacional e com ela identificada, não se volta para o passado. Constrói no presente os alicerces do futuro, em busca da realização plena dos objetivos que persegue.

Não fosse assim e as urnas não entregariam ao MDB as responsabilidades que o transformaram de consentido em autêntico conduto da vontade popular.

Debatendo esses problemas, mostrando o acerto de suas soluções, muitas delas agora já aceitas pelo governo, correspondeu o MDB aos encargos que lhe foram delegados, demonstrando fiel às urnas que o consagraram.

Unindo os correligionários em torno de idéias e princípios, sua pregação cívica chega hoje a sensibilizar até mesmo adversários que, ciosos da responsabilidade da classe política, sentem a identificação dessas teses e princípios com as aspirações



Convenção do MDB gaúcho:
Arena com Tarso Dutra à frente
vai até a oposição

do povo. Aqui e ali vozes adversárias chegam a falar a mesma linguagem da oposição, reconhecendo no julgamento eleitoral a instância soberana na qual se assenta a nação que se projeta para o futuro.

Não só, entretanto, no debate que propicia nas duas casas do Congresso oferece o MDB ao País o atestado de um comportamento político que o faz identificado com os anseios populares. Debatendo de portas abertas a sua estrutura e os seus problemas como partido da oposição, o MDB se mostra, a cada dia, capaz de assumir responsabilidades maiores que lhe sejam legitimamente delegadas.

Prática democrática

Basta que se analise, nos planos que lhes são competentes, a escolha da direção nacional dos dois partidos, para encontrar-se, sem dúvida, o divórcio no processo entre um e outro. Essa escolha se faz, evidentemente, por via democrática, a fim de oferecer às lideranças a indispensável autoridade política para o exercício da missão que lhes é atribuída.

No particular, o MDB viveu um exemplo de prática democrática que demonstra não só maturidade política, como também a necessária densidade de quem, na oposição, tem o dever de preparar-se convenientemente na luta pelo poder, que é o objetivo de todo partido político.

Debatendo as linhas estratégicas em jogo, discutindo o conveniente de uma tática no limiar de uma nova campanha, não se viu arranhado o seu programa nem desmerecido o ideário que o vitaliza. O comportamento das lideranças oposicionistas, no episódio, faz honras à confiança popular, pois que também não se encontrou minimizado o debate pelo fisiologismo das posições.

Na oposição os espinhos da tarefa dão conteúdo aos cargos de direção partidária, na exigência de comprovada sensibilidade política e equilíbrio de comportamento como indispensáveis componentes na condução do posicionamento partidário.

O episódio de relevante práti-

ca democrática na realidade política dos nossos dias, mostrou mais uma vez que o MDB se conduziu à altura dos objetivos a que se propõe, do programa que esposa. A maturidade revelada, num debate a portas abertas, demonstrou que o MDB respondeu aos desafios das urnas de novembro com a propriedade de quem se encontra de fato consciente e capaz de novas e mais amplas responsabilidades políticas.

Imune ao radicalismo que distorce a visão real da problemática nacional e identificado com idéias e princípios para o desenvolvimento equânime do País, o episódio que acaba de ser vivido pelo MDB reativou a prática democrática, justamente o que dele esperava a nação.

A exploração feita em torno do debate que se processou nas hostes emedebistas, mais enobrece a oposição, emprestando ao fato dimensão democrática de realce maior.

A Convenção Nacional em fins deste mês, a realizar-se em Brasília, reúne desse modo uma frater democrática consciente das responsabilidades políticas

que lhe pesam aos ombros e autêntica nos princípios que as urnas majoritárias consagraram.

Reorganiza-se o MDB para a nova jornada, que se bifurca no objetivo permanente da defesa do seu programa, das idéias que conformam o seu projeto político, e da batalha eleitoral do ano que vem em nível municipal.

Sabe a oposição das dificuldades a enfrentar, dos obstáculos a vencer. Mas está consciente do seu papel, da posição que lhe cabe no quadro político emergente e daí não se afastará pelo compromisso selado nas urnas de novembro.

A dinâmica política da oposição exige mobilização contínua, exame e debate incessante dos problemas que afligem o País, com soluções que se coadunem com os incessantes apelos das amarguras populares.

Se, como disse Luiz Viana Filho, a Arena não deve ser a pedra onde se lavam as amarguras do povo, quadro em que se destaca o custo de vida em níveis de angústia, afirmativa que, no particular, endossa o articulado pela oposição, o MDB, por outro lado, é o abrigo dos que lutam contra essas amarguras, dos que procuram soluções para as angústias.

A campanha municipal a ser encetada pela oposição tem uma dimensão muito maior de quantas foram feitas desde o início do bipartidarismo. Se, quando da pregação do anticanidato, a campanha se realizou como quem desbrava caminhos em floresta desconhecida, à espera de surpresas e ocorrências imprevisíveis, já agora o caminho a percorrer é outro. Apresentando-se como um autêntico partido político, uma legítima frente democrática que procura dias menos sofridos, leva ao debate democrático a responsabilidade de uma vitória majoritária, de mais de um terço da Câmara e da maioria em várias Assembleias Legislativas. É um acervo conquistado passo a passo, com a provada fidelidade aos princípios democráticos que são a razão própria da sua luta.

Não basta, agora, tão-só a pregação em torno de franquias que todos almejamos. Ao lado dela, o exame e debate dos problemas brasileiros e a solução que o País almeja, de maneira a conscientizar a nação da responsabilidade que é de todos.

As superadas arremetidas demagógicas não sensibilizam a ninguém e jamais o MDB delas se utilizou nas suas campanhas. A linguagem política dos dias correntes é a dos caminhos menos íngremes, da vida em termos de igualdade e justiça sociais, com a participação de todos no processo do enriquecimento nacional. Com a preservação da soberania e da segurança da nação, impedindo que os centros de decisão escapem das nossas mãos por força do gigantismo econômico que oprime e esmaga a iniciativa cabocla. Com a participação efetiva de todos no desenvolvimento que se projeta para o futuro, que isso já é tempo, pelo sofrimento crescente há tantos anos.

Com o patrimônio político que as urnas lhe conferiram, as responsabilidades de identificação com os apelos nacionais, o MDB inicia, após a Convenção Nacional, a nova grande jornada, consciente de que a sua linguagem é a mesma do povo no desejo de uma nação democraticamente livre e soberana.

HUMBERTO ALENCAR

Privilégio é dos ricos

O padre Nobre (MDB-MG) feriu, na Câmara, o problema educacional. Disse, de início, que "o slogan do governo sobre educação é digno do nosso aplauso: "educação para todos". Não obstante gostaríamos que a política educacional não ficasse apenas no slogan, mas fosse uma realidade".

E afirma: "O ministro da Educação e Cultura, a quem tanto preza-mos, negou a concessão de bolsas de estudo de nível superior, neste ano. Não providenciou, de forma alguma, para que os alunos carentes de recursos pudessem iniciar ou continuar seus estudos superiores".

Acentuou que "pelo visto, não podíamos garantir que em 1976 o governo concretizará medidas visando a conceder facilidades para que os estudantes pobres tenham vez neste país." Segundo ele, continua o ensino superior justamente naquela situação contrária ao que sempre preconizou, isto é, o direito de todos os brasileiros buscarem a sua formação. "Esta continuará, pelo que vejo, a ser privilégio dos filhos dos ricos. Contra isso é que protestamos".

Fez um apelo ao ministro da Educação "no sentido de que estude a maneira de concretizar o financiamento de bolsas de estudo, reembolsáveis ou não, para que no próximo ano não sejam os carentes de recursos impedidos de ingressar nos nossos institutos de ensino superior".

Banco Central e a pequena empresa

Afirmando que se criam "dificuldades para a pequena empresa brasileira e facilidades para as subsidiárias de empresas estrangeiras e também para o investimento estrangeiro no Brasil", Odacir Klein, MDB-RS, levou um exemplo prático dessa distorção econômica ao conhecimento da Câmara.

Diz ele: "A Resolução n.º 331/75, do Banco Central, é uma prova evidente disto. Ali está determinado que "a emissão de guia de importação pela Cacex, relativa a mercadorias cuja alíquota do imposto de importação, conforme pauta da Tarifa das Alfândegas, seja igual ou superior a 37%, fica condicionada ao recolhimento, em cruzeiros, da importância correspondente ao valor fob da respectiva guia, quantia essa que será restituída ao fim de 180 dias, observadas as condições estabelecidas pelo Banco Central do Brasil". Na mesma Resolução consta uma tabela de outras mercadorias que, embora de alíquota inferior a 37%, estão sujeitas ao mesmo procedimento, ou seja, o depósito do valor da guia de importação pelo prazo de 180 dias".

E acentua a seguir: "No entanto, estabelece a referida Resolução 331 que, entre outras, se excetua do procedimento já referido as importações "realizadas mediante financiamento externo de médio ou longo prazo" ou "sob a forma de investimento estrangeiro", registrados no Banco Central do Brasil".

Equacionado, assim, o problema, arremata o parlamentar oposicionista do RS: "O quadro, pois, é o seguinte: a) o pequeno empresário, que não consegue financiamento externo, para importar mercadorias mencionadas na Resolução 331, deverá recolher a importância igual ao valor fob da guia de importação, recebendo, após 180 dias, em restituição, a referida importância; b) a grande empresa, principalmente subsidiária de empresa estrangeira, que consegue financiamento externo, está isenta de tal depósito prévio; c) também está excluído do procedimento a importação sob a forma de investimento estrangeiro".

Incentivos à indústria do Nordeste

A propósito de duas providências adotadas pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico, o deputado Henrique Alves, MDB-RN, fez pro-

nunciamento na Câmara para apoiando-as, aduzir considerações de modo a torná-las suficientemente exequíveis.

A primeira diz respeito à nova política do governo quanto à instalação do pólo têxtil do nordeste, segundo a qual as indústrias têxteis, com até 300 mil fusos, contarão com estímulos governamentais. Quando instaladas em outras regiões, que não o nordeste, tais indústrias, querendo contar com esses estímulos governamentais, deverão se comprometer a destinar toda sua produção à exportação.

A segunda providência trata de incentivo fiscal, para que as indústrias básicas e as pequenas e médias indústrias possam fazer face à correção monetária, permitindo-se, então, a dedução no imposto de renda, da parcela da correção monetária que exceder a 20% do financiamento.

Quando à última providência, o representante do MDB solicitou ao governo que o prazo para apresentação dos projetos que pretendem se beneficiar da medida seja ampliado, pois seu encerramento está fixado para dezembro, sendo desse modo de 5 meses, o que é de todo inexecutable. Defendeu o representante oposicionista a necessidade de ser estendido o incentivo fiscal a todas as indústrias instaladas no nordeste, a fim de corrigir distorções regionais e setoriais.

Justificando a pretensão, lembrou que não pode haver distorção maior que o parque industrial do nordeste, nascendo para competir com outro que se fez à época mediante subsídios obtidos com a tradicional e deficitária produção agrícola nordestina, como é o caso do parque centro-sul, não tem, pelas condições próprias da região, meios de consolidar-se nem ampliar-se, pagando encargos financeiros normais. Lembrou, na oportunidade, que a região nordestina se ressentia da carência gerencial, necessidade de investimentos maiores na infra-estrutura, exigências de treinamento de mão-de-obra, ausência de capital de giro, deficiência de meios de transporte, entre outros elementos.

Afinal, revelou que está preparando indicação neste sentido ao CDE,

com apoio de parlamentares de ambos os partidos.

Obrigações da União em Pernambuco

Falando sobre o desempenho governamental diante das últimas enchentes que assolaram Pernambuco, notadamente o Recife, Sérgio Murrillo, deputado do MDB-PE, disse, na Câmara, que "toda uma problemática técnica e social está a exigir a ação do governo federal nesta fase em que tanto se alardeia a sua preocupação com a distensão social".

"Cabe - adiantou - ao governo da União, com moderno instrumental de análise do processo de desenvolvimento, voltar-se para o nordeste, e, sobretudo, para Pernambuco, onde irá verificar que os denominados verificadores sociais, objetivo final do desenvolvimento econômico, revelam um quadro de miséria e de penúria, com uma população de baixíssimo consumo calórico per capita, altos coeficientes de mortalidade infantil, grave elevação da incidência de tuberculose, o crescimento de endemias, uma reduzida esperança de vida, o aumento do percentual de desempregados, os índices de prostituição e de criminalidade em ascensão, além de uma classe média angustiada e cada vez mais empobrecida".

Acentuando que não reclama nem exige a generosidade de esmola em hora tão crucial, mas a ação enérgica e eficaz do governo no sentido de efetuar um levantamento completo da bacia hidrográfica do Capibaribe, do Beberibe e Una, para que seja elaborado um projeto de construção de barragens, do seu aproveitamento econômico, do alargamento das calhas desses rios, da ampliação da rede de galerias pluviais do Recife, cuja execução evite a repetição do flagelo.

"Exigimos, diz, para Pernambuco e para o nordeste a equidade na distribuição da riqueza nacional, corrigindo-se a defasagem econômica que cada vez mais se acentua entre as regiões. Aos representantes

do Poder Legislativo, desfalcado da competência para iniciativa que importe em aumento da despesa pública, aos membros de um Parlamento que sofreu uma capitis diminutio das faculdades que sempre lhes foram próprias, cabe apenas reclamar soluções cuja responsabilidade pelo planejamento e execução insere-se na área gigante das atribuições do Poder Executivo".

Corrupção e AI-5

"No último caso de defesa criminal em que atuei, contra o ladrão que roubou seis galinhas, não foi necessário aplicar-se o Ato Institucional: ele está cumprindo dois anos de reclusão na penitenciária". Com estas palavras o deputado João Cunha, MDB-SP, encerrou pronunciamento na Câmara sobre os casos de corrupção ocorridos no país e denunciados pela imprensa.

Inicia o representante oposicionista de SP reafirmando a posição que determina o comportamento do MDB "em relação aos casos de corrupção denunciados pela imprensa de SP e brasileira, episódios que estão a marcar profundamente qualquer obra que se pretenda edificar em nome do nosso povo. No Estado de SP tomamos conhecimento, numa proximidade íntima, das recentes denúncias levadas ao conhecimento da população paulista. Com surpresa, vemo-las também presentes em todos os Estados da União".

Refere-se, então, o representante do MDB, ao pronunciamento do líder da bancada arenista, afirmando que o Presidente da República, com os instrumentos de que dispõe, sintetizados no AI-5, haveria de dar combate à corrupção em todos os planos. E prossegue: "Entretanto, verificamos que o combate à corrupção só poderá ser feito no momento exato em que tivermos no País o pleno restabelecimento da integridade deste Poder, somente no momento em que tivermos a imprensa na sua liberdade plena de manifestação, somente quando tivermos o Poder Judiciário libertado

do peso da nossa democracia, em face do próprio AI-5, somente quando tivermos criado um clima que não permita a segurança que o poder tem sugerido, pela impossibilidade de críticas e de fiscalização, pela impossibilidade de se adentrar nas intimidades das administrações estaduais, pois, como temos visto, têm sido elas expressivas na manifestação de corrupção no plano nacional".

E adiante: "Sei do esforço e da vontade do Sr. Presidente da República, por que expressos em pronunciamentos reiterados e constantes de S. Excia. no sentido de dar combate à corrupção. Mas isso se trata de um fato em si; a corrupção é um estado de espírito, pois um conjunto de circunstâncias a propiciam, ensejam e sugerem". Acentua, então, que isso é um dado importante, para que se chegue a 78 com governadores eleitos diretamente pelo povo e respondendo diretamente ao povo pelos seus atos. "Depois de dez anos - continua - começam tais atos a aflorar apenas no momento em que a própria Revolução entendeu de garantir um clima de liberdade restrita - muito ainda". Enfatizando que o povo quer ver os que governam em cima de um tablado com paredes de vidro, abertas à visão de todos, de tal sorte que possa observá-los e saber o que fazem por ele, em nome dele e o que produzem em termos de futuro, afirma: "Só com o restabelecimento do Estado de Direito, somente com a fixação em termos definitivos de responsabilidade, tirante a censura à imprensa, estabelecidas as condições de interdependência absoluta dos Poderes Judiciário e Legislativo e a eleição direta dos governadores, poderemos acabar com o clima que envolve a Nação, cujas marcas, como feridas, se apresentam por todo o território nacional, a envergonhar a todos nós e a reclamar de todos nós uma conduta, que exigimos agora de cada parlamentar, de cada homem livre e consciente deste País, mas não através do AI-5, porque pode ser apenas uma forma de afastar da vida pública ou de determinadas funções certos cidadãos, pois a mesma punição não é aplicada contra aquele que muitas vezes ensina is-

Terrenos de Marinha sob nova legislação

Argumentando que "perdeu sentido e é objeto de distorção", atualmente, a empírica e absurda conceitualização dos terrenos de marinha (nascida com a decisão 348 da Fazenda em 14/11/1832), o deputado Marcelo Gato (MDB-SP) apresentou projeto de lei que dispõe sobre a propriedade e utilização de terrenos de marinha, declarando no art. 1º: "fica consolidada a propriedade plena e livre dos terrenos de marinha na pessoa dos titulares do domínio útil nos termos da legislação civil".

Já no art. 2º a proposição do representante emedebista de São Paulo declara que "os ocupantes de terrenos de marinha, sem título de domínio, poderão, justificando a posse, requerer ao Juiz Federal a expedição do título de propriedade respectivo que será transcrito no registro imobiliário", estabelecendo no seu § único que "as dúvidas ou controvérsias entre particulares serão resolvidas na justiça comum, cabendo, nas demandas que versam sobre terrenos de marinha, direito de preferência aos detentores da posse que neles residam ou tenham realizado benfeitorias".

Acrescenta, ainda, ao art. 3º que "a porção de terras situada entre o mar e a linha do preamar, as praias, as margens do mar, dos rios e lagos, por qualquer forma navegáveis, bem como os acessos naturais ou direitos às mesmas são bens de uso comum do povo, inalienáveis e insuscetíveis de apropriação, não podendo sua utilização pública, livre e gratuita, ser impedida, salvo no interesse da segurança nacional, declarada por lei específica, votada pelo Poder Legislativo".

O projeto visa, desse modo, a reformular a legislação sobre os terrenos de marinha, emprestando-lhe conceitos e normas que atendem a realidade dos nossos dias.



EM entrevista à «Associated Press», transcrita nos jornais de 25 do corrente, o ex-general e ex-presidente Antônio de Spínola anuncia a fundação do Movimento Democrático de Libertação de Portugal, destinado a combater a "ditadura marxista" instalada em seu país, restaurar a democracia, "aliada pela Europa ocidental" e reconstruir a nação "com base na reconciliação de todos os portugueses".

Quem é o ex-general Antônio de Spínola, que hoje se arvora em libertador do povo português? O sr. Spínola é um militar de péssimos antecedentes ideológicos e políticos, que colaborou com os nazistas na última guerra mundial, serviu docilmente, durante vários anos, à ditadura salazarista e caetanista e, na defesa do capitalismo português, comandou inúmeros massacres de negros rebeldes nos "territórios ultramarinos".

Quando ocorreu o movimento de 25 de abril, que derrubou a ditadura fascista, a pergunta que nos fazíamos era precisamente essa, quais são os antecedentes ideológicos e políticos do homem que aparece como líder do movimento nacional de libertação? E, a outra pergunta, após conhecer esses antecedentes, consistia em indagar se um homem com tal passado poderia realmente liderar a luta contra a ditadura e pela restauração da democracia. A resposta à segunda questão nos foi dada pelos fatos, pelo desenvolvimento da revolução que, rapidamente, expeliu do seu processo o general fascista Antônio de Spínola. Como os leitores devem estar lembrados, o general tentou, antes de ser apeado do poder, mobilizar a "minoría silenciosa" que, na realidade, se confundia com as forças da direita ou da reação.

Na entrevista que acaba de conceder à imprensa mundial, o sr. Spínola nos dá uma informação muito importante a respeito da origem dos recursos com que está financiando o Movimento Democrático de Libertação de Portugal, dizendo-nos que o movimento é subvencionado "pelos bons portugueses espalhados pelo mundo". Dir-se-ia que mais importantes do que esses recursos são os objetivos do movimento, "a luta pela emancipação econômica, social e política do povo português e pela dignidade, soberania e independência de Portugal". Poderíamos observar, desde logo, que, assim formulados, esses objetivos são extremamente vagos e podem ser as metas de movimentos políticos profundamente discordantes, em relação ao próprio conteúdo dessas metas e à maneira de realizá-las. Poderíamos, também, registrar o atraso com que o ex-general, que está com 64 anos de idade, se dispõe a lutar pela emancipação econômica, social e política do seu povo. Porque, se, embora com grande atraso, chegou à conclusão que deveria travar essa luta foi por admitir que o povo português não é um povo emancipado econômica, social e politicamente. O sr. Spínola, no entanto, serviu, durante décadas, à ditadura fascista cuja razão de ser era precisamente impedir essa emancipação. Por mais ignorante que seja, o ex-general não deve ignorar que o fascismo não passa, historicamente, da última trincheira da burguesia na luta pelos seus privilégios.

Mas, dizíamos que a informação sobre a origem dos recursos era importante, e acrescentaremos agora, mais importante do que os alegados objetivos do movimento spinolista, porque revela a verdadeira natureza dessa conspiração e os interesses reais que pretende defender. Quais são os "bons portugueses espalhados pelo mundo"? Esses "bons portugueses", a julgar pela nossa experiência, se dividem entre os modestos comerciantes de padaria e de botequim, figuras quase folclóricas, há muito incorporadas ao anedotário brasileiro, personagens politicamente alinhados e sem condições de financiar movimentos de libertação, e os chamados "comendadores", emigrantes bem sucedidos em outros ramos do comércio ou da indústria. Esses "comendadores", embora sejam geralmente brancos e semi-analfabetos, nem por isso deixam de ser muito conscientes em relação aos seus interesses. São eles que constituem a "colônia portuguesa", conservadora e reacionária, que sempre apoiou a ditadura fascista de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano.

OS "bons portugueses espalhados pelo mundo", a que se refere o ex-general, em condições de estipendiar o movimento spinolista, são, portanto, os portugueses ricos, milionários, interessados não na pretensa restauração da democracia, mas na manutenção do capitalismo. Os "comendadores" apoiaram a ditadura fascista porque essa ditadura defendia os seus interesses, e hoje se dispõem a financiar a luta contra o atual governo português, não porque esse governo seja antidemocrático, mas por ser socializante e representar uma ameaça direta aos seus interesses. Por que confiam no ex-general e lhe dão dinheiro para organizar a invasão armada do seu próprio país? Confiam no ex-general e lhe dão dinheiro porque o conhecem e sabem que é tão

DEMOCRACIA OU CAPITALISMO?

ROLAND CORBISIER



reacionário quanto eles e tão interessado quanto eles na restauração da "democracia burguesa", quer dizer, do capitalismo.

É próprio, característico dos reacionários, burgueses e pequeno-burgueses, falar da democracia em abstrato, como se a democracia não fosse forma e conteúdo ao mesmo tempo, forma abstrata que, ao realizar-se historicamente, assume este ou aquele conteúdo. A democracia instaurada pela revolução francesa, não é forma apenas, abstrata ou separada do conteúdo, mas, ao contrário, forma política de um conteúdo econômico perfeitamente determinado, quer dizer, o capitalismo. O que a revolução de 1879 instaurou não foi, portanto, qualquer democracia, mas a democracia burguesa. Ora, que é, historicamente, a democracia burguesa se não a ditadura de determinada classe social, a burguesia? A democracia só interessa à burguesia na medida em que lhe permite manter os seus privilégios, e, antes de mais nada, a apropriação privada dos meios de produção. A partir do momento em que, movida pelas próprias contradições, a democracia política se torna uma ameaça à ditadura econômica da burguesia, a burguesia não

hesita em sacrificar a democracia política e instaurar a ditadura, eliminando assim, provisoriamente, a contradição entre a forma e o conteúdo.

Nenhum exemplo poderia ser mais significativo, nesse sentido, que o do Chile. Embora socializante, o governo de Salvador Allende era um governo democrático eleito e confirmado pelo voto popular em dois pleitos consecutivos. Insistindo em realizar o socialismo dentro de uma estrutura burguesa, sem alterar os aspectos jurídicos e políticos dessa estrutura, sem transgredir a constituição e as leis, Salvador Allende ficou indefeso em face da conspiração interna e externa que acabou por assassiná-lo, eliminando a democracia e implantando a ditadura. O golpe de Estado desferido no Chile, dos mais violentos, brutais e sanguinários de que há notícia no continente, deixou bem claro que o compromisso da burguesia não é com a democracia mas com o capitalismo. O essencial, para a classe que detém o monopólio dos meios de produção, não é a soberania popular, o sufrágio universal, as liberdades democráticas e os direitos do homem, mas o seu status de classe economicamente dominante e politicamente dirigente.

Pouco importa que, na aparência, o poder político passe a ser exercido pela guarda pretoriana, assistida pelos técnicos pretensamente apolíticos. Na realidade, o que se defende, se preserva, se mantém, é a situação de classe da burguesia, a apropriação privada dos meios de produção, o capitalismo. E a mesma burguesia que apoiava o governo "democrata-cristão" de Eduardo Frei, passou a apoiar a ditadura fascista e reacionária do sr. Augusto Pinochet.

O PROBLEMA que se apresenta, portanto, é o de saber se é possível destruir o capitalismo e instaurar o socialismo por via legal e pacífica, sem recorrer à violência. Por que dissemos, linhas atrás, que a democracia burguesa não passa, a rigor, da ditadura da burguesia? Porque, nessa democracia tal como se configurou após a revolução francesa, a burguesia detém o poder econômico e o poder político, embora seja uma classe minoritária. Ora, o domínio da maioria pela minoria, respaldado na força das armas, é a ditadura dessa minoria, sempre disposta a reprimir pela violência qualquer ameaça mais séria aos seus interesses e privilégios. A democracia burguesa, assim como o feudalismo, é um produto histórico, uma estrutura econômica, social e política que evolui ao longo do tempo, trabalhada por suas contradições internas. Na fase agônica do capitalismo, monopolista e imperialista, essas contradições se exacerbam, e, de modo particular, a contradição fundamental, entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção, quer dizer, a apropriação privada dos meios de produção.

A democracia, de conteúdo burguês, torna-se então insustentável. Em face do desenvolvimento das forças produtivas, nada mais justifica a apropriação privada dos meios de produção, ou, se preferirmos, nada mais justifica que a economia funcione tendo em vista o lucro do empresário privado. A razão de ser do processo econômico, em consequência do progresso científico e tecnológico, deixa de ser o interesse privado e passa a ser o interesse público. Tal é, em linhas gerais, a lógica do processo, que se desenvolve à revelia das nossas opiniões e de acordo com as leis que lhe são próprias. A destruição das superestruturas jurídicas e políticas do capitalismo, no entanto, não tem ocorrido pacificamente, porque as classes dominantes não abrem mão, sem luta, dos seus privilégios. A burguesia foi implacável com a nobreza feudal e tem sido implacável com a classe trabalhadora. Não é de surpreender, portanto, que as classes trabalhadoras, na luta pela sua emancipação econômica, social e política, sejam, por sua vez, implacáveis com a burguesia.

O ex-general Spínola, que não chega a ser um teórico da política, apesar de seu opúsculo sobre o futuro de Portugal, quer combater a "ditadura marxista" instalada em seu país e "instaurar uma democracia alinhada pela Europa ocidental". Com outras palavras, o que o sr. Spínola pretende restaurar é a democracia burguesa, quer dizer, o capitalismo. Por isso está contando com o apoio dos "comendadores" e de todos os Champalimauds, fascistas, salazaristas e caetanistas, e também de algumas das figuras mais representativas do reacionarismo brasileiro. Que significa dizer que há em Portugal uma ditadura marxista? Um governo da classe trabalhadora, aliada aos militares, em luta contra a minoria burguesa, opressora e espoliadora? Nesse caso, o governo dos trabalhadores, que constituem a imensa maioria, a quase totalidade da nação, não seria uma ditadura, mas um governo democrático, se por democracia se entende o governo do povo, isto é, da maioria, em benefício do próprio povo.

Ao pretender restaurar a democracia burguesa e capitalista, o sr. Antônio de Spínola revela o seu reacionarismo e a mais completa incompreensão do sentido da história. Após as revoluções socialistas, não se pode mais falar de democracia em abstrato, como forma pura, separada de qualquer conteúdo. Assim como a grega, a democracia burguesa é uma falsa democracia, porque a igualdade que estabelece é a do cidadão em face da lei, igualdade meramente formal e jurídica, negada, efetivamente, pela desigualdade econômica e social.

Até a liquidação definitiva do capitalismo, a democracia trabalhista, ou dos trabalhadores, que procura destruir os privilégios de classe e instaurar a igualdade econômica e social, pela apropriação coletiva dos meios de produção, não pode deixar de apresentar-se, aos olhos da burguesia, da reação, como se fosse uma ditadura. Na luta contra a opressão e a espoliação feudal, a burguesia cortou a cabeça de Luís XVI e de Maria Antonieta. Nada mais consequente que as classes trabalhadoras portuguesas, aliadas aos militares esclarecidos, ao expropriar os expropriadores, acertem suas contas com a burguesia lusitana, fazendo justiça ao sr. Champalimaud e consortes, e aos seus serviços, como o ex-general Antônio de Spínola.

GRUPO CONCIC: 50 ANOS AJUDANDO A CONSTRUIR UM PAÍS.

**Concic Empreendimentos Ltda.
Concic-Portuária
Agro-Pecuária Beira Rio S.A.
Construções Especializadas S.A.
Prisma S A-Indústria de Premoldados
Cia. Satélites de Terrenos
Cia. de Expansão Urbana**

SALVADOR·RIO·S. PAULO·BRASILIA·FORTALEZA·BELEM



GUINÉ-BISSAU: UMA NAÇÃO EM CONSTRUÇÃO

**"Independência não deve ser ganha, deve ser defendida".
dizia sempre Amílcar Cabral, o grande
líder da luta de libertação da Guiné-Bissau, assassinado
pelo fascismo português. Em entrevista à Crítica,
concedida em Nova Iorque,
o embaixador (junto à ONU) Gil Fernandes
mostra como a independência de seu povo está sendo
conquistada e defendida na prática.**

Como a grande maioria dos embaixadores dos Estados independentes africanos, Gil Fernandes, jovem, reflete a própria vitalidade da luta de seu povo. Com 37 anos, é membro do Conselho Superior da Luta o que corresponde ao Comitê Central do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde. É também embaixador extraordinário plenipotenciário nos Estados Unidos e representante permanente da missão da Guiné-Bissau junto às Nações Unidas. Nenhum dos grandes problemas que seu país tem pela frente ficaram sem resposta, nesta conversa com nosso correspondente. Pelo contrário, foram assumidos, explicados e debatidos sem qualquer subterfúgio. É o que veremos a seguir.

C - Qual o significado do princípio de Amílcar Cabral - "Independência não deve ser somente ganha, deve ser defendida" - na nova etapa de construção do Estado independente de Guiné-Bissau?

GF - A independência deve ser garantida pelo partido, órgão supremo do novo Estado, deve ser constantemente vigiada pelo povo contra qualquer tentativa de impedir a construção de nossa sociedade. Além disso, a independência, qualquer forma que ela assumia, é um problema basicamente econômico. A emancipação de nosso povo politicamente é possível quando o for economicamente. Quer dizer que para nós, em Guiné, não faria sentido ter-se lutado 15 anos se daqui a, digamos, 5 ou 10 anos não houver independência econômica. Como também dizia Amílcar Cabral, "a luta não é feita para permanecer somente como idéia na cabeça de um teórico ou de um filósofo". Nossa revolução foi feita pra prever os problemas básicos da massa, para educá-la, para resolver os problemas materiais a fim de que os camponeses possam entender os passos de sua vida e andar para a frente... Para nós em Guiné, se não conseguirmos elevar o nível de vida da população então vamos dizer que nossa revolução foi um fracasso.

C - Assim, dentro dessa perspectiva, as prioridades serão voltadas para resolver os problemas dos camponeses?

GF - Sim. Em Guiné há potencialidades grandes. Estamos hoje preocupados essencialmente em desenvolver uma agricultura forte. Guiné é muito rica e é preciso fundar uma nova economia baseada na agricultura para então alcançarmos níveis mais elevados que sirvam de apoio ao futuro desenvolvimento industrial. Dentro da programação global que estamos estabelecendo o essencial é criar uma agricultura resistente e auto-sustentada. Depois sim, iremos desenvolver as potencialidades da industrialização, o petróleo, os minérios. Porque o problema crucial no momento é o da mão-de-obra e seu nível técnico. Isso quer dizer que é mais prático ter um país independente baseado inicialmente na agricultura, e mais tarde virá o resto...

C - Você tocou no problema dos quadros...

GF - O PAIGC tinha desde 1964, como linha básica, o princípio de que "todos os que sabem devem ensinar aos que não sabem". Desse princípio passamos à ação de libertar as regiões e de assumirmos a direção política dessas regiões. Concentramos então na tarefa de construção de escolas de formação ao nível de toda a população libertada. O partido ao mesmo tempo assumia a função de administrar essas regiões. Desde que liberávamos uma região a partido montava a sua própria administração. Criávamos novos serviços de interesse da população. Atualmente, com a independência, o partido constituindo o novo governo nacional vem intensificando e programando a formação de quadros para assumirem as novas funções.

C - E quanto as prioridades políticas no quadro do novo Estado?

GF - Estamos trabalhando intensamente para a constituição desse programa baseado



Amílcar Cabral (C) na ONU em 72, com Marcelino dos Santos (D) e Gil Fernandes (E)

na ação política do partido. Deve-se ter em conta que até pouco tempo ainda estávamos com o problema do controle das regiões até então sob domínio do colonialismo português. Nossa prioridade agora e nossa decisão é de mobilizar a população nacionalmente.

Quanto à programação do partido, isso já está definido muito claramente em nosso programa político. O partido, desde o início de nossa luta, foi o condutor político e hoje ele assume a direção política do novo Estado. Segundo nosso programa, o Estado nasce da Luta de libertação nacional e é o partido que levou a luta de libertação até suas últimas consequências. Na constituição da República de Guiné-Bissau será o partido o órgão supremo da soberania das massas. Na estrutura do partido há o Conselho Superior da Luta, órgão máximo de legislação do programa político do partido e o Comitê Executivo da Luta (eleito pelos membros do CSL), ao qual corresponde a execução da política e tem mais a função de ser o birô político do partido.

O Estado, por sua vez, é o Estado eleito pela Assembleia Nacional de Guiné-Bissau, a qual elege em seu interior o Conselho do Estado, que corresponde à Presidência da República com 15 membros e há o Conselho dos Comissários, espécie de Executivo do Estado.

Outra particularidade de Guiné-Bissau - diferente dos outros países africanos que tiveram sua independência nos anos 60 - é que o chefe do partido, o secretário-geral Aristides Pereira, não é o chefe do Estado, o presidente do Conselho do Estado Luiz Cabral. Em termos práticos, o PAIGC foi o nosso instrumento de libertação nacional e do programa de unidade entre Guiné e Cabo Verde, enquanto o Estado é o órgão de execução da política do partido em Guiné-Bissau. Há pois um Estado em Guiné-Bissau, um Estado em Cabo Verde e o partido de Guiné e Cabo Verde.

Após a independência de Cabo Verde em 5 de julho, pela primeira vez na história de África e talvez mesmo do mundo, dois Estados soberanos e distintos são governados pelo mesmo partido, situação que é de caráter provisório.

C - A respeito da unidade entre Guiné-Bissau e Cabo Verde qual foi o processo inicial?

GF - A medida que o partido ia ocupando as regiões libertadas iam consequentemente 1973 e ratificada em 30 de junho de 1975 (com eleição da Assembleia Nacional de Cabo Verde). Agora temos um Conselho da Unidade que prepara os termos e os detalhes da unidade entre os dois países. Esse processo vai ser mais ou menos rápido, digamos seis meses.

C - A respeito da constituição das novas funções do governo, as antigas leis portuguesas ainda sobreviverão por um certo período ou dada a estrutura da nova República essas leis estão sendo modificadas?

GF - A medida que o partido ia ocupando as regiões libertadas iam consequentemente implantando nossas próprias leis econômicas, políticas, sociais, jurídicas. As leis portuguesas iam sendo suplantadas pelas do PAIGC e em alguns casos iam sendo modificadas. Basicamente aquelas leis que refletiam a estrutura colonial e que estavam mais diretamente ligadas à atividade econômica e comercial, principalmente quanto a impostos, estas foram revogadas. Agora nas regiões onde estamos implantando nosso governo tais leis serão modificadas à medida que formos consolidando nossa própria administração.

C - No último congresso do PAIGC em 1973 e recentemente em 1975 na reunião da Assembleia Popular novas medidas foram aprovadas. Quais as principais?

GF - A prioridade era a questão da constituição e consolidação do partido em áreas ocupadas pelo inimigo e levar nossa política ao nível das questões da agricultura, do governo, etc.

Em Guiné, o conceito de propriedade privada apareceu com o colonialismo. A propriedade da terra pertencia à propriedade coletiva e em Guiné nunca houve problemas da ordem de expropriação ou da distribuição de terra aos camponeses. Ultimamente, nossa Assembleia Nacional Popular regulamentou a propriedade coletiva em que o Estado é o proprietário do solo e das terras.

C - E quanto à política de investimentos, haverá a participação de capitais estrangeiros e quais as medidas que o Estado vai tomar nesse sentido?

GF - O Estado de Guiné-Bissau conta, com certeza, com a cooperação de capitais vindos do exterior. Isso dependerá dos termos propostos pelas companhias ou pelos países que queiram participar de nosso desenvolvimento. Basicamente contávamos com o capital português e alguns outros investimentos estrangeiros.

C - O fato de Guiné-Bissau não estar alinhada com os países capitalistas industrializados não provocará por parte deles um retraimento com relação a investimentos em seu país?

GF - Isso não deverá acontecer. Praticamente já existem propostas que estão sendo estudadas por nosso governo quanto aos investimentos de companhias francesas, belgas, suíças, suecas e brasileiras em relação a diversas atividades econômicas. Estamos examinando essas propostas, vendo as condições para nosso país e sua viabilidade, se são proveitosas para nossa economia.

Mas há que ver que o Estado, por si só, não pode contar com seus próprios recursos para manter um nível global de investimentos. Não há dinheiro no governo para fazer todos os investimentos necessários. Nossas atividades econômicas, por muito tempo, estavam voltadas fundamentalmente para fazer face à guerra colonial. Veja que encontramos um país completamente vazio. Por isso necessitamos cooperação econômica e investimentos e os receberemos desde que haja a aceitação do princípio de não-intervenção em nossa soberania nacional.

C - Gostaria de enfatizar esse ponto pelo perigo que pode ocorrer quanto ao problema do neocolonialismo que poderá filtrar-se através desses investimentos.

GF - O perigo existe. Mas estamos seguros do papel do Partido e da capacidade do Estado em formular leis protetivas em relação aos investimentos. Somos conscientes desse perigo e vamos tratar de estabelecer os mecanismos apropriados para impedir que isso ocorra. E tal fenômeno não é exclusivo de

Guiné, mas de toda a África e outros países subdesenvolvidos.

C - Poderíamos dizer que o PAIGC, durante a luta de libertação, chegou a se constituir num partido ou se tratava mais de uma frente que lutava contra o colonialismo português?

GF - Do ponto de vista desses anos de luta éramos uma frente, devido à constituição étnica da população. Éramos uma frente com o nome do partido. É claro que havia o agrupamento, o núcleo central dos dirigentes que estavam organizando sistematicamente o PAIGC para se constituir realmente como partido. Agora estamos redefinindo as funções e o próprio papel do partido como fundador da República de Guiné-Bissau, construtor da nacionalidade, instrumento da unidade com Cabo Verde. Tudo isso faz mudar o caráter do PAIGC como ele era definido durante a luta. Antes estávamos numa guerra contra o poder colonial português e se houvesse uma condição mínima para ser membro do PAIGC, isto era dado pelo estágio de luta anticolonialista. Na atual fase existem os problemas do neocolonialismo, o imperialismo, o não-alinhamento etc, enfim existe uma outra órbita a qual exige uma redefinição do partido.

O PAIGC começou com um grupamento de militantes. No início éramos 8 ou 9 os membros efetivos. Foram os fundadores. Depois, pelos anos 60, já havia um número maior, vamos dizer uns 30 e a cada ano, a cada região libertada iam crescendo. Eu por exemplo, entrei pelos anos 60 e contávamos aí com um número não mais que de 50 membros. Atualmente não lhe posso dizer qual o número de militantes existentes mas certamente há umas centenas de quadros.

C - E esses quadros vinham basicamente de onde, eram eles recrutados mais em Guiné do que em Cabo Verde? Parece que pelo fato de haver uma imigração de Cabo Verde para outras regiões, principalmente para Portugal, isso não significou que os quadros eram recrutados entre os caboverdeanos?

GF - Desde o início o recrutamento foi feito tanto em Guiné quanto em Cabo Verde. Essa distinção não existiu para nós e não existe. Ela é um produto da imprensa portuguesa durante a guerra, e da imprensa internacional. Você encontra quadros de Cabo Verde que nunca estiveram em Portugal, nem em Guiné, como você encontra quadros de Guiné que nunca saíram daí, mas todos pertencem ao mesmo partido, todos estavam envolvidos na mesma luta, pela mesma causa, contra o mesmo inimigo.

Por exemplo, veja o meu caso. Eu sou originalmente de Guiné, há mais de 15 anos no partido e nunca fui a Cabo Verde. Meu pai no entanto é de Cabo Verde e minha mãe de Guiné. Para nós isso não tem nenhum sentido, não há diferença, porque somos um mesmo povo e agora seremos uma mesma nação.

Essa diferença, apenas para recapitular, foi uma criação dos colonialistas que dividiam a ilha do continente. Na realidade éramos um mesmo povo numa mesma luta. Se você pergunta quantos caboverdeanos tem em Guiné ou vice-versa eu não saberia lhe responder e nem tem a menor importância. A partir dos anos 60, precisamente 1965, houve essa tentativa de separar guineenses de caboverdeanos, mas isso falhou porque constituímos um mesmo partido com a decisão de formar um só país unido e independente. Economicamente Guiné-Bissau, pode-se dizer, tem maiores recursos potenciais, é mais rica. Cabo Verde tem menos recursos e ocupa do ponto de vista geopolítico uma posição estratégica. Mas agora estamos trabalhando para sermos uma só unidade.

C - A longo prazo será viável a criação de uma confederação dos Estados independentes de Guiné-Bissau/Cabo Verde, Angola, Mo-

çambique e São Tomé, inspirada nos princípios do pan-africanismo?

GF - Dentro de um quadro no geral pan-africano isto talvez seja possível. Mas sua viabilidade é uma questão para o futuro. Guiné está muito distante de Angola e de Moçambique e isto é um problema concreto a ser resolvido. Ao nível dos partidos a cooperação foi e tem sido muito estreita. O entendimento político sempre foi muito amplo e continua a existir. São os núcleos da formação de nossos Estados independentes dentro dos mesmos princípios de luta.

C - Haveria algo que poderíamos chamar de uma "zona do escudo"?

GF - Atualmente essa zona é real, ela existe, porque estamos cobertos em termos de paridade monetária. Guiné-Bissau espera ter uma cooperação bastante grande com o governo de Portugal, e acredito que haverá entre Guiné, Angola e Moçambique uma estreita cooperação nesse sentido.

É preciso dizer no entanto que a criação de uma zona do escudo não corresponde exatamente ao que existe como a zona do franco ou a zona da libra, porque Portugal não tem a mesma dimensão econômica que tiveram aqueles dois impérios, e portanto seria difícil uma zona neocolonial do escudo.

Por outro lado, nós em Guiné já estamos elaborando, a partir da nacionalização das atividades bancárias, nossa própria moeda. Criamos nosso Banco Nacional, correspondente a um Banco Central, e dentro de certo prazo iremos substituir a moeda escudo por outra, o peso, que será nossa moeda nacional.

C - Em termos de política externa da República de Guiné-Bissau, qual a linha a ser seguida?

GF - Somos primeiramente membros e colaboramos intensamente nos organismos que representam os Estados africanos. Até bem pouco, antes da atual reunião da Organização da Unidade Africana, nosso presidente Luiz Cabral era o vice-presidente dessa organização. Trabalhamos pela unidade africana e a colaboração estreita entre os Estados independentes. Somos contra o neocolonialismo, contra o imperialismo, defendemos o princípio do não-alinhamento e da cooperação entre todos os países do mundo.

C - E a Organização da Unidade Africana tem sido o instrumento eficaz para promover a unidade africana?

GF - Acho que estamos trabalhando para isso.

C - Realizou-se recentemente novo encontro da OUA em Kampala (Uganda). A propósito, em sua opinião, quais devem ser as prioridades da organização?

GF - A prioridade, creio para todos os membros da OUA, é primeiramente o problema referente à África do Sul e Zimbabwe (Rodesia), depois a questão da Palestina e o atual problema de Angola.

C - Quanto ao problema inicial qual a posição de Guiné-Bissau?

GF - Somos pela constituição de um governo majoritário em ambos países, ou seja, adotamos a política de um homem-um voto. Significa isso, por exemplo, que Zimbabwe tem uma população africana majoritária mas o governo é ilegítimo e constituído por uma minoria. A população africana de 4 milhões e a população européia ou de descendência européia somente de 250 mil. E uma solução não poderá perpetuar-se, pois trata-se de um governo ilegítimo. No caso de África do Sul a situação é semelhante: há uns 18 milhões de africanos para somente 1/4 da população européia, mas é esta quem controla o poder político, o poder econômico e controla através da política do apartheid a maioria da população africana.

C - Essa mudança a que você se referiu, como poderia surgir?

GF - Creio que é uma mudança que tem que ser lutada pelo povo africano que vive nesses territórios. É claro que haverá apoio dos países africanos, o apoio da OUA e dos movimentos de solidariedade internacional. Mas basicamente é uma questão interna da população de Zimbabwe, da população de África do Sul; dos que aí vivem, dos que aí trabalham e lutam pela independência com apoio dos países africanos.

C - E em relação à questão da Palestina?

GF - Nossa posição é clara. Somos contra a ocupação por parte de Israel do território palestino. Acreditamos que há espaço e lugar suficientes para a coexistência entre os povos da Palestina e os israelenses. O problema de Israel é que ocuparam territórios palestinos pela força. Acreditamos que deva haver um Estado palestino. Ao nível da OUA também existe a mesma perspectiva e existe uma resolução aprovada para que se cumpra esse princípio de autodeterminação.

C - Quanto aos demais países da África, os países socialistas e do terceiro mundo, qual a política externa de Guiné?

GF - Somos solidários com o movimento de libertação, da Frelimo, do MPLA, do movimento de libertação de São Tomé e Príncipe, somos gratos ao apoio de países como Senegal e da Guiné (Conakri) que suportaram nosso movimento de independência à custa de sacrifício. Queremos ter colaboração e relações de amizade com todos os países africanos, com todos os países do terceiro mundo e com todos os demais países do mundo.

CLÓVIS ZENUM BRIGAGÃO
(Correspondente em Nova Iorque)



Zona industrial. moradia miserável ao lado de complexos petroquímicos da mais elevada e cara tecnologia

OPULÊNCIA E MISÉRIA NO 2º PÓLO PETROQUÍMICO

Na Bahia está sendo implantado o segundo pólo petroquímico brasileiro. Quer dizer, estão sendo instaladas indústrias da mais avançada tecnologia através de investimentos de milhões e milhões de dólares. Era de esperar-se, assim, uma contrapartida justa em termos de salários aos trabalhadores. Mas não é o que ocorre. Pelo contrário, o trabalhador do pólo petroquímico de Camaçari vive na mais negra miséria, mais de 50 por cento ganham menos de um salário mínimo.

Calças de veludo... O dito português pode ser aplicado sem qualquer margem de erro com relação a Camaçari, município baiano onde está sendo erguido o segundo pólo petroquímico do País, com inversões de um bilhão e setecentos milhões de dólares (quatorze bilhões e cento e setenta e oito milhões de cruzeiros). No pólo já estão funcionando 12 indústrias, dez estão em implantação e existem ainda oito projetos na fase de negociações. Mas o que significa tanta riqueza para o município de Camaçari em termos de benefícios para a sua paupérrima população? Praticamente nada. Não somos nós que estamos afirmando isso, mas sim as próprias autoridades baianas na publicação "Prefeitura Municipal de Camaçari - Programa de Desenvolvimento Social de Camaçari janeiro de 1975" - editada sob o patrocínio do Governo do Estado da Bahia - Secretaria de Minas e Energia.

Esta reportagem não se afastará um milímetro do texto oficial. As fotografias, inclusive, são reprodução das que se contém no documento, para que não se alegue ser ela contestatória. É um alerta especialmente aos ministros Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, e João Paulo dos Reis Veloso, da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, porque os dois têm repisado, enfaticamente, que "o salário mínimo atualmente, é apenas simbólico, pois nenhum trabalhador brasileiro recebe pagamento que não seja superior a ele".

Através do texto oficial, fica patenteado que o recenseamento de 1970 estava inteiramente certo ao afirmar que mais de 50 por cento da população economicamente ativa do País recebia menos de um salário mínimo por mês. Depois dos estudos do IBGE nada se modificou no Brasil, pelo menos em Camaçari, onde está funcionando, parcialmente, o segundo pólo petroquímico do País. Onde

está em implantação uma série de indústrias da terceira geração, da mais elevada tecnologia e a que requer investimentos maciços e que deveria render para os seus trabalhadores os mais elevados salários. Contudo, o documento mostra que os trabalhadores de Camaçari vivem na miséria, que mais da metade deles ganha menos de um salário mínimo mensal, vive em casebres de taipa, sem instalações sanitárias, sem água, sem luz, sem esgotos, sem escolas para os filhos.

Para que as indústrias fossem atraídas para Camaçari, a prefeitura concedeu benefícios fiscais, isentando-as do pagamento de 60 por cento do imposto sobre a circulação de mercadorias (ICM), durante cinco anos, doou os terrenos e o governo do Estado, através do Plano Diretor do Complexo Petroquímico de Camaçari (Copec), e do Centro Industrial de Aratu (CIA), urbanizou a área. Portanto, as indústrias levaram para o local apenas parte do investimento



(grande parte é financiada pelo BNDE) e o know-how, mas não está retribuindo os esforços oficiais em termos de benefícios sociais e econômicos para a população local.

Apresentação

O trabalho é apresentado pelos secretários de Minas e Energia, José de Freitas Mascarenhas, de Desenvolvimento Social, Estênio Iriart El-Bainy, de Administração e Finanças, Roberto Costa Nogueira, de Desenvolvimento Urbano, Deraldo Lima Teixeira, e de Educação, Joanice Bacelar Batista, além do prefeito de Camaçari, Humberto Henrique Garcia Ellery.

Está assim enunciado: "A Prefeitura Municipal de Camaçari, por intermédio da Secretaria de Desenvolvimento Social, vem publicando uma série de trabalhos relacionados às atividades da prefeitura na área do Serviço Social.

Em colaboração com a equipe técnica da Secretaria de Minas e Energia, foi elaborado este documento, que é parte integrante do Plano Diretor do Complexo Petroquímico e básico para a pragmatização da política de ação a ser executada pela Prefeitura Municipal no apoio à implantação do pólo petroquímico, integralmente com o Governo do Estado da Bahia.

Camaçari, março/1975"

Diz o documento oficial do governo da Bahia:

"O presente trabalho teve como finalidade o estudo de cinco subáreas da cidade de Camaçari - Lama Preta, Ponto Certo, Bomba, Papa Mel e Buri - consideradas, pela administração municipal e pelo grupo de planejamento da cidade - para atender às mudanças decorrentes da implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari - as mais problemáticas do ponto de vista urbanístico, social e econômico.

A cidade de Camaçari abriga atualmente, segundo o IBGE, uma população de 13.586 habitantes. Essa cidade se caracteriza pelo elevado índice de pobreza, evidenciado na própria urbanização, tendo como indicadores as habitações e modelo de ocupação do solo."

Ainda o documento assinala (não vamos nos afastar um milímetro das afirmações governamentais): "Considerando essas áreas, sendo a última localizada fora da trama urbana, próxima à Cerâmica Santa Marta, observa-se que as populações ali residentes alcançam aproximadamente 25,5% da população global da cidade. Vale ressaltar que não há diferenças relevantes entre essas áreas e parte muito maior da cidade, que só apresenta aspectos especiais no núcleo central onde estão localizadas as atividades e equipamentos comerciais, institucionais e sociais, e umas poucas ruas beneficiadas por calçamentos. A grande parte da cidade ocupa terrenos com um mínimo de infra-estrutura e urbanização, até o caso extremo da ocupação dos morros e baixadas de forma desordenada."

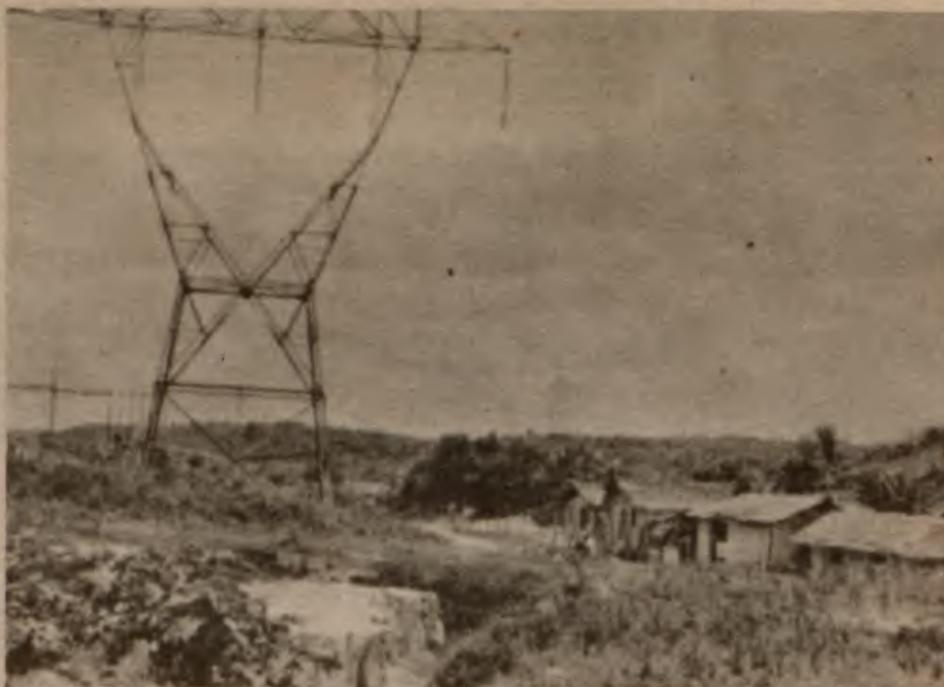
Situação social

As cinco subáreas escolhidas para o estudo apresentam a seguinte situação, sempre de acordo com o documento, considerando-se bairros de Camaçari:

● "A) Lama Preta e Buri são bairros situados sob as linhas de transmissão da Chesf, isto é, nas faixas de servidão e áreas periféricas.

O primeiro possui 927 construções, sendo 813 residenciais e o segundo, 43 habitações, localizando-se distante do centro de Camaçari. O número de crianças em idade não escolar (de 0 a 6 anos) é de 571; os de idade escolar (+ de 6 a 14 anos) é de 419 e o número de analfabetos (crianças e adultos) é de 660 pessoas.

O bairro de Buri apresenta características bem diferentes das de Lama Preta, visto ser o bairro mais precário e mais



Rede de energia: só para o pólo, os casebres não têm luz elétrica



Bairro da Bomba: o trabalhador da petroquímica vive em condições subumanas

distante de Camaçari, onde não existem casas de comércio e apenas 43 residências, cujas construções são na maioria de sapapo coberta de palha. Lá residem 213 pessoas, destacando-se 49 crianças de 0 a 6 anos de idade, 39 crianças em idade escolar, ou seja, na faixa de 6 a 14 anos, e 106 pessoas analfabetas, entre adultos e crianças.

● B) BOMBA - O bairro denominado Bomba possui 126 unidades habitacionais onde residem 624 pessoas, estando situado próximo ao centro de Camaçari. Essa área apresenta como problemas principais:

a) 47,3% das pessoas que trabalham percebem menos de 1 salário-mínimo; da população feminina que trabalha 76,6% estão nessa mesma categoria, assim como 38,2% dos operários do sexo masculino.

b) Existem 18,1% de analfabetos e 8,7% tem apenas alfabetização inicial;

c) As construções de taipa alcançam 72,9% estando surgindo construções de barracos de materiais diversos e de características as mais precárias;

d) 37,5% das casas não têm cozinha; 64,6% não têm sanitário e 54,2% não têm banheiro;

e) 56,2% da população satisfazem suas necessidades fisiológicas em local próximo à casa;

f) 43,7% dos moradores encontram-se insatisfeitos com a conservação das habitações.

Em Bomba existem 147 crianças em idade não escolar, 147 em idade escolar e 57 analfabetos, entre crianças e adultos.

● C) Ponto certo - Ponto Certo se localiza próximo à indústria Ceramus, na qual trabalham seus moradores. É um núcleo composto de 76 unidades de habitação onde residem 223 pessoas.

Os problemas que se apresentam como maiores são:

a) 42,5% da população economicamente ativa ganham menos de 1 salário-mínimo. Da população feminina que trabalha, 50% se encontram nesta categoria, assim como 31% dos homens;

b) Da população em idade escolar 87% estão fora do sistema educacional;

c) 14,6% dos moradores são analfabetos;

d) As construções em taipa atingem a 77,3% do total;

e) Das 76 moradias existentes, 41% não têm cozinha, 45% não têm sanitário e 50% não têm banheiro;

f) Não existe luz elétrica nas ruas e apenas 4,5% das casas a possuem;

Na área de Ponto Certo existem 61 crianças em idade não escolar; 40 crianças em idade escolar; 34 analfabetos. Não existem escolas no local.

● D) Papa Mel - Nesta área habitam 323 pessoas que se abrigam em 88 unidades de residência. Está localizado no perímetro urbano de Camaçari, próximo ao centro da cidade.

Entre seus maiores problemas pode-se destacar:

a) Dos 59,2% dos moradores na faixa de idade ativa, apenas 31,9% trabalham;

b) 57,3% dos que trabalham recebem menos de um salário-mínimo; 68% das mulheres e 54,3% dos homens que trabalham, encontram-se nessa situação;

c) Existem 20,1% de analfabetos e 10,7% tem apenas alfabetização inicial;

d) Em relação à construção, 75% das casas são de taipa;

e) 25% das moradias não têm cozinha, 16,7% não têm banheiro e 41,6% não têm sanitário;

f) 79,2% dos residentes satisfazem suas necessidades em local próximo à casa;

g) O estado de conservação das casas é precário.

Situação salarial

O documento aponta a seguinte situação, ao analisar a composição da renda com relação à população economicamente ativa:

- Em Lama Preta o total da população perfaz 2.063 pessoas, das quais 392 têm uma renda menor que o salário mínimo. Dessas, 129 são do sexo feminino, enquanto que 263 são do sexo masculino.

- No bairro de Buri habitam 213 pessoas. O número de moradores que trabalham é de 71 pessoas. Os que percebem menos de um salário mínimo chegam a 55, dos quais 47 são homens e 8 são mulheres;

- No Papa Mel existe uma população de 323 pessoas das quais 103 trabalham. Destas, 59 ganham menos de um salário mínimo e distribuem-se em 44 homens e 15 mulheres;

- No núcleo de Bomba residem 161 pessoas que trabalham. A parte de trabalhadores que auferem menos de um salário mínimo chega a 76 pessoas. Dessas, 47 são homens e 29 são mulheres.

- Ponto Certo tem uma população de 223 moradores; o número correspondente aos que trabalham é de 73 pessoas. Os que têm rendimentos menores que um salário mínimo chegam a 27, sendo 9 do sexo feminino e 18 do sexo masculino.

Têm-se, portanto, 419 homens e 190 mulheres que obtêm rendimentos inferiores ao mínimo previsto por Lei, num total de 609 pessoas."

É esta a situação social de 3.446 pessoas que, direta ou indiretamente, estão contribuindo para o surgimento do segundo pólo petroquímico do país. É verdade que não se pode responsabilizar as grandes indústrias que ali estão se instalando, não só da petroquímica como também do Centro Industrial de Aratu, pela atual situação. Ela já existia anteriormente ao seu aparecimento, mas que elas não serviam para o desenvolvimento social e econômico dessa boa parcela de trabalhadores está patente no documento de que extraímos trechos.

Camaçari representa para a sua população a opulência convivendo com a miséria. É provável que os resultados desse estudo despertem o governo para os problemas sociais da região e que os trabalhadores locais, um dia, se beneficiem de obra que estão ajudando a construir.

JORGE FRANÇA

RIO COR - TEL: (021) 227-0020

PRONTO SOCORRO CARDIOLÓGICO

Centro de Tratamento Intensivo - Grupos especializados e o melhor equipamento

Resp. Dr. Mário Anache (5.278) - Dr. Raymundo Dias Carneiro (4.584).

Rua Farne de Amoedo, 86, Ipanema - Rio de Janeiro



PEDRO II PROFETA DOS ÍNDIOS KANELAS

A história e a vida do índio brasileiro está, tragicamente, entrando para o terreno da galhofa. Há aí na praça, como exemplo mais recente, um filme que até foi incluído na mostra do filme etnográfico do MAM e que agora vai para as escolas quando nem feito deveria ter sido. O mínimo que se faz é mistificar a verdade. Inclusive com esta coisa ridícula de transformar d. Pedro II (que eles nem sabem quem é) numa espécie de profeta dos índios kanelas.

A imagem do índio, a partir de agora, será uma parte viva da história do Brasil a ser apresentada nas escolas. O Ministério da Agricultura financiou a maior parte dos filmes que "retratam a realidade indígena." Discursos, louvaminhas, passagens épicas de expedições oficiais e, principalmente, o grotesco ritual de vestir os índios com imensos uniformes brancos. O inescrupuloso atestado de delito de uma cultura boicotada claramente por aqueles que começam a criar uma nova história do índio brasileiro que agradeçam à nação que lhes abriu os braços, ao país que se sente orgulhoso de tê-los limpos, vestidos e "em melhores condições de vida".

Nenhuma visão sócio-política de suas tribos ou dos conflitos que surgiram com a aproximação dos brancos. Hoje índio também é cultura, como os discos. E como a Rede Globo de Televisão está sempre em cima dos lances montou esquema, organizou-se e partiu para o Maranhão a fim de filmar a tribo dos kanelas, aqueles que em 1968 foram barbaramente assassinados pelos fazendeiros da região.

E surge então no filme «Rankokã Mekra Vulgo Kanela», de Wálter Lima Júnior, uma lenda daquela tribo que fala em um prometido, aguardado por todos, que seria d. Pedro II. Como se não bastasse essa aberração, o filme explica da seguinte forma o massacre da tribo dos Kanelas: "Como o menino nasceu morto, a índia que o esperava - chamado Maria Castela - anunciou a todos que havia recebido uma mensagem onde ficara claro que eles não mais deveriam esperar, porque todas aquelas terras lhes pertenciam e por isso era preciso expulsar os brancos o quanto antes. E assim agiram. Tudo não passou de ignorância e engano dos "selvagens".

E não ficou aí. Para fechar a filmagem a Rede Globo descobriu, aqui no Rio, o índio Satu, que frente a um computador respondeu à mensagem que sua mãe havia lhe enviado. Satu foi apresentado como um integrante da FAB e sua imagem é vendida como um exemplo de modelo a ser seguido. Ocorre que, quando foi realizada a filmagem (1975), Satu já tinha deixado a FAB. Também o fato, igualmente mostrado pelo filme de Wálter Lima, de que haja demonstrado vontade de ser advogado, não se justificava mais, a partir do momento em que Satu não pôde continuar os



Satu (com a farda da FAB): a mistificação do índio no cinema

estudos durante o tempo em que fazia o serviço militar, por ter todas as horas do dia ocupadas.

A história de Satu é bem outra. Há cinco meses deixou o serviço militar e, ainda sem estudar, foi trabalhar das 9 às 18 horas, como montador, em uma galeria de arte em Ipanema, de propriedade de uma de suas protetoras. Em 1963 ele saiu da Aldeia de Escalvado, no Maranhão, com mais três índios, em viagem de aventuras. No Rio, instalou-se no Albergue João XXIII, que até 1964 abrigava estudantes de outros Estados. Conta ele: "Um dia chegaram para uma senhora e disseram "tem um indiozinho aí", e ela resolveu me proteger e passou a ser minha mãe. Tenho um outro amigo doente por índio que acabou indo trabalhar na Funai. Aí a gente não pode fazer muitos planos porque nunca sabe o que pode acontecer daqui a pouco."

C - Por que caminhos você deixou os kanelas aos 13 anos?

S - Eramos três rapazes e uma moça e fomos primeiro até Brasília, de carona. Eles já voltaram, e eram meus únicos amigos. Hoje já não tenho amigos e ando sempre sozinho. É difícil. Minha gente ainda é a minha vida e só estou querendo estudar e ter instrução para poder brigar, não pela minha tribo, mas por todo o meu

povo, porque se vou agora dizer pros doutores que eles estão errados, nada vai adiantar, porque não estudei e não tenho base, mas se Deus quiser um dia vou fazer um curso e aí vou poder dizer com segurança o que é melhor para nós.

C - No filme apresentado sobre os kanelas você aparece frente a um computador da FAB afirmando que vai ser advogado e vai trazer sua família para a cidade.

S - Eu já não estava na FAB. Gostei da idéia de seguir carreira militar, mas não pude ficar porque era preciso muito estudo e eu não tinha condições de passar nos exames. Fui reprovado duas vezes. A história daquele filme foi assim: a Globo foi lá na tribo dos kanelas filmar e mamãe mandou uma mensagem para mim. Eu fui lá ouvir e eles me filmaram dizendo o que eu estava pensando. Direito eu queria estudar, mas já não quero mais. Tem advogado demais por aí. Agora estou parado, porque o quartel não me dava condições. Ai parei.

C - De que forma você está pensando em continuar?

S - Difícil dizer. Nem sei se continuo. Encontrei muita gente que foi boa para mim, principalmente minha mãe adotiva, a quem adoro. Mas não consigo esquecer minha vida lá e por isso, de qualquer maneira, volto final do ano. Já tenho as vantagens da civilização: aprendi a ler e a escrever.

C - Mas a Funai não realiza trabalhos de alfabetização?

S - Sim, mas não como aqui. Lá os professores dão aula uma semana e nunca mais voltam. Tenho que falar com o coronel Ismar, da Funai, para ver se posso fazer um curso técnico e trabalhar no Posto da Aldeia de Escalvado, onde eu caçava, pescava, andava a cavalo e jogava bola de seringa.

C - E o massacre, contado no filme em que você aparece, através de uma lenda que fala em Pedro II? Você conhece esse cidadão?

S - Cascata. Pegaram os índios de surpresa. Uma história complicada que cada um conta de uma forma. Fui até lá na ocasião. Tinha o roubo de gadô, parece que organizado por uma índia, e isso estava irritando os fazendeiros, mas os índios todos não eram responsáveis e

foram pegados de surpresa. Depois levaram os kanelas para a terra dos guajajaras, já mais integrados, e com eles pegamos o hábito de usar roupas. Não deu certo a união e a Funai levou de volta para o local anterior. Meu avô me contava muitas histórias, como a da tribo jucá, toda envenenada. O único sobrevivente tinha cinco meses e parece que hoje é coronel na Bahia. Procurei muito ele mas só me davam informação trocada. D. Pedro II não existe em nossas lendas porque por lá ninguém sabe quem é ele.

C - E agora?

S - É isso. Eu sei que pra eu brigar tenho que estudar. Quero me formar, e só isso poderá me prender na cidade, batalhar e lutar. Mas tarde posso ir para a Funai e sentir o que sente meu povo. E aí, não vou precisar ficar calado se aparecer alguém tomando atitudes erradas, posso usar meu estudo e falar. Eu vou.

Esse foi o "exemplo de índio integrado" apresentado pela Rede Globo de Televisão sob a falsa informação de pertencer aos quadros da FAB e a não menos falsa imagem de um cidadão completamente adaptado à vida urbana. Quem conversa com Satu sente que será difícil, por toda sua formação, chegar à universidade, e que não esquece a história de seu povo, fingindo aceitar as regras do jogo.

Não se aniquila com facilidade toda uma cultura, mesmo quando é a cultura de uma raça desinformada e ingenua, mesmo quando se boicota sua verdadeira história para criar uma outra. Satu hoje tem 23 anos, fuma escondido, "morre de saudades da mamãe e da bola de seringa que jogava na tribo" e não encontra na cidade amigos que tenham uma visão da vida, ao menos, semelhante.

Vai voltar como voltaram os outros e o que aprender será usado em favor de sua gente. Mesmo educados por professores brancos, os índios vêm há muito tempo escutando as histórias contadas pelos avós, e isso, como diz o próprio Satu, "a gente não esquece". O que os índios esquecem, sim - e rapidamente - são a história e as lendas de seu povo montadas e criadas para o consumo dourado da televisão.

TANIÁ COELHO



Salvador

ARMÁRIOS EMBUTIDOS - COZINHAS - MÓVEIS
DIVISÓRIAS - INSTALAÇÕES ESPECIAIS

Ind. e Com. de Armários Emb. e Moveis Ltda. - R. Constancio Alves, 2 - Saúde - Tel. 3-1990



Bahia



documento

DOENÇA E MORTE NAS FARMACIAS

OS REMÉDIOS PERIGOSOS

Um levantamento feito por Crítica constatou a existência de mais de uma centena de remédios à venda nas farmácias e que foram banidos ou severamente controlados nos Estados Unidos.

A maioria desses remédios foi apontada por uma lista da Consumers Union, que acaba de divulgar o resultado de uma grande investigação realizada em torno da atuação dos laboratórios multinacionais no continente e que Crítica publica em primeira mão, contando a dominação estrangeira e a estratégia de venda de remédios perigosos. Crítica identifica esses remédios.

Publicamos, há duas semanas (Crítica n.º 55), uma denúncia de que remédios perigosos e até mesmo proibidos em outros países continuam sendo vendidos livremente no Brasil, podendo ser comprados nas farmácias sem receita médica ou qualquer outra restrição. Na oportunidade, baseados principalmente em pesquisas realizadas pela Food and Drug Administration (Centro de Controle de Alimentos e Remédios dos Estados Unidos), identificamos alguns desses produtos, como foi o caso dos antiácidos, dos antibióticos à base de cloranfenicol, dos complexos vitamínicos, entre outros.

Complementamos, agora aquela denúncia com um levantamento que se destinou a identificar, o quanto possível, quais são essas drogas perigosas. Foi encontrada cerca de uma centena de remédios que, se ministrados com o devido cuidado, podem ser extremamente benéficos, mas cuja venda indiscriminada constitui enorme perigo, já que sua dosagem e utilização ficam a cargo do próprio consumidor ou até mesmo do laboratório fabricante, que recomenda, em muitos casos, doses exageradas com o objetivo de induzir ao consumo máximo, em busca do lucro, também, máximo.

Isso, apesar de denúncias que se sucederam envolvendo os laboratórios multinacionais. Em março do ano passado, o deputado Jaison Barreto (MDB-SC), que é médico oftalmologista, divulgou, em Brasília, uma relação de 110 medicamentos proibidos, inúteis ou que são vendidos nos Estados Unidos com graves restrições, muitos dos quais eram vendidos no Brasil livremente ou sem as devidas restrições.

A denúncia do deputado, baseada numa lista da Consumers Union, organização de defesa dos consumidores de Nova York, sem fins lucrativos, ganhou cor na imprensa e o jornal Opinião chegou a liderar uma campanha de esclarecimento público. Logo a seguir, outro deputado, Maurício Fruet (MDB-PR) anunciou estar encaminhando aos órgãos de saúde farta documentação defendendo a "necessidade da proibição imediata das vendas de 140 tipos de medicamentos, em todo o território nacional, cuja produção, distribuição e comercialização estão proibidos há mais de um ano".

A reação do Ministério da Saúde, entretanto, foi conciliatória: "O médico brasileiro, no desempenho de sua missão, sabe diagnosticar, escolher terapêutica, decidir e orientar conscientemente seus pacientes, correspondendo à confiança que neles depositam... transferindo para estes a responsabilidade que a si caberia de não proibir totalmente a venda da maioria

desses produtos, mas de, pelo menos, restringir ou regular sua comercialização, mesmo porque, como bem lembrou Jaison Barreto, muitos deles fazem parte do repertório popular, ou seja, recomendados de pessoa para pessoa, ou pelos próprios farmacêuticos e que são comprados por gente que nunca consultou um médico a respeito.

A denúncia da Consumers Union

Quando o deputado Jaison revelou a lista da Consumers Union, no ano passado, a organização estava praticamente iniciando uma grande investigação sobre as técnicas de vendas e propaganda da indústria farmacêutica americana e suas filiais ou subsidiárias, na América Latina. Na reportagem anterior, fizemos uma ligeira referência ao resultado desse estudo, divulgado recentemente pelo jornal New York Times, e que Crítica publica em primeira mão, antes de passar ao levantamento sobre as drogas existentes no mercado.

O estudo da Consumers Union conclui que foram encontradas provas de que os laboratórios multinacionais "tiram vantagens da deficiente fiscalização" na América Latina para "continuar rotulando e anunciando (drogas) de maneira perigosa". Diz o documento que essas companhias "freqüentemente minimizam os riscos e exageram nas reclamações" para seus produtos de uma forma que não podem adotar nos Estados Unidos, devido à fiscalização federal.

De acordo com o estudo, a propósito do volume de vendas, os fabricantes de medicamentos:

"a) Recomendarão a mesma droga para uma variedade muito maior condições na América Latina do que o permitido nos Estados Unidos;

"b) Incluirão na rotulagem das drogas latino-americanas somente versões incompletas ou modificadas das restrições necessárias, apesar da importância fundamental de advertir médicos, farmácias e pacientes sobre esses perigos especiais;

"c) Vender produtos que já causaram sérios ou até mesmo fatais reações... na América Latina, como se eles fossem completamente inofensivos".

Entre as denúncias do documento, elaborado por Robert J. Ledogar sob o título "Ansia por Lucros - Alimentos e Drogas Multinacionais dos Estados Unidos na América Latina, está a de que, em pelo menos um caso, os fabricantes recomendaram uma dosagem muito maior na América Latina do que fora recomendada,

para o mesmo medicamento, nos Estados Unidos.

O estudo da Consumers Union inclui, também, um relatório de autoria do Dr. Halldan Mahler, diretor geral da Organização Mundial da Saúde confirmando a acusação de que "drogas não autorizadas para venda no país de origem são, às vezes, exportadas e comercializadas em países ainda em desenvolvimento e anunciadas nesses países para tratamento de doenças para as quais não foram aprovadas pelas agências reguladoras dos países de origem".

Depois de registrar a posição dos fabricantes de que "as companhias seguem as leis de cada país onde atuam", o documento cita vários casos concretos de drogas que nada mais são do que versões novas de outras proibidas anteriormente (Commel, Raudixin, Ovulen e outras) para concluir que "a indústria farmacêutica na América Latina é uma das mais profundamente penetradas pelo capital europeu e norte-americano: 84% da indústria de drogas no Brasil e certamente parte maior que essa na Venezuela estão controladas pelos Estados Unidos e firmas européias.

A ficha dos remédios perigosos

A relação dos 110 remédios divulgada pelo deputado Jaison Barreto, no ano passado, classificava-os em quatro tipos diferentes:

a) Os que foram banidos do mercado norte-americano - ou em virtude de se suspeitar sobre seus possíveis efeitos lesivos graves já constatados - e que continuam a ser comercializados no Brasil;

b) Os que nos Estados Unidos têm uma venda muito restrita e bastante controlada pelos órgãos de fiscalização federal, devido aos seus efeitos colaterais graves e que no Brasil são vendidos indiscriminadamente;

c) Os sem valor terapêutico, que existem apenas para aumentar os lucros dos laboratórios;

d) Os medicamentos em fase de experimentação nos Estados Unidos, embora ainda não tenham sido aprovados para uso lá e que já estão sendo vendidos em larga escala em nosso país.

A essa relação serão acrescidos outros, apontados por denúncias mais recentes, divididos de acordo com suas finalidades, a saber: drogas anti-infecciosas; esteróides e esteróides orais; antidepressivos e tranquilizantes; analgésicos, anti-inflamatórios e anti-reumáticos; anti-hipertensivos e diuréticos e outros.

SÉRGIO MACEDO

SUBSTÂNCIA ATIVA	EFEITOS COLATERAIS <small>(segundo a Consumers Union)</small>	À VENDA NO BRASIL (LEVANTAMENTO DE CRÍTICA)	SUBSTÂNCIA ATIVA	EFEITOS COLATERAIS <small>(segundo a Consumers Union)</small>	À VENDA NO BRASIL (LEVANTAMENTO DE CRÍTICA)
DROGAS ANTI-INFECCIOSAS					
Cloranfenicol	Pode causar perturbações sanguíneas graves e fatais, mesmo após um curto período de uso. Atenção para remédios para a tosse e gripe contendo cloranfenicol.	Estudos oficiais recomendaram, nos Estados Unidos, a cassação da licença para comercialização de várias dessas combinações. Entre as mais de uma dezena de drogas idas no Brasil que contém cloranfenicol. Crítica ficou: Cloromicetina (Parke Davis), indicada para o tratamento das febres tifóides dos tipos A e B, é utilizada indiscriminadamente no Brasil. Venda sem receita médica e, inclusive, o fabricante a recomenda para resfriados infantis; Clorostrep (Parke Davis), banido do mercado norte-americano, pertence ao repertório popular; Cloranfenicol (Majer-Bayer); Quemicetina (Carlo Erba); Filranfenicol (Parke Davis); Suspensão-Kanda (Kanda); Terralis (Sojal); Micolin (Química Interocontinental Farm.); Ambrasil (Lepetit); Microcetina (EMS); Vikmicina (Orbitra-sinto (Lepetit)); Lentofrex (Forma Ltda); Triagent (Laborat. Ind. Bras. de Biologia e Síntese Ltda), todos vendidos sem receita médica e acompanhados de bulas sumárias e insatisfatórias.	Reserpina	Pode causar depressões e outros efeitos colaterais adversos.	A Merck lançou um substitutivo para os anti-hipertensivos à base de reserpina (o Aldomet) e acusou: 50% dos homens em média ficaram momentaneamente impotentes e quase a metade dos pacientes tratados com reserpina sofreu diarreias, congestão nasal, turvação visual ou sonolência, ou ainda vários desses efeitos ao mesmo tempo. No entanto, permanecem no mercado o Serpasol (Ciba-Geigy); Serpizine (Geyer); Rauserpil (Lab. Pedro Breves); Terbolan (Hoechst); Bridina (Sandoz); Raudazine (Searle).
Neomicina	Pode causar surdez irreversível e/ou danos aos rins. Atenção para drogas anti-diarréicas e contra distúrbios intestinais que contenham neomicina.	A venda no Brasil: Enterocin (Johnson & Johnson); Lomotil c/Neomicina (Searle); Peclina (Mead and Johnson); Entibios (Bristol); Panotil (Zambon); Angino Rub (Mayer Meir); Guandavicia F (Rorev do Brasil); Neomicina Composta (EMS); pomada; Preortacina (Organon) - este contém, ainda, cloroprendisona, outra substância ativa de efeitos colaterais sérios. Na maioria dos casos, a bula não fala de efeitos colaterais ou de contra-indicações e todos são vendidos nas farmácias sem receita médica.	Methylothiazide	Muitos efeitos colaterais como de-sordens gastro-intestinais e sanguíneas; pode prejudicar seriamente o equilíbrio eletrolítico, causando hipocalemia (deficiência acentuada de potássio no sangue). Os mesmos efeitos são válidos para o hidroclorothiazide.	Constatada no Brasil a fabricação de Enduron (Abott); do Esidrex (Ciba); do Hydromet (Merck). Diz a bula do Esidrex que "só pode ser usado sob controle médico", mas não aponta as contra-indicações. Outros hipertensivos contra-indicados: Edercin (Merck), que pode prejudicar o equilíbrio eletrolítico, causar hipertensão aguda e problemas de sangue, fígado e rim; Eutonyl (Abott), que pode causar crises hipertensivas e outros efeitos adversos; Aquamox (Lederle); Enduron (Abott), perigoso no tratamento inicial da hipertensão.
Sulfonamidas	Pode causar discriasias (perturbações) sanguíneas (às vezes fatais) e muitos outros efeitos colaterais adversos. Usado principalmente nas infecções do trato urinário.	Mesulfin (Ayerst); Gantrisin, como a bula adverte que, "não deve ser usada em recém-nascidos até as primeiras semanas de vida", como única precaução; Gantanol (Roche), segundo a bula "medicamento bem tolerado. Os raros efeitos secundários clinicamente perceptíveis limitam-se a distúrbios gastro-intestinais sem gravidade (náuseas, vômitos) e a reações cutâneas transitórias (exantema); Bactrin (Roche); Espectrin (Wellcome); Selctrin (Biosintética); Trimexasol (ICN - Usafarma), inclusive pediátrico, e Dientrin (ICN - Usafarma).	Stanozolol	Droga indicada nos EUA apenas para anemia aplásica (a medula não produz glóbulos vermelhos), osteoporose e nanismo pituitário. Há informações de que é vendido na América Latina para crianças que sofrem de pouco apetite, fadiga e perda de peso. Contudo, a droga, dada nas doses prescritas por longos períodos de tempo, causa o fechamento prematuro da epífise, que resulta em atrofia prematura do crescimento.	No Brasil é utilizada na fabricação do Winstrol (Winthrop). Suspenso para uso pediátrico, é um medicamento popular considerado até mesmo um simples "estimulante" do apetite das crianças. A referência da bula a contra-indicações não parece clara: "poder exercer alguma ação androgênica colateral, em geral reversível" etc. Situação semelhante é a da methandrone-stenolone, utilizada na fabricação do Dianabol e do Dianavit (Ciba).
Tetraciclina	Antibióticos de largo espectro usados para uma variedade de infecções têm muitos efeitos adversos. Essas drogas não devem ser usadas por crianças de menos de oito anos ou por mulheres na segunda metade da gravidez, pois as tetraciclina podem causar descoloramento permanente dos dentes (amarelomarron).	Nos Estados Unidos, geralmente as combinações de tetraciclina com sulfamidas não são recomendadas pela FDA. Apesar disso, Uroterra (Pfizer), uma combinação de oxitetraclina com sulfamida é vendida livremente nas farmácias. Contém, ainda, tetraciclina; Introzima (Cosmofar); Febutolclina (Bracco Novotherapica); Pulmatol Tetra (Química Interocontinental Farm.); Parenzyme Tetraciclina (Richardson Menell Mouta Brasil); Versatrex (Bristol); Tetrex e Tetrex APC (Bristol); Tetrex com Sulfas e Tetrin (Bristol). Os medicamentos do tipo Tetrex são vendidos em praticamente todas as farmácias sem qualquer controle ou exigência.	Prednisona, Oxitetraclina e Betametasona	Todas essas drogas são corticosteróides e todas têm a mesma variedade de perigosos efeitos colaterais. Atenção para a presença de esteróides em preparados para tosse e gripe, anti-alérgicos, analgésicos e remédios para os males gastro-intestinais.	Fenergin (Silva Araújo-Russel); a bula diz que contém deltaldicortizona, enquanto a embalagem diz conter, ainda prednisona; Metretrol (Schering); segundo a American Medical Association, esse colírio é uma combinação irracional por constituir uma substância que requer doses fixas. Quanto à betametasona, foram indicados: o Celestone, o Celestamine, o Celestazone, o Celestoderm e o Celestone Soluplan, todos da Schering, além do Betnovate (pomada e creme); Betnovate N (com neomicina); Betnovate Capilar e Betnovate Q (com cliquinol) e Betnesol Injetável, todos da Glaxo do Brasil S/A.
ANALGÉSICOS, ANTI-INFLAMATÓRIOS E ANTI-REUMÁTICOS					
Dipirone	Pode causar agranulocitose (destruição dos glóbulos brancos de sangue) fatal. Atenção para a dicipirone e aminopirina (basicamente a mesma droga, sendo vendida como simples analgésicos e antifebris).	Vendidos no Brasil: Novalgina (Hoechst) - exatamente o mesmo medicamento que o Conmel e vendido indiscriminadamente nas farmácias; Beserol (Winthrop); Dorflex (Laborat. Merrel); Dorsedin (Wander); Sintaverlin (Merck); Lisador (Formasa) e o Ponstan (Parke Davis que, segundo a American Medical Association não se mostrou mais eficaz do que a aspirina (ácido acetil-salicílico).	Hycanthona	Desaprovado nos EUA, causou câncer em cães. Pode causar danos ao fígado das pessoas.	Mesmo sem ser sido aprovado para comercialização em nenhum país do mundo, o Brasil adotou-o (Efenol, da Winthrop) nas campanhas para a erradicação das esquistossomose (vide Crítica n.º 55). Foi retirado do mercado devido à concorrência de outro produto e não por ser perigoso.
Indomethacin	Droga muito tóxica com efeitos colaterais graves.	Vendidos no Brasil: Indocid (Merck), relativamente popular, e Indocid Deca (Merck).	Bromhexine	Desaprovado nos EUA, pois pode provocar convulsões e catarata.	Banido dos EUA, o Bisolvon (Roche) pertence ao repertório popular. A bula não só não menciona qualquer contra-indicação como ainda recomenda, nos casos crônicos, tratamento prolongado, que não oferece qualquer risco.
Phenylbutazone e Oxyphenbutazone	Droga excessivamente tóxica, com vários efeitos colaterais.	No caso da primeira substância, Butazolidina (Geigy) e Butazona (De Angeli), ambos medicamentos populares e de vendas não controladas. Há outros produtos de laboratórios menores. Quanto à oxyphenbutazone, há o Tanderril (Geigy), medicamento popular, e o Tandrex (Sintofarma). As bulas apontam as contra-indicações, mas não enfatizam a toxicidade do medicamento.	Nitrazepam	Ainda experimental nos EUA. Ainda não aprovado por causa de sua toxicidade. Pode causar disfunção do fígado e causar doenças no sangue.	É o caso do Mogadon (Roche), do Nitrazepam (Farmasa) e do Medazepam. A venda do Mogadon é controlada, mas sem muito rigor.
Pentazocine	Poderoso analgésico que pode criar vício. Vendido sem qualquer advertência quanto a esta característica.	Identificado, preliminarmente, apenas o Sossogon (Winthrop). Bastante conhecido, hoje está controlado. A bula destaca suas implicações, mas termina por afirmar que a Organização Mundial da Saúde considerou injustificada a imposição de venda sob controle.	Trimethadione	Pode causar malformações congênitas, doenças da pele, dos rins e do fígado, entre outros efeitos colaterais graves.	No Brasil existe apenas o Tridione, cuja venda é controlada.
ANTIDEPRESSIVOS E TRANQUILIZANTES					
Phenelzine sulfato	Poderoso antidepressivo. Advertências americanas dizem que a droga pode ser usada apenas em pacientes que não responderem a outros tipos de terapia. Pode ter muitos efeitos adversos.	No Brasil, encontrado apenas o Nardil, fabricado pelo Laboratório Warner.	Anticoncepcionais	A maioria dos anticoncepcionais à venda no Brasil pode ter efeitos colaterais adversos, segundo a Consumers Union, como tromboflebitis, embolismo pulmonar e trombose cerebral.	É o caso do Novulon e Novulon S (Johnson e Johnson); Ovulen (Searle); Evonar (Fontoura Wyeth); Neovlar e Primovlar (Berlmed); Norlestrin (Searle) e Desillean (Searle). O Provera e o Provera Teste foram banidos dos EUA por medida de segurança, enquanto o Micronor (J & J) é contra-indicado na gravidez, podendo causar características masculinas em fetos femininos.
Amitriptyne hidrocloreto	Pode ter uma variedade de efeitos colaterais cardiovasculares, psiquiátricos, neurológicos, alérgicos, hematológicos, gastro-intestinais e endócrinos. Assim como outras substâncias tais como imipramine hidrocloreto.	Constatada no Brasil a fabricação apenas do Tryptanol (Merck) e do Trofanil (Geigy).	Kolantil	Segundo a American Medical Association, mistura irracional, não recomendada porque a dose de cada agente deve ser individual e porque seu antiácido tem propriedades absorventes que podem interferir na ação do antiespasmódico.	Kolantil (Merrel) é vendido no Brasil há 20 anos.
Perphenazine e outros	Poderoso tranquilizante para controle de desordens psicóticas. Pode ser usado também como antiemético para controlar náusea severa e vômitos, mas também pode ter efeitos colaterais severos, ocasionalmente fatais. Idem para substâncias como trifluoperazine, thiothixene, thioridazine e haloperidol.	Fabricados no Brasil Mutabon (Schering); Prantal (Schering); Stelazine (SKF); Navane (Pfizer); Melleril 50 (Sandoz) e Haloperidol (Johnson & Johnson). Outro tranquilizante, o Triperidol (J & J) foi desaprovado para comercialização nos EUA mas é vendido no Brasil sob controle. Também o Tegretol (Geigy) pode causar a morte, segundo a Consumers Union, por desordens hematológicas, além de ter muitos outros efeitos colaterais graves.	Coramina	Segundo a American Medical Association (AMA) não tem valor terapêutico e pode ser perigosa porque a margem de erro entre as doses anoléticas e as doses convulsivas é muito pequena.	Vendida no Brasil desde 1936, a Coramina, segundo sua bula, não tem contra-indicações. É fabricada pela Ciba Geigy.
			Librax	É uma mistura irracional, segundo a AMA.	Librax (Roche) é vendido no Brasil há dez anos, recomendada contra ansiedade e tensão psíquica com reflexo no aparelho digestivo.
			Hexaclorofeno	Análises da FDA, nos Estados Unidos, constataram que, além de sua eficácia ser duvidosa em muitos casos, o hexaclorofeno apresentava riscos de danos no cérebro, através da infiltração no sangue (vide Crítica n.º 55).	O hexaclorofeno foi proibido, no Brasil, para fabricação de alguns produtos como dentífricos, cremes de barbear e cremes. O nome da substância sumiu das embalagens, mas há desconfiância de que não tenham saído das fórmulas (vide Crítica n.º 55). O Fisohek é um dos produtos, ainda à venda nas farmácias, que contém hexaclorofeno.



O depoimento de Glauber Rocha que Crítica publicou na edição passada (nº 56), por deficiência de ordem técnica cujo controle escapa de nossa responsabilidade, saiu truncado, infelizmente. Por sua importância e pela repercussão que alcançou, e ainda por respeito ao autor é a nossos leitores, Crítica se sente na obrigação de republicar a parte em que ocorreu o truncamento. Mais uma vez lamentando o fato e pedindo a compreensão de nossos amigos.

Udigrudi: uma velha novidade

O udigrudi surgiu (1969, depois do Ato-5) no auge do tropicalismo teatral e musical que são filhos do cinema novo: o tropicalismo começa com «Terra em Transe», em 1967, e a prova disto é que «O Rei da Vela» é dedicado a «Terra em Transe». Os jovens cineastas Tonacci, Sganzerla, Bressane, Neville e outros de menor talento levantaram-se contra o cinema novo, anunciando uma velha novidade: cinema barato, de câmara na mão e idéia na calça. Para precisar historicamente: o primeiro filme udigrudi brasileiro é «O Câncer», agosto de 1968, com dois marginais, Carvana (branco) e Pitanga (negro). Logo, «O Anjo Nasceu» com Carvana (branco) e Milton Gonçalves (negro) é um plágio.

A crítica, frustrada diante do cinema novo, tentou usar esses revisionistas. Os filmes udigrudi são ideologicamente reacionários porque psicologistas e porque incorporam o caos social sem assumir a crítica da história e formalmente, por isso mesmo, regressivos. São uma mistura do Godard anarquista pré-67 e do formalismo fenomenológico e descritivo de Warhol, e nenhum deles conseguiu o que pretendia: libertar o inconsciente coletivo subdesenvolvido num espetáculo audiovisual totalizante. Esses filmes são diluição do cinema novo e não reinvenção. A prova deste fracasso ideológico e formal foi a superação histórica do Teatro Oficina, da música tropicalista e do próprio udigrudi.

Logo, não houve morte do cinema novo mas fragmentação do processo criativo coletivo com a dissolução da Difilm. E sem qualquer dúvida os filmes do cinema novo (incluindo História do Brasil e de certa forma Claro!) dos quais Amuleto e Guerra Conjugal são os últimos exemplos, são os melhores filmes produzidos no Brasil, da mesma forma que teoricamente São Bernardo é o melhor filme materialista dialético e histórico depois das proposições de Godard a partir de 1969 com o grupo Dziga-Vertov, já extinto.

O problema é que nenhum crítico brasileiro teve jeito de analisar esses filmes a fundo. Não existe crítica de cinema no Brasil se excetuarmos hoje Paulo Emílio Salles Gomes e seus alunos, mas nem todos estão livres de preconceitos paulistas, e alguns jovens que tentam mas se sentem cortados do processo. Crítica quer dizer análise da matéria audiovisual e sendo o cinema a síntese do pensamento contemporâneo, o crítico sem cultura não existe. Os defensores do cinema comercial são representantes de uma ideologia fascista que se aproveitaram da crise do cinema novo para investir nas lições de produção do cinema novo e aplicá-las na ilustração comercial de temas psicossociais do cinema novo. Este cinema de pornochanchada é o miserável espelho de um fascismo congênito. As pornochanchadas realizadas por analfabetos, grossos, cafajestes, da classe média, servem apenas como relatórios, como informação do grau de fascismo, da neurose e da paranóia desses produtores. Defender o cinema de Massaini é defender a ideologia fascista cabocla em seu grau mais agressivo, perigoso e envenenante. As pornochanchadas realizadas por diretores intelectualizados são piores ainda porque revelam o acordo que alguns intelectuais covardes e fracas fazem com sua própria consciência e com o sistema fascista cinematográfico. O mais grave é o fato de esses cineastas falarem publicamente de seus filmes como produtores revolucionários, tentando iludir o Estado e o povo com suas malandragens mal teorizadas e pior realizadas.

A dialética do cinema

O cinema brasileiro hoje divide-se em:

I - Produtores, escritores, diretores e atores comerciais, ignorantes e analfabetos que fazem pornochanchadas, policiais, aventuras, históricos e cangaceiros. Podem ser chamados de produtores fascistas primitivos do espelho passivo do subdesenvolvimento;

II - produtores, escritores, diretores e atores comerciais de origem cinemanovista, os artesãos intelectualizados, que são os produtores fascistas conscientes do espelho passivo do subdesenvolvimento. A este grupo junta todos os cineastas técnicos e atores que vendem sua força de trabalho ao cinema publicitário e à televisão. A TV, aliás, absorveu escritores, atores, diretores e destruiu a fonte criativa da dramaturgia nacional gerada pela Arena nos anos 50, mas esta é outra estória. Desse inferno pouca gente escapa;

III - produtores, diretores, escritores e atores revolucionários que são os produtores críticos antifascistas do espelho ativo do subdesenvolvimento. Estes são os membros do cinema novo e do fraccionismo udigrudi, se bem que hoje, com a superação do udigrudi exista apenas o cinema novo e suas contradições criativas internas.

A Crítica nunca entendeu - a crítica brasileira menos que a internacional - que a dialética do cinema é justamente a proliferação de estilos individuais dentro de uma estratégia econômica e política global. Por isto todos os ataques ao cinema novo são fruto de uma velha crítica de inspiração literária.

A Embrafilmes não pode constituir-se numa fábrica de cinema comercial que em nome da indústria e do desenvolvimento favoreça a pornochanchada, o cinema comercial intelectual, e paternaliza o cinema novo. Mas esta é uma questão de política cultural, que depende da política econômica. Tem o presidente Geisel um programa cultural? Ao mesmo tempo tem a Embrafilmes um programa cultural? O cinema financiado pelo Estado deve ser para educar e não para contribuir ainda mais para a ignorância da população. Daí, o dilema cinema comercial brasileiro a qualquer preço ("é melhor a chanchada nacional que a europeia" é uma frase fascista, ignorante, oportunista e pseudo-nacionalista) e cinema revolucionário refletir o dilema nacional entre desenvolver a matéria e destruir o espírito ou desenvolver o espírito libertando a matéria. É uma questão de filosofia e por isso a Embrafilmes não pode se dar ao luxo de defender uma política conciliatória porque estará apenas destruindo o cinema brasileiro pela cadeia tecnocrática da sua regulamentação.

A propósito: contesto as normas estabelecidas para aceitação de trabalhos dos cineastas estereantes. Somente uma nova geração de cineastas - e estou certo que ela existe no Brasil, como provam os festivais de cinema amador e a proliferação do super 8 - pode retirar o cinema brasileiro de sua atual crise, e os fundamentos básicos para isto estão no cinema novo.

O poder de saber e o poder de fazer

Sou contra a burocratização da Embrafilmes, como também não aceito e repilo a consagração de cineastas ou produtores que usam o cinema novo como bandeira quando precisam pedir dinheiro ao Estado mas que o atacam quando é conveniente dizer ao Estado que o cinema novo é antiindustrial e politicamente revolucionário. Ora, Roberto Faria está na Embrafilmes por causa do cinema novo e a distinção entre o cinema novo e o governo começou com minhas declarações em Visão de março de 1974: se o Ford pode distender com o Breznev porque eu não posso distender com o Geisel, ainda mais que ele não é o Ford e eu não sou Breznev?

Todo este caos gera outra problemática: o fracasso do marxismo-leninismo-trotskyismo na Europa e a liberdade que temos nós, filhos do Terceiro Mundo, de pensar em criar um novo mundo cortado definitivamente do velho.

Tenho a criticar nos cineastas brasileiros, incluindo mesmo alguns do cinema novo, primeiro, a tendência a aceitar as pressões do luxo industrial e de considerar a dificuldade de comunicação com o público como um defeito do cineasta, uma espécie de defeito à semelhança de pecado original individual, sem ter sensibilidade pra ver que é difícil inserir filmes revolucionários num mercado estruturado pelo imperialismo, e depois, de não terem coragem ou lucidez pra ver que a beleza da criação, que é a vida, reside justamente nesta luta contra o obscurantismo.

O cineasta brasileiro que entrou no processo de descolonização com «Rio 40º» não pode se deixar recolonizar pelo paternalismo da Embrafilmes ou pelas pressões do industrialismo, que, aliás, não pode sobreviver internacionalmente sem mão-de-obra qualificada e esta mão-de-obra qualificada quem tem é o cinema novo. Logo, se o cinema novo detém o poder de saber, detém o poder de fazer. Entregar o ouro aos bandidos é fraqueza e chegou o momento de se livrar das falsas dependências e assumir o destino com a câmara e a vida em benefício da sociedade.

GLAUBER ROCHA

Roma - agosto de 1975

Mourão debate sua obra na Argentina



Gerardo Mello Mourão, esteve na Argentina na última semana, a convite do Instituto de Investigaciones Médicas, da Universidade de Buenos Aires, que é hoje um dos centros de estudos humanísticos mais importantes do continente. Depois de Jorge Luís Borges e Cortázar, Gerardo Mello Mourão foi o terceiro escritor convocado por aquele organismo para ali debater sua própria obra de romancista e de poeta.

Com um auditório a que compareceram, além de estudantes e escritores, cerca de 100 professores da Universidade de Buenos Aires, Mourão desenvolveu sua conferência sobre a significação da poesia e do romance, situando essas duas manifestações do espírito como expressões do tempo mítico e do tempo profano. Ao final da exposição, promoveu-se um debate em que tomaram parte vários dos presentes.

Durante sua permanência em Buenos Aires, Gerardo Mello Mourão foi recepcionado na casa de Victoria Ocampo e do escritor José Bianco, tendo ainda participado de vários encontros com escritores argentinos, inclusive seu amigo Jorge Luís Borges (na foto, com Mourão) particularmente interessado num dos capítulos do «Valete de Espadas», e que se deteve com o poeta brasileiro num jantar íntimo, de que participou apenas um outro conviva, o escritor José Bianco.

A editora Sudamericana, responsável pela edição espanhola do «Valete de Espadas» («La sota de espadas»), está projetando o lançamento próximo de um outro romance de Gerardo Mello Mourão, «Dossiê da destruição» e a edição bilingüe de sua obra poética, incluindo «O País dos Mourões» e «Peripécia de Gerardo». A imprensa argentina tem registrado em entrevistas e artigos a presença de Gerardo Mello Mourão em Buenos Aires e a importância de sua obra na literatura latino-americana.

Arena: quem estava dormindo perdeu

Uma barraca montada na madrugada de um domingo na praça da Matriz, em Porto Alegre, pelos simpatizantes da chapa arenista do deputado Alexandre Machado, que disputou com o senador Tarso Dutra a presidência do diretório arenista, funcionou folcloricamente, com viola, gaita, trovas, cachaça, chimarrão e o indispensável churrasco.

Seus componentes enriqueciam o ambiente com gritos e expressões políticas. No topo, uma enorme caveira de uma rês que trazia na testa a inscrição «Chapa 2». No teto, duas bandeiras: a do Brasil e a do Rio Grande do Sul. Ao lado, à esquerda, pregado numa árvore, uma sutileza bizarra, trazendo dúvidas ou risos para quem entendesse: um quadro mostrando um grupo de cavaleiros na caça à raposa. No caso, a raposa seria Tarso Dutra. Até mesmo os advsários foram até a chamada barraca da «integração», reconhecendo a originalidade de quem teve a idéia. O deputado Pedro Simon não faltou com sua visita. Foi e comeu do churrasco da alegre e festiva «integração arenista».

Propaganda: um freio nos trustes

O escritor e jornalista J. Monserrat Filho, presidente do Clube da Criação, órgão que reúne profissionais de publicidade, encaminhou ao deputado J.G. de Araújo Jorge (MDB-RJ) denúncia sobre a situação de autêntico colonialismo cultural imposto por agências e anunciantes estrangeiros no Brasil.

O deputado, com base na informação, apresentou à Câmara dos Deputados projeto de lei que veda aos jornais, revistas, emissoras de

rádio e televisão, anuários e outros aceitar autorizações de anúncios emitidas por agências de propaganda ou corretores não estabelecidos no Brasil. A proibição aplica-se, inclusive, aos órgãos de imprensa e revistas publicadas no Brasil por editoras filiadas ou subsidiárias de organizações com sede no estrangeiro, cujas matrizes não poderão mais, como pretende o projeto, emitir autorização de propaganda no Brasil.

Na justificativa, são apontados três dos diversos tipos de prejuízos criados pela propaganda criada e autorizada no exterior. Uma delas é a redução das oportunidades de emprego para os profissionais brasileiros que já contam com um mercado de trabalho estreito e de poucas oportunidades. Outra razão apresentada é a sangria representada pela evasão de divisas de centenas de milhares de dólares, visto que os descontos concedidos ao anunciante, em função do volume e frequência dos anúncios, permanecem no exterior.

Por último, o verdadeiro colonialismo cultural caracterizado sobretudo pelos temas utilizados na propaganda criada no exterior, que nada têm a ver com a realidade brasileira. Ou será que alguém aqui se identifica com os atores que anunciam «o prazer de liberdade da terra de Marlboro»?

Getúlio derrota líder da Arena

O senador Rui Santos, ex-integrante da antiga UDN baiana, deve estar, a esta altura, remoendo-se dentro de sua condição de líder arenista. O projeto de autoria do senador Nelson Maculan, do MDB-PR, dando o nome de Presidente Getúlio Vargas à refinaria que a Petrobrás vai instalar no Paraná, depois de aprovado na Câmara dos Deputados, foi ao Senado, onde o senador Rui Santos fechou a questão contra o projeto.

Pois não é que, mesmo contra a vontade do líder da Arena, o pro-



FÁBRICA DE ILUSÕES

A televisão, através das redes nacionais, das torres de redistribuição de imagem, dos satélites artificiais, começa a se espriar por todo o território brasileiro, atingindo pontos onde o próprio cinema era desconhecido. Centenas de cidades do interior, milhares de camponeses, milhares de pessoas que vivem fora dos grandes centros urbanos acabam de descobrir uma nova usina de sonhos. Hipnotizada, reunida silenciosamente frente ao aparelho de TV – deste totem de uma civilização que se desmorona – a população rural brasileira toma conhecimento de um mundo rico e dourado, de uma vida isenta de dificuldades, de um país sem problemas, flutuando no tempo e no espaço. A televisão brasileira repete, com relação ao povo brasileiro, a mesma experiência alienante e colonizadora empreendida por Hollywood com relação ao Ocidente: uma lavagem cerebral a partir da imagem luminosa.

A televisão Brasileira não trata seu novo espectador (o homem simples do interior do país) em termos de quem ele é, do que ele representa ou pode representar realmente como ser humano, do que ele pode ser em si mesmo. O relacionamento se estabelece nos termos da "fabricação" de um homem diverso, o espectador como objeto de uma massificação, pouco a pouco transformado em uma peça ajustável a uma grande engrenagem, seja este ajuste indolor ou dilacerante. Segundo Laing, este relacionamento é do tipo que transforma o homem em um "andróide", um ser que passa a representar na vida não o seu papel individual, mas um papel imposto, diferente do original, fonte de angústia e desequilíbrio.

Para atingir os níveis de ebulição deste esquema despersonalizante a TV não se limita à reprodução romanesca da vida brasileira, através das tele-novelas, da linha de show, dos noticiários. Vai além, deduzindo e fazendo fruir desta colocação uma ideologia do Bem Estar. Opera-se a transfiguração das condições reais da vida brasileira em um mundo ideal, afirmando todavia que não se trata de uma idealização mas sim da reprodução de um mundo que já existe e que está ao alcance de todos nos supermercados. Processa-se, entre os interioranos, uma virtual desmaterialização de uma existência verdadeira, que é substituída pela abstração – isto é, pela existência tão excitante e compensadora que aparece no vídeo e que se lhe apresenta como seu destino imediato e glorioso.

O camponês, cuja visão de universo é baseada na permanência, é de repente surpreendido pela exposição de um mundo de transitoriedade absoluta (a sociedade afluenta, o consumo, os objetos que não devem durar muito tempo). Ele descobre que seu sistema existencial está ligado a uma série de conceitos inadaptáveis ao novo universo que a televisão, divinizada, está apresentando como único, bom e definitivo. Ele descobre que, para "obedecer" à nova ordem, seu relacionamento com as coisas terá de ser forçosamente mais temporário, cada vez mais efêmero, cada vez mais distante de seu relacionamento original. E que, sendo boa, esta nova vida que lhe é anunciada tem de ser vivida, ou então não valerá a pena viver.

A Verdadeira Vida

Euclides da Cunha, alto sertão, perto da legendaria Canudos (hoje sob as águas), de Nova Canudos, de Bendegó e de Uauá. A noite o único bar com boa frequência é aquele que tem um aparelho de TV. Ali reúnem-se os jovens do local, possíveis descendentes diretos dos guerreiros de Antônio Conselheiro e dos cangaceiros de Lampião. Suas vestes são adaptadas – às vezes comicamente – à moda que, no momento, predomina na televisão. Um grupo adolescente está lendo, avidamente, e discutindo, seriamente, um exemplar da revista Amiga.

Nossa presença (éramos quatro, dois homens, duas mulheres) transtorna o ambiente no interior do bar. Ao som da TV é sobreposto o som de um toca-disco, a todo volume. As moças – entre 14 e 18 anos – começam a balançar o corpo, logo depois, estão dançando reboativas e sensuais, exatamente iguais às chacretes. No início a dança é executada aparentemente sem muita intenção, os movimentos sendo dirigidos para os rapazes da terra que, sem darem qualquer importância ao fato, continuam lendo Amiga ou vendo o programa que está sendo transmitido.

Algo espantados, percebemos que o show chacrético é para nós, os "visitantes" – as garotas se mostram e se oferecem, fazem trejeitos, aproximam-se até quase tocar as nádegas em nossos rostos, deixam bem claro que a exibição é para os dois casais mas que é, principalmente, para os dois homens. A dança – e a situação – chegam a um ponto limite, estamos acuados contra a parede do bar e nos resta duas opções: aceitar o convite, claramente sexual, ou sair. Fora do bar nossas mulheres se dizem "aliviadas" de uma paquera tão agressiva. No pequeno hotel nosso grupo se relaciona com um outro grupo de visitantes (três rapazes viajando pelo sertão com câmaras de filmar e fotografar, além de um vistoso gravador). Um deles nos narra o que aconteceu pouco antes, no decorrer da tarde, esclarecendo a atitude das jovens sertanejas.

Os rapazes, reconhecidos como "gente de televisão", aceitaram convite de cinco moças de uma cidade vizinha para uma visita ao açude de Cocorobó. Lá – continua a narração – foram "atacados prá valer" pelas companheiras de passeio, incluindo um desafiante semi-strip-tease. Contornada a excitação e estabelecido um nível de diálogo mais calmo, as sertanejas afirmaram que estavam apenas "em busca de aventura". Todas elas estavam dispostas a "fugir" com estes ou quaisquer outros príncipes encantados e "viver a verdadeira vida". Disseram, sem constrangimento, que "vegetavam uma vida sem graça, sem saber de nada", até o surgimento da televisão que, enfim, lhes tinha mostrado como se deve agir para, um dia, "ser alguém".

A fórmula mágica

O cinema tem uma alma? – perguntava Henri Angel no título de um de seus livros («Le cinéma a-t-il une âme?»). Por certo existe uma energia especial no processo de comunicação cinematográfica – a ação de persuasão e embotamento sobre o espectador é maior no cinema do que em outras formas de expressão. Isto já foi analisado e comprovado através de estudos englobando as condições em que a exibição de filmes é normalmente feita, a imagem imprimindo-se no subconsciente, a condição passiva do espectador. Sabe-se hoje que esta energia "fílmica" ganha novo poder de concentração quando veiculada através de um aparelho de TV – ou seja, a televisão se impõe a partir de elementos característicos, específicos, bem mais persuasivos do que aqueles encontrados no cinema. Assim sendo, a televisão é hoje o veículo ideal para a difusão dos parâmetros e conceitos da classe dominante.

Entretanto, ainda é comum entre nós uma certa superioridade "cultural" com relação à televisão. Para muitos a TV permanece no Brasil – duas décadas depois de sua instalação – como veículo de simples divertimento e comercialização de produtos. Outros, mais sofisticados, consideram a TV como "arte menor", conseguindo apenas oferecer sensações simples, desprovida de "força" ou de "essência" para moldar uma nova valoração existencial. Alguns já estão cientes de que a influência da TV sobre o comportamento das pessoas é bem mais profunda e rápida do que a proporcionada por qualquer outro meio de comunicação de massa. Poucos estão realmente conscientes de que a televisão está se transformando na maior arma do século 20, uma vez que atua diretamente sobre um projeto de despersonalização do espectador.

Apresentando uma imagem asséptica e metafórica do povo brasileiro, da realidade brasileira, esta fábrica de ilusões é informada e sustentada pela mesma razão de ser, pela mesma ideologia colonizadora do cinema norte-americano: a incrementação compulsiva do lucro, a propaganda (direta ou subliminar) do capitalismo competitivo – base ideal e natural da burguesia monopolista, rumo certo para a consolidação de uma autocracia burguesa.

Não é surpreendente, visto por este ângulo, o fato da TV brasileira estar repetindo a "fórmula mágica" de Hollywood: nossa TV utiliza-se de um processo testado e aprovado, inclusive em seus aspectos secundários mais notáveis (o star system, por exemplo). Levando-se em consideração alguns aspectos característicos que envolvem a "conquista" da consciência nacional, a finalidade da TV é idêntica àquela descrita por Ehrenburg em «Usina de Sonhos», um livro sobre a Hollywood dos anos 20 e 30. O processo encontra paralelo também na propaganda oficial desencadeada na Alemanha, de 1933 a 1945, quando o cinema e o rádio apresentavam para o povo uma versão gloriosa e feliz da vida nacional, convencendo-o de que tudo que era bom para o Reich era bom para cada um individualmente. Na realidade, não era.

Tudo mudou

Lençóis, cidadezinha com menos de três mil habitantes, encravada na chapada diamantina, no coração geográfico da Bahia. Uma cidade "personalizada", com história própria, ex-centro importante de mineração. Tendo sido no passado uma praça econômica e politicamente forte, foi uma



das primeiras comunidades do interior baiano a conhecer o cinema, por volta de 1940. Durante todo este tempo a população esteve sob influência direta dos filmes norte-americanos sem, contudo, se deixar colonizar. O trabalho garimpeiro, os valores regionais, resistiram ao assédio diário dos mocinhos coloridos. Certamente por estarem estes valores profundamente enraizados no espírito de uma comunidade acostumada às grandes e ilusórias promessas que se escondem nas serras sob a forma do "bamburrio", isto é, do encontrar um diamante e, com ele, a felicidade e a riqueza. O que o cinema não fez em 35 anos a TV conseguiu em um.

Ano passado foi instalada uma torre de redistribuição de imagem - um aparelho foi colocado no mercado municipal, outros foram adquiridos à custa de sacrifícios pessoais e contração de dívidas, hoje mais da metade da população já tem possibilidade de assistir aos programas, quer nos seus próprios aparelhos, no aparelho do vizinho ou no aparelho público do mercado. O cinema fechou - encontro com as portas cerradas, muita poeira, a tela manchada, velhos cartazes empilhados marcando o último preço do ingresso - três cruzeiros. O fechamento do cinema, porém, não foi sentido como um impacto decisivo na vida da pequena cidade - afinal, foi apenas substituído. Mas, com o advento da TV, aconteceu o esvaziamento das ruas, os pontos de encontro da juventude estão às moscas a partir das seis horas da tarde.

T.M., 18 anos, professora, entrenta meu gravador. "Casamento aqui agora só por milagre, só bamburrio mesmo. Os rapazes não têm mais tempo de conversar com a

concretiza em uma abordagem esquemática, caricatural e preconceituosa do homem do campo, uma abordagem segundo o ponto de vista do homem da cidade, sem qualquer ponto de contato com a psicologia, a visão crítica e o cotidiano da população rural.

Esta população significava há cinco anos atrás 46,3% da população global do Brasil, considerando como "urbanos" os habitantes de cidades grandes, médias e pequenas e "rurais" apenas os habitantes dos campos, aldeias e vilas. Sabemos, entretanto, que os brasileiros que vivem nas cidades pequenas e médias (considerando-se "cidade grande" as aglomerações com mais de cem mil habitantes) não podem ser classificadas como "urbanas" - seu tipo de trabalho e seu comportamento não se identificam com as práticas e os valores das metrópoles. Segundo esta perspectiva - absolutamente correta - a população rural brasileira atinge um percentual bem mais alto do que 46,3. Sem dúvida, bem mais da metade dos brasileiros são "rurais".

A deformação estrutural que resulta das abordagens urbanas (imperfeitas e ignorantes) sobre temas rurais, por parte da TV, por si só sustentaria a afirmativa de que está se desenvolvendo um processo alienante: o interiorano, fascinado por tudo que brilha no tubo de imagem, "descobre" caminhos que o levarão ao mundo fantástico do Sul Maravilha ou meios (evidentemente enganosos) que tornarão possível a criação deste Sul Maravilha em torno de si.

Estes temas funcionam, dentro do processo alienante, como uma espécie de modelador, como uma espécie de perora-

gem, absolutas na medida em que são enunciadas por semideuses feitos de luz e som. Não sendo possível a comparação, neutralizada religiosamente a desconfiança, estes noticiários moldam a opinião pública rural segundo a idéia que coloca o Brasil como um oásis, milagrosamente imune às conturbações sociais e aos problemas econômicos que estão ocorrendo "lá fora", no estrangeiro.

A esta carga soma-se a exibição maciça de filmes norte-americanos, os novos, "feitos diretamente para a TV", e principalmente os antigos, com toda sua sistemática de colonização cultural. A programação total de filmes longametragem na televisão brasileira inclui menos de dois por cento de produções brasileiras. Se ampliarmos esta prospecção, incluindo os filmes curtos, as telenovelas, importadas e as séries de episódios, a presença do cinema brasileiro na televisão brasileira descerá a menos de um por cento. Nossas telemissoras apresentam esta impressionante quantidade de imagens norte-americanas ao homem do interior "reciclada", adaptada à sua nova função. A adaptação se faz através da dublagem, através do idioma, aproximando Zé da Silva dos heróis invencíveis. A dublagem, realizada geralmente em São Paulo, está promovendo o fim das regionalidades linguísticas e implantando como idioma único o sãopaulês. Esta consequência é claramente secundária: importa que o super-homem criado em Wall Street fala português.

O cacique hipnotizado

J. R. A., 60 anos, agricultor, vive no

começava depois do jantar, hoje ela tem início às 16 horas. Durante o dia J. R. A. é um homem preocupado com o destino de personagens fictícios, discute o caráter, a honestidade e a coragem das figuras que desfilam durante oito horas diárias ante seus olhos. Nenhum outro assunto lhe interessa, dificilmente recebe um visitante, não se lembra que é o chefe da comunidade.

As frases de J. R. A. são hoje eivadas de citações televisivas, seu critério de julgamento das pessoas está intimamente ligado ao conhecimento ou desconhecimento que estas pessoas apresentam sobre os assuntos abordados pela televisão. É um homem hipnotizado, descrente de seu próprio destino, achando que "perdeu toda uma vida" porque não sabia o que agora sabe, o que lhe foi ensinado pelo aparelho de TV. Recentemente um de seus antigos amigos "da cidade" tentou restabelecer as longas conversas de antes. Nada conseguiu enquanto o aparelho estava ligado. Aproveitando um direito - a imagem desapareceu durante meia hora - o visitante forçou um diálogo e J. R. A. concordou em conversar. Durante o tempo todo em que a emissora esteve fora do ar o velho cacique fez perguntas e comentários a respeito de televisão, sem responder qualquer pergunta: "você conhece essa moça, a Gabriela? Aqui prá nós, acho que ela não gosta do Nacib não. Mas é assunto deles - não é? Será que a gente indo ao Rio consegue conversar com o Antônio Dias? Sujeito danado esse. Você tem televisão a cor?" Depois, até voltar a imagem, discutiu Pedro Bó e repetiu suas piadas, engasgando-se de tanto rir.



Enquanto a televisão comemora seu primeiro quarto de século no Brasil, é hora de analisar sua influência sobre nossa gente.

gente, todo tempo livre é pra televisão. Acabaram-se as festinhas, acabou o cinema, acabou o movimento à noite, não se encontra mais ninguém pra passear, pra conversar. Meu último namorado me disse que só tinha tempo pra me ver pela manhã ou na hora do almoço, porque o resto do dia e da noite ele tinha de trabalhar e ver televisão. Ai acabamos. Ele preferiu a televisão. Eu, por mim, não gosto muito de televisão mas evito dizer isso porque senão fico inferiorizada, me chamam de ignorante, de metida a besta. Agora acho que vou ter de começar a gostar, é a única coisa que se pode fazer aqui em Lençóis de noite. Nem em casa consigo conversar, depois que ligam a televisão. Ninguém conversa na mesa, todo mundo mastigando e com o olho grudado nas novelas, coisa assim de dar indigestão. Na rua, na minha escola, em todo lugar, o assunto é só um: televisão. Na minha situação, quer dizer, querendo namorar, conversar, tem muita moça aqui. Elas não desistiram ainda, mas eu já. A cidade mudou muito de um ano pra cá, nem parece mais a mesma. Sei lá, talvez eu é que tenha mudado, eu é que esteja ficando pra trás. Acho que meu tempo aqui já passou".

O totem luminoso

Eminentemente urbana, a televisão brasileira trata de alguns temas rurais segundo um "realismo" que só tem sentido se escrito entre aspas. Este "realismo" se

aproximando a abstração generalizada das "possibilidades" ambientais do campo. São as telenovelas que tratam de temas inseridos no raio de ação deste novo e praticamente virgem espectador - histórias de homens iguais aos que estão acorados em frente ao aparelho e que, nas asas do Progresso e da Justiça e da Sorte, atingem o limbo, a felicidade eterna, o poder e o dinheiro. As mulheres esperam (e buscam) acontecimentos idênticos aos que servem de base para os romances água-com-açúcar, os garotos querem ser heróis, todos estão certos que podem enfrentar a concorrência e a disputa porque os bons sempre vencerão os maus, os fortes vencerão os fracos, todos devem ser fortes e têm por obrigação serem Vitoriosos.

Evidentemente o processo é ativado como um todo, em toda a programação, não se restringindo à emissão de peças nacionais de ficção. A "lavagem cerebral" só se consubstancia como processo na totalidade de seus canais. Os anúncios transmitidos para o interior são os mesmos que estamos acostumados a ver nas cidades, isto é, um elenco de ofertas mirabolantes, um painel diário do supérfluo, uma constante "tentação da montanha" (tudo isto será teu) à qual é difícil resistir. Os noticiários reinam sozinhos em regiões onde não existem jornais e onde o rádio-de-pilha está sendo deixado de lado como obsoleto - os locutores dizem "verdades", incontestáveis na medida em que não é possível qualquer comparação ou checa-

interior do Ceará, perto do Cariri. Homem de grande sabedoria popular, conhecedor dos mistérios da terra, das mensagens contidas no vento e na disposição das estrelas, senhor dos segredos medicinais das plantas, sempre esteve interessado em conversar, expor sua experiência camponesa, ouvir "as novidades", trocar idéias. Alegre e hospitaleiro, há anos recebe visitas de estudantes, historiadores, pesquisadores, que o descobriram como fonte segura e praticamente inesgotável de informação viva sobre o Ceará em particular e os sertões em geral. Todos os dias, após o jantar, J. R. A. sentava-se à porta da casa, em seu banquinho, enrolava o cigarro de palha e punha-se a falar. Às vezes para os forasteiros, "gente da cidade", quase sempre para as pessoas do próprio local, uma pequena aldeia.

O velho, devido à sua sabedoria e experiência, é uma espécie de líder local, aconselhando, desfazendo disputas, cuidando carinhosamente de seu povo, ao mesmo tempo cacique e feiticeiro. Há pouco mais de um ano ganhou um aparelho de TV, presente do filho mais velho. A partir de então a rotina de J. R. A. mudou, mudando a rotina de sua comunidade. O líder dedicava suas noites às telenovelas, aos filmes e aos anúncios, exigindo silêncio total em sua casa. A princípio não conseguia manter-se acordado até depois das 21 horas, embora quisesse - hoje permanece em frente ao aparelho até o final da programação. Dia a dia amplia o tempo dedicado ao aparelho - se antes a "sessão"

A consequência imediata do avanço da TV país a dentro, como já se pode constatar sem dificuldade, é a diluição das perspectivas da vida interiorana, a rápida e progressiva mutação de hábitos seculares, o desnível entre a qualidade da vida que se vive e a qualidade da vida exibida pela televisão, onde os personagens, na sua maioria, não têm de se preocupar com a sobrevivência, não estão sujeitos às leis da natureza, são belos e mágicos - mexa-se, se você se mexer será ainda mais rico e mais bonito do que Tarcísio Meira; mexa-se, menina, você pode ser o símbolo sexual da Nova Era, você tem tudo e não sabe, você é igual a Regina Duarte; procure seu sapato, Cinderela.

A imitação não é considerada como tal, mas sim, como um passo à frente na conquista da felicidade cor-de-rosa. Extingue-se o interesse pela natureza circundante na convicção de que, como tudo, aquela cidadezinha, aquela aldeia, aquela roça, aquele pai, aquela mãe, aquela mulher, aquele namorado são acontecimentos transitórios, "objetos" que em pouco serão abandonados por uma vida melhor, mais fascinante, mais glamorosa. "Objetos" que terão de ser deixados para trás porque, com certeza, ali não está localizado o Eldorado luminoso, a cores ou em preto-e-branco.

ORLANDO SENNA

ASSIM FALOU NENEM PRANCHA



Um livro de Pedro Zamora sobre futebol, com as dicas do velho profeta do futebol, Nenem Prancha. Neste livro, Zamora fala da história do jogo e de suas leis, princípios do jogo, leitura do jogo, sistemas de jogo, faticas, concentração, apresentando ainda os "Onze mandamentos do jogador de futebol", que tem a supervisão do Professor Almir de Almeida. Prefácio de João Saldanha. Preço: Cr\$ 20,00

Peçam pelo Reembolso Postal à Editora Crítica, Av. Rio Branco, 156, s. 1222, Rio de Janeiro

ORKESIS



ORKESIS

POEMAS DE FERNANDO MOUSINHO

Coleção Peripécia EDITORA CRÍTICA Cr\$ 12,00

Pedidos para Editora Crítica, Av. Rio Branco 156/1222 - Ed. Av. Central ou pelo telefone: 242-7395

(Facim acompanhar seus pedidos com o correspondente ordem de pagamento no valor de Cr\$ 12,00)



Guima:
somente agora os
desenhos

EXPOSIÇÕES

FÁBULA E DENÚNCIA EM DESENHO

Guima, depois de dez exposições de pintura, mostra os desenhos que lhe valeram alguns dos prêmios mais importantes do Brasil. Cássia conjuga em técnicas mistas uma arte de denúncia e uma linguagem de arquétipos.

Duas leituras que não se excluem podem ter os trabalhos de Cássia Chaves, expostos a partir desta semana na Galeria Morada: a de uma arte "e engajamento e a de uma linguagem de símbolos míticos. Sob uma ou outra dessas duas abordagens, o que teremos será um desenho extraordinariamente acabado, onde figuras humanas e animais têm seus planos de vida metaforicamente aproximados por fisionomias comuns, ao lado de um grafismo visualmente muito sugestivo e da agregação de dezenas de caixas de fósforo, estas na mais pura linha da chamada arte povera.

Não requererá sutilezas maiores do observador o predomínio desses objetos, agregados ao quadro enquanto tais, isto é, em suas três dimensões objetivas, sobre o resto da composição, representando nas duas dimensões do desenho. A partir dessa tridimensionalidade, as caixas de fósforo ganham intensidade dentro desse sistema de sinais que é o quadro. E realmente a partir delas, assim identificadas, é que será possível uma apreensão das significações do trabalho dessa jovem artista.

As caixas de fósforo não são, falando em termos de processo de trabalho, mais que uma evolução sobre os relevos que, anteriormente, numa fase erótica (conferir do segundo ao quarto dos Salões de Verão) a desenhista ex-

cutava dentro da estrutura do próprio papel a desenhar, sublinhando detalhes da figura. Na mostra de agora, "tomando como módulo uma forma industrialmente ligada a uma visão de consumo", como ela mesma explica, os relevos são caixas de fósforos, de onde o bem achado nome Flat Lux, que a série tem. Frase bíblica e marca industrial, o nome dessa série sintetiza otimamente os dois sentidos em que a leitura do trabalho de Cássia Chaves pode ser feita. Eles, como dissemos acima, não se excluem; até, indo mais longe, se completam: os ingredientes não muito variáveis na arte de contestação aqui estão todos (e, o que é importante, sem o mínimo sentido de concessão panfletarismo), mas uma decifração mais interiorizada é que nos virá dar a significação mais completa desse trabalho onde a elaboração alcança níveis de extrema sutileza.

Vivendo, profissionalmente, entre o exercício da chamada psiquiatria preventiva, (ou seja, aquela que investiga as razões sociais dos distúrbios de comportamento) e a atividade artística, a autora se divide entre a leitura e decodificação de todo um sistema de sinais clínicos que identificam a crescente desumanização do homem moderno e, na outra face de sua atividade, a recodificação desses sinais e proposição de sua releitura, desta vez ao nível de símbolos, aos espectadores de seu trabalho



Cássia
Chaves:
o
Flat
Lux.

artístico; vem a inevitável pergunta sobre a interferência da psicanalista na artista, ao que ela responde:

- No meu desenho tudo se passa em termos sensoriais a princípio; em seguida procuro detectar em que medida meu inconsciente projetou coisas, lançou os primeiros sinais de revisões e redefinições que somente quando bem conscientizadas passam ao plano crítico. Eu diria que a atividade psiquiátrica e a artística correm paralelas: cada uma em seu leito. Como, entretanto, minha sensibilidade é uma só, coisas de uma podem, eventualmente, informar a outra. Não procuro muito interpretar os conteúdos, mas as possibilidades de significação.

Tendo realizado um recente trabalho na área rural (interior de Campos do Jordão) Cássia Chaves teve oportunidade de manter contato com pessoas pobres não apenas no sentido material, mas também no sentido de informação, de perspectivas, de visão-de-mundo. Esse marginalizado elenco é que ela traz para sua fase de agora. Dado o nível de sua especulação pessoal, a artista, entretanto, não se limitou a produzir um trabalho socialmente contestador, mas quis por em jogo alguns dos mais fundos mitos do inconsciente coletivo. Ai entram os fósforos, com sua carga mítica em que vários comportamentos e situações se metaforizam.

Tendo-se expressado inicialmente pela abstração, essa ex-aluna de Loures Maeder e Victor Gherardt, com passagens pela xilogravura, pelo óleo, pelo acrílico, pela ecoline e pelos relevos, chega a essa segunda individual com uma bagagem que testemunha, no plano formal como no conteúdo, inquietação e capacidade de retomar caminhos. O resultado dessa disponibilidade é um trabalho visualmente rico, informado pelos muitos roteiros que a artista trilhou, dicção adequada à forte carga de significações que ela propõe.

Desenho de mestre

- Acredito que sejamos todos apenas miseráveis linhas, vivemos emaranhados uns aos outros, sujeitos a todos os equívocos e confusões. Somos esboços, esqueletos, grafismo buscando as cores.

Essa colocação é de Guima falando sobre seus desenhos, nos quais mestre Antônio Bento distingue o "propósito filosófico de focalizar o patético da condição humana." Desse Guima que nem o fato de ter uns dois ou três xarás fazendo (ou acreditando que fazem) arte na praça conseguiu fazer menos importantes. Este de agora, expondo na Galeria Real (Copacabana, 129-B) é o Luís Guimarães nascido em Taubaté, discípulo de Inimá (pintura), Santa Rosa (desenho), Grassman (xilogravura), Darel (litogravura), Orlando da Silva (água-forte) e Roberto Santos (direção de cinema).

Esta é sua undécima exposição individual, tendo sido as dez anteriores de pintura. Mostrando agora seu desenho, ele, que é um dos mais inventivos entre os que falam a linguagem do fantástico entre nós, assinala não apenas um momento feliz no calendário da galeria da praça do Lido, como, de modo mais amplo, na própria vida das exposições cariocas. Sua fábula se exerce por uma licença poética absoluta, onde os planos do cotidiano e do metafísico se fundem, tendo o absurdo como protagonista. Correspondem a esse conteúdo uma liberdade do traço e uma disposição do plano a partir das quais o olho do observador é convocado em várias direções, com interrupções e retomadas da leitura da obra. Em estágios mais aprofundados dessa leitura, teremos tudo o que antes haveria parecido detalhe ou simples recurso de composição agora intrinsecamente unido ao todo.

A tensão da linha e sobretudo o drama das fisionomias das criaturas de Guima exigem o espectador não apenas ao nível da atenção, mas da reflexão. Somente quando, longe de seus desenhos, o observador se encontra desconhecido de sua envolvimento, (em presença deles isso é impossível) haverá de dar-se conta daquilo que o artista, deliberadamente quis secundário em sua conta, embora se trate de um fator que a ela comparece de modo extraordinário: a qualidade plástica em si, o domínio da escrita, a sintaxe gráfica, em suma o desenho enquanto desenho, à parte toda a irresistível carga de sua fabulação.

Sobre esta, melhor que qualquer coisa que se possa aqui dizer, vale a indiscrição de transcrever trecho de uma carta do artista, de seu exílio em Taubaté, para onde voltou depois de mais de vinte anos de Rio:

- Estou inseguro como se estivesse numa última trincheira: quando cairão os verdes? o rio? o pássaro, o vale inteiro? Estou latindo sem parar. Devo acreditar em mim? Morto em incontáveis desastres, guilhotinado em França, comido de fome em Biafra, arrebatando o pescoço no garrote vil de mil Espanhas, decapitado na Arábia Saudita, com uma espada de ouro, por ser um príncipe, eu era o rei que eu assassinei, eu era o carrasco que me matou. Sou o culpado dos genocídios nazistas, essa horrível mancha da humanidade. Torturei na Rússia e no Vietnã, em todo o planeta e sofri na cruz. Ela-me os meus desenhos.

RUY SAMPAIO

CRÍTICA 14/0/1975

IATE CLUBE DA BAHIA TERÁ A SEDE AMPLIADA APROVEITANDO ENCOSTAS

Reportagem de Paulo Muller
Fotos do Arquivo do ICB

Projeto dos mais arrojados, preparado pelo escritório de Fernando Frank, e que deverá, ainda neste semestre, ser aprovado pela diretoria, permitirá a ampliação da atual sede social do Iate Clube da Bahia, um dos mais importantes clubes de Salvador, na Bahia, com o aproveitamento das encostas, e acessos através de elevadores panorâmicos, e com vidros abertos.

Os trabalhos de ampliação do Iate Clube da Bahia, que se encontra praticamente esmagado no mar, estão orçados em mais de sete milhões de cruzeiros, e fazem parte do plano diretor do "Veleiro da Barra", cujos associados ganharão garagem com capacidade para 300 carros, sauna, salão de beleza, um pequeno cinema, salas para a prática de ginástica, entre outras coisas.

Novo estaleiro

Mas antes de ter sua sede social ampliada, o Iate Clube da Bahia, que foi fundado a 23 de maio de 1935, e tem por finalidade promover e incentivar os esportes de barcos à vela e à motor, pesca e caça-submarina, esqui-aquático, natação e atividades correlatas, e subsidiariamente, quaisquer outros esportes náuticos ou terrestres, além de promover e patrocinar reuniões e diversões de caráter social, artístico ou cultural, para o seu quadro social, ganhará um novo estaleiro, que já está programado, e que terá sua construção iniciada neste verão, ficará pronto dentro de 12 meses e terá condições para acolher cerca de 200 barcos.

A informação é do Comodoro Eraldo da Gama Lobo, um homem tranqüilo, porém muito dinâmico, que tem por "hobby" fumar cachimbos, mas que, diariamente, entre 13 e 15 horas, comparece à sede social para "dar um duro tremendo". O Iate Clube da Bahia, que teve os seus estatutos recentemente reformulados, para melhor atender às necessidades dos seus quase quatro mil associados — proprietários, beneméritos, juvenis, aspirantes, transitórios e veteranos — promove, durante ano, e sobretudo durante o mês do seu aniversário, competições internas, interclubes, interestaduais, delas participando membros do seu quadro social.

Mas para cumprir as suas finalidades, o "Veleiro da Barra" promove, também, cursos, palestras e conferências sobre as atividades esportivas em geral, e, especialmente, sobre navegação marítima; relacionamento e intercâmbio em caráter de reciprocidade, com instituições congêneres, nacionais ou estrangeiras; reuniões e divertimentos de caráter social-recreativo; a edição de órgão oficial de divulgação das suas atividades e dos atos oficiais do clube, e sua filiação às entidades oficiais que superintendem todos os esportes que pratica, concorrendo aos torneios e campeonatos por elas programados.

Direitos e deveres

Distribuídos em sete categorias, os integrantes do quadro

social do Iate Clube da Bahia têm direito e deveres, estando entre os primeiros, freqüentar a sede e suas dependências sociais e esportivas, utilizar-se dos bens e serviços postos à sua disposição, participar das programações sociais e esportivas organizadas pelo clube em sua sede ou com sua colaboração, usar de distintivos sociais, promover reuniões de caráter particular e privado em dependências isoladas do clube, com prévio assentimento da diretoria e mediante o pagamento da taxa estipulada, utilizar-se das áreas de estacionamento, observando as instruções reguladoras do seu uso, recorrer para os poderes competentes do clube, das decisões que lhes prejudiquem e manter empregados particulares, sob sua inteira responsabilidade, fundeados ou angrados no clube, mediante prévia autorização da diretoria.

"Senhor" restaurante

O Iate Clube da Bahia mantém, para almoços e jantares, à exceção das segundas-feiras, um restaurante de categoria internacional, dirigido, há mais de três anos, pelo conhecido "maitre" Ramon Fernandez, e que é um ponto de encontro dos principais executivos da Boa Terra. Com capacidade para 104 pessoas, o restaurante do Iate, que para o gabaritado Ramon é o melhor da Bahia, tem, ao lado da comida típica da Bahia, como é óbvio, pratos especialíssimos como trutas, "mignon" de cordeiro argentino, salmon fresco do Alaska, e o famoso camarão com milho verde, que é um verdadeiro barato.



Uma visão panorâmica da sede do Iate Clube da Bahia, que já tem projeto de ampliação pronto, para ser aprovado pela diretoria.

O restaurante, que é franqueado aos sócios e convidados, tem uma das adegas mais bem fornidas da Cidade do Senhor do Bonfim, pois nela são encontrados todos os tipos de vinhos, mas onde não faltam as saborosas "batidas" baianas, com os mais diversos sabores. O Iate Clube da Bahia possui, ainda, um salão de festas e recepção com capacidade para 1.000 pessoas, e mantém uma cafeteria em torno de uma das suas piscinas. A "boite", com música ao vivo, funciona aos sábados, e mensalmente uma atração nacional é apresentada aos sócios e convidados.

Principais festas

Ao lado da prática de diversas modalidades de esportes — vela, motonáutica, natação, futebol

de salão, judô, pesca-submarina, tênis de mesa, ginástica rítmica, voleibol, pesca de arrasto — os sócios do Iate Clube da Bahia, que têm uma excelente freqüência às sextas, sábados e domingos, principalmente no verão, contam com a "boite", aos sábados, e têm festas espetaculares durante o Carnaval, sendo famoso o "Baile de Gala", que se realiza na noite de domingo de Momo, no mês de aniversário do clube (março) e o "Réveillon", muito bom, e que nos dois últimos anos, para maior comodidade dos associados e convidados, foi realizado com a permissão do traje esporte.

Diretoria atual

Até 1977, os destinos do Iate Clube da Bahia estão entregues aos srs. Eraldo da Gama Lobo (Comodoro), Armando Gonçalves (1º Vice-Comodoro), Osmar Americano da Costa (Secretário), Austro de França Andrade (Diretor-Financeiro), Niels Erik Poul Leoni (Diretor de Vela), José Marcos de Souza Pinheiro (Diretor-Social), Ângelo da Cunha Ribeiro (2º Vice-Comodoro), Nelson Gouveia (Diretor-Administrativo), Nélio de Figueiredo Mesquita (Diretor de Sede), Arnaldo Francisco de Assis (Diretor de Bar e Restaurante), Humberto Pacheco de Miranda Filho (Diretor de Patrimônio e Obras), Ângelo Fernandez Fernandez (Diretor de Natação), Eduardo Gomes Ribeiro (Diretor de Estaleiro), Walfrido Allegro (Diretor de Pesca) e José Costa Sobrinho (Diretor de Esportes Terrestres). Como gerente-administrativo funciona, há três anos, o sr. Francisco Leite de Mendonça.



Nesta foto, quando do lançamento do "Leaser", são vistos, entre outros, o Comodoro Eraldo da Gama Lobo e o Vice-Comodoro Ângelo da Cunha Ribeiro. A diretoria realiza um trabalho de equipe. Ainda na foto, o jovem homem de negócios, e esportista, André Burity.



A sede do "Veleiro da Barra" é ampla, e o restaurante, de categoria internacional, tem localização privilegiada. As piscinas são duas, sendo uma olímpica.

LOJAS VALERIO

"VESTIR BONITO NÃO CUSTA CARO"

SALVADOR

BAHIA

O INVENTOR DA BAGUNÇA TRANSCENDENTE

Com o inesperado e triste desaparecimento de Murilo Mendes, há menos de um mês, em Lisboa, onde foi enterrado o grande poeta mineiro, perde a literatura nacional uma de suas mais altas vozes, perde o país um de seus homens mais honestos, mais íntegros, perdem os amigos o admirável contador de casos, o divertido inventor de piadas literárias, o imprevisível maquinador de saídas imprevistas, como aquela, ainda recentemente lembrada por Flávio Moreira da Costa, a propósito do telegrama que ele passou para Hitler, quando os nazistas invadiram em 1939 a Austria e, conseqüentemente, Salzburgo, berço do seu idolatrado Mozart. . .

São várias as estórias atribuídas a Murilo Mendes. Contam os amigos que, alguns anos após a sua estreia, na década de 30, portanto, em visita a Salvador, quando defrontou-se com um maravilhoso crepúsculo em Itapoá, o nosso querido poeta caiu de joelhos, no meio da rua, disse um palavrão, daqueles bem cabeludos, e acrescentou: "De fato, Deus existe!"

Nascido em Juiz de Fora, em 1901, onde passou toda a sua infância, Murilo tentou a Faculdade de Farmácia que, aliás, abandonou um ano depois. Mudando-se para Niterói, em 1917, aí prosseguiu os seus estudos, voltando, mais tarde, para a sua cidade natal, onde trabalhou na Coletoria Federal, daquela cidade, e começou a escrever no jornal A Tarde. Mudando-se para o Rio, logo viria a aderir ao movimento modernista, já então em sua segunda fase, quando lançaria seus dois primeiros livros: «Poemas» (1930) e «História do Brasil» (1932), ambos conservando "os processos típicos do modernismo de 1922". Segundo Manuel Bandeira, Murilo Mendes foi "talvez o mais complexo, o mais estranho e seguramente o mais fecundo poeta" dessa geração, cognominada Geração de 30. Se nessas duas obras iniciais "observa-se sobretudo o predomínio da linguagem coloquial-irônica, que adquiriu trânsito livre na poesia brasileira com as obras dos primeiros grandes modernistas,

(como) Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Oswald de Andrade", passou o poeta a exprimir, segundo suas próprias palavras, "um estado de bagunça transcendente", resultando numa "fórmula de aceitação da realidade brasileira, caótica e indisciplinada".

A partir daí, fácil seria constatar, nos seus poucos, sua poesia vai mudando, inclusive formalmente. "Do ponto de vista formal a sua poesia (passa a dar) ênfase especial aos elementos imagísticos e metafóricos, com a predominância do plástico sobre o discursivo". Talvez o inusitado, o imprevisível dessas imagens e metáforas nos levem a supor uma possível influência dos surrealistas em Murilo Mendes. E não estaremos longe da realidade do nosso poeta, se fizermos o approach através de Tzara, Eluard, Bréton. . .

A seguir, em «Tempo e Realidade», datado de 1935, livro feito em colaboração com Jorge de Lima, já então convertido ao catolicismo, volta-se Murilo Mendes para os temas religiosos. Porém, não se trata "de uma religiosidade estática e dogmática, mas sim de uma religiosidade dinâmica e conflitiva, em que predominam as formulações de caráter barroco e alegórico". Esse princípio religioso nortearia as obras seguintes de Murilo Mendes. De «A Poesia em Pânico» (de 1938), passando por «O Visionário» (de 1941), «As Metamorfoses» (de 1944), a «Mundo Enigma», lançado em 1945,

"o poeta tende cada vez mais para uma visão dialética" das coisas e do universo, coisa que "exprime aquela síntese de contrários, observada por Manuel Bandeira. Síntese da transcendência religiosa e do mundo das formas, em que se localiza o poeta, enquanto homem".

Já com «Poesia Liberdade», datado de dois anos depois, "se acentua a função participante do poeta no mundo". «Contemplação de Ouro Preto» (1955), esse incontestável marco na poesia brasileira, "é uma súplica épico-lírica de mitos e verdades históricas da ex-capital mineira, em que o tom coloquial necessita ser substituído pela eloqüência da linguagem, obra mais de emoções do que de reflexões". Ao passo que em «Parábola» e em «Siciliana» vamos encontrar aquilo que o próprio poeta designou como sendo a sua operação de rigor, isto é, aqui, nesses dois livros, inicia ele um "novo processo lingüístico, de controle severo dos elementos metafóricos e (acentuada) tendência para uma construção mais arquitetônica do poema." Esse processo, finalmente, seria mais caracterizado em «Tempo Espanhol», onde o poeta "tenta exprimir as arestas paisagísticas e humanas da Espanha em linguagem seca e petrificada", sendo que experiências mais recentes de Murilo Mendes conduziram-no "para uma área da poesia vanguardista", como poderemos verificar nos poemas publicados na revista Invenção, em 1967. Publicou, ainda, Murilo Mendes, um livro de memórias, em 1968, em edição da Livraria José Olympio Editora, «A Idade do Serrote».

Foi o próprio Murilo quem escreveu um dia que encarava "a poesia como fenômeno diário, constante, permanente, eterno e universal." Considerava "seus poemas como estudos que outros poderão desenvolver." E entendia ele "que o germe da poesia existe em todos os homens, competindo ao artista desenvolvê-lo nos outros". . . A este poeta, responsável por alguns dos mais famosos poemas-piadas, de sabor caracteristicamente carioca, que se escreveram em nossa literatura contemporânea, não escapava nenhum ridículo da vida nacional, tanto no presente como no passado; e em sua obra, no dizer de Mário de Andrade, "há brasileiro tão constante como em nenhum outro poeta do Brasil".

Segundo Manuel Bandeira, os três fatos capitais da existência de Murilo Mendes foram: "a passagem do cometa de Halley em 1910, dois espetáculos de bailados russos (Nijinsky) em 1916 e o conhecimento de Ismael Nery em 1921. O primeiro é talvez muito responsável pela interpenetração dos planos da realidade e da imaginação, do natural e do sobrenatural, pelo ambiente de alumbramento e pânico, tão freqüente nos momentos graves dessa poesia; o segundo, pelo que a torna, como já notou Vinícius de Moraes, a mais próxima do balé; quanto a Ismael Nery, foi o encontro decisivo na vida do poeta, o acontecimento culminante, que resultou na conversão de Murilo Mendes ao catolicismo".

Nesse sentido, se continuarmos seguindo o pensamento de Manuel Bandeira - que, aliás, não está longe de toda a verdade sobre a poesia do poeta mineiro - constataremos, com

muita facilidade, que em toda a obra de Murilo Mendes vamos assistir a uma "constante incorporação do eterno ao contingente". Para Bandeira, "a abstração do espaço acaba por abolir a perspectiva dos planos, confundidos todos numa super-realidade, com a tangência do invisível pelo visível. Não se trata porém aqui, do super-realismo no sentido da escola francesa: sente-se sempre na poesia de Murilo Mendes a força da inteligência e do coração dominando o tumulto das fontes do subconsciente. Poesia bem de católico, terrivelmente cômico do pecado original e ao mesmo tempo como que feliz de todas as suas fraquezas pelo que elas implicam de amor - um fulgurante amor não só pelos seus semelhantes como por todas as criaturas e coisas da Criação".

Com efeito, a verdade parece estar com Bandeira, quando exclama: "...a cada passo vemos na poesia de Murilo Mendes uma conciliação dos contrários. Certos versos seus poderão até transpirar heresia a espíritos mais estreitos, como aqueles onde exclama: "Amor! Amor! Palavra que cria e que consome os seres. Fogo, fogo do inferno! Melhor que o céu". A verdade é que ele se sente de Deus tanto na boa ação quanto no pecado, e talvez mais no pecado; em Satã, "que não lhe falta nem um instante".

Toda a poesia de Murilo Mendes é um conflito entre aquilo em que ele se sente e se encontra e o seu duplo - "luta entre um homem acabado e um outro que está andando no ar". Explica-nos, ainda, Manuel Bandeira: "O seu maior desejo é voltar para o Princípio, "que nivela a vida e a morte, a construção e a destruição"; a sua maior inveja, Adão, "o único homem que foi ao mesmo tempo mãe, pai, irmão, esposo e amante". Berenice, um dos muitos nomes da amada, é "sólida como a pedra e variável como o mar". A amada assume nos versos de amor do seu poeta um desdobramento cósmico, a despeito da "sua elegância, da sua mentira, da sua vida teatral". Porque ela é "o laço misterioso", diz ainda o poeta, "que me prende à idéia essencial de Deus". Temos aqui o conceito petrquiano do amor levado ao extremo limite, quase sem um sorriso, antes assiduamente formidável".

Se para Mário de Andrade, no «O Empalhador de Passarinho», ao tratar de «A Poesia em Pânico», "o problema poético de Murilo Mendes por muitas partes deixa de ser pessoal, para se confundir com o da própria poesia", a seu ver, o que o fixou realmente foi a religião, "que ele herdou desse amigo tirânico que foi Ismael Nery", essa religião que, "dando valor ao tempo e organizando a eternidade, colocou o poeta dentro do alto espiritualismo de sua poesia". Entretanto, para o autor de «Paulicéia Desvairada», em que pese esse espiritualismo, "o catolicismo de Murilo Mendes guarda a seiva de perigosas heresias". Não que seja insincero o poeta; o que "me inquieta - prossegue Mário - (é) apenas a sua complacência com o moderno e a confusão de sentimentos". Entende Mário, aqui, por confusão de sentimentos, "a identificação de sentimentos profanos com os religiosos, identificação principalmente de ordem sexual. A igreja se

HISTÓRIA

A MODERNA HISTÓRIA BRASILEIRA

Até os 37 anos Helio Silva foi um anarquista militante. Hoje está engajado na filosofia da democracia cristã, mas não é mais que um simples "homem político", como ele próprio auto se define, preocupado em escrever a moderna história brasileira. O seu mais recente livro foi «1964: Golpe ou Contragolpe?» e até o fim do ano espera concluir o seu Ciclo de Vargas.

Desde os 16 anos que Hélio Silva, escreve em jornais e foi médico-cirurgião até três anos atrás, quando abandonou tudo para dedicar-se somente à República, que revive e reconstitui em seus livros. Influenciado pelo historiador Tobias Barreto, criou uma técnica especial de retratar os fatos históricos. Utiliza o depoimento pessoal dos protagonistas dos fatos, somando a isto o que ele próprio viu e viveu. Declara que não é memorialista, tão pouco político militante. "Sou apenas um homem político". Recusou, recentemente (amavelmente) um convite para disputar cargos eletivos pelo MDB.

Alimenta a mesma obstinação com relação à censura, e diz: - "O dia que não puder publicar um livro como escrevi, por interferência da censura, simplesmente, deixo de publicá-lo. Jamais enviei um original meu para ser censurado. Não posso impedir con-

do, a censura nos jornais, embora também considere um grande absurdo."

O historiador trabalha atualmente com uma equipe de 15 pessoas (pesquisadores, analistas, datilógrafos, documentistas e mecanistas). A partir dos dados fornecidos pelos jornais e revistas é que parte para as entrevistas e os levantamentos complementares, escreve ou grava o livro, discute os fatos com os personagens e submete o texto à observação deles.

- O volume de 1964: Golpe ou Contragolpe? foi apreciado primeiro por Ernesto Geisel, Celso Furtado, Jânio Quadros, Armando Falcão, João Goulart, entre outros, antes de chegar às mãos do público.

O livro começou a ser elaborado logo após a investidura do marechal Castelo Branco e teve uma edição de dez mil exemplares. Hélio Silva passou a recolher dados e depoimentos e



no ano passado aproveitou o convite de um semanário carioca, que lhe pediu uma matéria sobre 1964, para saber se podia publicar seu último trabalho.

- Queria ver até onde a censura permitiria e até onde poderia conseguir entrevistas. O artigo saiu com alguns cortes e, então, pude ir preparando o lançamento, que ocorreu este ano. Posso dizer que "fiquei dono de 1964".

Hélio Silva leva a maior parte do seu tempo preparando histórias que ainda faltam ser publicadas sobre a vida política do Brasil mais recente, embora normalmente escreva artigos para jornais. Outrora, escreveu para os jornais Vanguarda, O País, Boa Noite, Imparcial, Brasil, ABC e Tribuna da Imprensa. O seu consultório médico ficou para seus assistentes e a militância partidária esvaziou-se na tentativa de eleger-se, em 1945, pelo PDC - Partido Democrata Cristão. Apesar de ter sido o mais votado do Rio, o partido não conseguiu legenda suficiente, e ele terminou por trilhar os caminhos da história, sua maior paixão.

Em 59 iniciou uma série de publicações na Tribuna da Imprensa, com o título de «Lembranças de 37», que mais tarde seriam transformados em livro, diante do grande sucesso. Um ano depois, publicava nova série, «Rapsódia Verde em Cinco Atos», editada em 1960. O

editor Ênio Silveira se interessou pelas primeiras publicações de Hélio Ribeiro Silva e lhe apresentou os planos de uma obra de história contemporânea, com o título de «O Ciclo de Vargas».

A partir de 1964 começaram a surgir os primeiros das suas 14 obras: «Sangue na Areia de Copacabana»; «1930: A Revolução Traída»; «1931: Os Tenentes no Poder»; «1932: A Guerra Paulista»; «1933: A Crise do Tenentismo»; «1934: A Constituinte»; «1935: A Revolta Vermelha»; «1937: Todos os Golpes se Parecem»; «1938: Terrorismo em Campo Verde»; «1939: Véspera de Guerra»; «1942: Guerra no Continente»; «1944: O Brasil na Guerra» e «1889: A República não esperou o amanhecer».

Este ano a obra «O Ciclo de Vargas» deverá estar concluída, pois segundo o seu autor ainda faltam ser editados dois volumes. O primeiro sobre 1945, aborda temas como o Manifesto dos Mineiros e marchas e contramarchas políticas até a entrevista concedida por José Américo ferindo determinações da censura. Versa ainda sobre a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, a deposição de Getúlio, a formação dos partidos políticos, o governo Linhares e a posse de Dutra.

O outro volume vai tratar de um período pós-guerra, a cassação dos direitos políticos do Partido Comunista, e o rompimento diplomático com a URSS, além da sucessão de Dutra, criação da Petrobrás, o crime da rua Toneleros e a República do Galeão, encerrando em 1954, o «Ciclo de Vargas».

Hélio Silva diz que nunca lhe interessou a história antiga e, por isso mesmo, sempre se preocupou em retratar fatos contemporâneos, que influíram e influem mais diretamente na atual política brasileira. "História é ciência em constante revisão: o que escrevemos hoje pode ser alterado".

Durante os próximos meses Hélio Silva estará trabalhando na conclusão de a "História da República", editada por uma editora paulista. "Somente depois partirei para o «Ciclo de Vargas», que acredito estará concluído em dezembro, ou nos dois primeiros meses do próximo ano, no mais tardar".

Para o escritor, as eleições parlamentares de 15 de novembro último constituíram-se na

apresenta como uma grande mulher que o poeta lança como rival de sua bem-amada. Noutra poesia ela é a "Igreja Mulher" toda em curvas que abraça com ternura. Cristo, numa litânia delirante, é apelidado "Eros Christus". Por outro lado, os jogos verbais se manifestam freqüentemente, justificados, aliás, pelo estado de delírio em que tal poesia é concebida, raro porém se entregando a simples trocadilhos".

Entretanto se Mário de Andrade faz alguns reparos à «A Poesia em Pânico», obra sobre a qual ele está escrevendo no «O Empalhador de Passarinho», como já o dissemos, mais adiante acrescenta com argúcia o crítico paulista: "Murilo Mendes volta estranhamente ao rapsodismo das rezas inventadas na hora, das declarações improvisadas, dos apelos e das apóstrofes irrompidas. Daí um vigor virulento, um tom de sinceridade, ou melhor, de espontaneidade, de uma percussão, de uma exatidão magníficas. Mas me parece um grande exemplo que não deve ser seguido. Porque poesia não é essencial apenas pelo assunto. Porque poesia não é apenas lirismo. Porque a poesia não pode ficar-nisso".

E é o próprio poeta, já nesse livro de 1938, quem irá nortear a sua própria poesia, conscientemente, não para um recurso de paz que lhe trouxera a conversão ao catolicismo, mas para a grandeza de mais uma luta que ele manteria até os seus últimos dias de vida. Ouçamos, ainda, Mário de Andrade, como que adivinhando essa conduta extraordinária de Murilo Mendes: "Uma dor perdulária levada impiedosamente ao extremo limite da autopunição; um desregramento congestionado que descre a sua própria fé, maltrata seus próprios ideais, ignora o escândalo; uma paixão engeguecida, marcada por uma sinceridade silvestre, emperrada no espontâneo, que desiste de seus prazeres na grandiosa volúpia de sofrer; um grito, um grito imenso, um choro, um choro violento, uma audácia temerária feita entre medos e covardias; um desespero sexual que vê pra castigar a amada e constantemente a doura de encantos vulgares e infieis: era natural que tantos desequilíbrios assim juntados pusessem a arte em fuga e a poesia em pânico. Mas juntados que foram por um espírito absolutamente invulgar, criaram um dos momentos mais belos da poesia contemporânea e, por certo, o seu mais doloroso canto de amor".

Desde 1959 que Murilo Mendes fixara-se na Europa, exercendo a função de professor de literatura brasileira em Roma e Pisa, viajando esporadicamente para o Brasil, em companhia de sua esposa, a poetisa Maria da Saudade Cortesão, a fim de visitar parentes e amigos... "peregrino europeu de Juiz de Fora, telemissor de murilogramas e grafitos, instaura na palavra o seu império" (Carlos Drummond de Andrade)...

Que o país não se esqueça tão cedo, como costuma fazer com seus verdadeiros poetas e escritores, é o que todos nós que, realmente amamos a literatura, esperamos!

REYNALDO BAIRÃO

coisa mais importante que aconteceu no Brasil sob o ponto de vista político, desde 1964. "Por isso mesmo acredito no processo de distensão, proposto pelo presidente Geisel". Diz que esse processo pode ser momentaneamente "sufocado", mas é inevitável e irreversível. Tem seus motivos de fé na distensão.

Em primeiro lugar, a eleição de 15 de novembro. Um governo que admite a realização de eleições quer assegurar a liberdade do voto; em segundo, o projeto de reforma do judiciário, elaborado pelo próprio judiciário, constituindo-se na sua primeira afirmativa. Em terceiro, a reunião dos governadores em Belo Horizonte: os três maiores estados brasileiros voltam a exercer sua posição política.

Hélio Silva se diz um homem otimista. "Por índole, por formação política, religiosa e histórica sou um homem otimista. Sempre acredito que o bem suplantar o mal. Poderão surgir dificuldades e mesmo parecer que tudo esteja perdido, mas eu creio na distensão."

Na sociedade existe uma grande luta das pessoas por seus direitos. Os que querem conquistar o seu lugar e os que querem defender os seus lugares. Estes estão, na maioria das vezes, defendendo direitos legítimos (a propriedade é um direito legítimo, condicionado ao seu uso), mas muitos estão a defender privilégios - disse o professor.

Hélio Silva considera o Ato Institucional nº 5 uma coisa desnecessária, senão para exercer uma violência política. "Acredito que o poder tem condições de impor sua autoridade a fim de assegurar a ordem pública e política, o que sinceramente desejo".

O caminho do Brasil será o retorno à vigência das leis, com pleno fortalecimento dos três poderes. E defendendo a anistia como única medida a restabelecer a vida política brasileira. Não admito que aqueles que foram punidos com os direitos políticos suspensos por dez anos e restituído o seu direito ao voto, também não possam ser votados.

Acho que o povo participará cada vez mais das soluções políticas. "Um povo que não tem consciência histórica não é um povo é um aglomerado de pessoas.

PEDRO MUNIZ

Depois da tanga, Ipanema anuncia a sua próxima atração.



O Everest Rio Hotel é a nova moda que Ipanema lançou para você usar de inverno a verão. Cada um de seus 176 apartamentos tem ar condicionado, mini-bar, telefone, televisor e música ambiente.

A piscina e o "Garden Bar" estão na cobertura, para você apreciar uma das mais belas vistas de que se tem notícia: a praia de Ipanema de corpo inteiro, o Leblon, a Lagoa e o Corcovado.

O restaurante "La Casserole" e o coffee shop "La Crema" são duas outras atrações tentadoras. O Everest tem ainda serviço de sauna, fisioterapia, ducha e massagem, dois salões sob medida para festas e reuniões e tudo o que você pode esperar de um hotel de nível internacional. Na sua próxima vinda ao Rio venha conhecer o Everest. Um hotel à altura das boas coisas de Ipanema.

everest rio hotel

O hotel com o charme de Ipanema.

Rua Prudente de Moraes, 1117 - Tel.: 287-8282 - Ipanema - Rio de Janeiro

JÁ INAUGURADO
A mais nova opção em Hotel

BRAGA'S cabeleireiro para homens Ponha sua cabeça no lugar certo



Depois que o homem descobriu a importância do cabelo (que já virou até tema de peça de sucesso - Hair) todos levaram a embalagem do cérebro ao lugar adequado. Braga's onde sua cabeça recebe o melhor tratamento.

Av. Rio Branco 156 - 5 loja 240 e 246 - Ed. Av. Central
Telefone 231 0490 - Rio de Janeiro - RJ



IMPORTA COMPRA VENDE TROCA FINANCIÁ

**AGÊNCIA
NOVA ATLÂNTICA
AUTOMÓVEIS LTDA**

Av. Atlântica, 1588-Loja
Copacabana Rio

Telefones 255-2729
257-4972



INC & EMBRAFILMES

NOVE PROBLEMINHAS DO CINEMA BRASILEIRO

I POUCAS Ksemanas atrás, funcionários do Instituto Nacional do Cinema, do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura e outros órgãos afins assistira a uma exibição privada do curta-metragem «Nelson Cavaquinho» feito há muito tempo por Leon Hirzman, e que infelizmente nunca teve a merecida repercussão, tanto por seu interesse cinematográfico como pela grande importância humana e musical do retratado. Comentários após

a sessão: o filme não deve ser mostrado no exterior, porque dá uma imagem negativa do Brasil. Imagem negativa especificada: "cabeças-de-porcó" no carioquíssimo bairro da Saúde e (pasmem) criancinhas de doze anos bebendo cerveja num botequim. Também foi negado ao curta-metragem «Casa Grande e Senzala»-75 de Geraldo Sarno, baseado em Gilberto Freyre o certificado de livre exportação. Inacreditável. Deve ser a onda de distensão que assola o país.

II O interessantíssimo longa «Ubirajara»-74 de André Lkuz Oliveira (vide «Meteorango Kid, Heroi Intergalático»-70, um dos filmes brasileiros mais belos visualmente, também exemplar no enfoque social do problema do índio brasileiro contemporâneo, co-produzido pela Embrafilmes, está encontrando inesperada dificuldade em ser lançado comercialmente. Nada mais estranho, pois o filme é muito bom – e o que é bom sempre merece uma chance. O próprio órgão estatal que o co-produziu não tem dado a devida atenção ao seu produto, como aliás já fez com outros filmes onde investiu dinheiro. Produzir uma coisa e depois preguiçosamente boicotá-la. Pode ser chamado de suicídio empresarial.

III O INC distribui certificados com generosidade esotérica. «O Rei do Baralho»-73 de Júlio Bressane (finalmente liberado e pronto para estreiar) foi dois anos atrás vítima de uma injustiça só recentemente reparada: foi-lhe a princípio negado pelo referido órgão o certificado de "boa qualidade", sem o qual é impossível exibir um filme. Tratava-se abertamente de um caso de autocensura estética, inclusive ilegal, pois segundo a Constituição, o serviço de Censura é da competência do Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal, e não do Ministério da Educação, através do Instituto Nacional de Cinema.

Mais recentemente, o malfadado INC (que se diz, vive seus últimos dias de existência medíocre e prejudicial) recusou o certificado de "filme nacional" a um longa-metragem recém-premiado em festival na Sicília (não estamos autorizados a divulgar seu título pelo diretor), porque é feito em parte com dinheiro europeu. Ora, bolas, com dinheiro europeu (da RAI – Radiotelevisione Associate Italiana) foram feitos «Os Inconfidentes»-72 de Joaquim Pedro de Andrade e «Uyrá, um Índio à Procura de Deus» de Gustavo Dahl e nem por isso foram-lhes negados certificados. Com dinheiro estrangeiro (desta vez alemão) e com diretor estrangeiro foi feita há poucos anos uma versão de «A Faca e o Rio» de Odylo Costa, filho – recebeu o certificado que agora negam a um filme de diretor brasileiro. Mais uma vez a ilegal censura estética do INC.

IV O Itamarati parece ser o principal culpado da não colaboração estatal na importante Retrospectiva Nelson Pereira dos Santos a ser realizada no próximo Festival de Pesaro. O que já foi devidamente relatado no depoimento de Glauber Rocha publicado neste jornal semana passada.

V UM dos decretos mais pseudonacionalistas foi o publicado pelo INC recentemente, proibindo determinadas multinacionais de importar filmes, por não terem copiado não-sei-qual por cento dos filmes no Brasil, importado contratipo etc. Muito bem: um filme como «The Godfather» de Coppola evidentemente merece da sua companhia a importação do contratipo etc, etc. O mesmo não acontece por exemplo com um

filme de Bergman, ou de Kurosawa, ou um filme de surf ou de rock, do qual seriam tiradas uma ou duas cópias, não justificando a importação do contratipo – ou de um filme antigo, do qual nem existe contratipo.

Resultado de tal ação pseudo-nacionalista: as multinacionais continuarão importando suas produções, serão sufocadas as companhias pequenas, geralmente nacionais. Para amenizar o desastre, o INC prepara um ridículo Estatuto do Cinema de Arte, que beneficiará certos grupos econômicos, principalmente o Cinema I, o mesmo que teve o desprazer de pleitear ao governo, que, por supostamente lançar filmes brasileiros anticomerciais, a validade de cada um para cumprimento do decreto de exibição obrigatória – fosse contada em dobro!

VI A Embrafilmes andou anunciando no fim da semana passada a compra de um cinema na cidade do Cairo, capital do Egito, para exibir filmes brasileiros, dado ao sucesso da Retrospectiva do Cinema Brasileiro exibida lá meses atrás. Nada mais irreal: o Egito é um grande produtor e exportador de filmes – e sua população em grande parte analfabeta, portanto não pode ler legendas. E se os filmes seriam dublados, por que não fazê-los em espanhol e lançá-los na América Latina, mercado mais semelhante ao nosso?

VII ALIÁS esta história de comprar cinema no Cairo parece até piada. A Embrafilmes até o momento não comprou um só cinema em território nacional, e já tem ambições imperiais. Típico brasileiro. A Embrafilmes pode (e deve) comprar cinemas através do Brasil, para assegurar aos seus filmes melhor distribuição – e à população, preços mais baratos que os cinemas particulares. Deveria (e poderia) confiscar os cinemas cuja dívida ao Estado fosse igual ou superior ao seu custo e assim construir uma cadeia de cinemas do Estado, sem sufocar a distribuição particular competente.

VIII A Embrafilmes também deveria (e poderia) fazer os levantamentos necessários para analisar as reais possibilidades da instalação em território brasileiro de uma fábrica de filme virgem, que abasteceria não só o mercado interno, como ainda poderia exportar para a América Latina, África etc, etc. Seria a única fábrica do gênero em todo hemisfério sul e eliminando a dependência externa, acabaria por baratear nossa produção.

IX NOSSOS diretores, outrora tão combativos, andam um pouco passivos ultimamente. Nenhum, literalmente nenhum, teve até o momento a idéia de pedir ao governo federal a simples extensão da validade do decreto de exibição obrigatória dos filmes nacionais ao âmbito da televisão. Podemos quase que garantir que o ministro das Comunicações não seria a priori antipático à idéia.

JOÃO CARLOS RODRIGUES

CINEMA NACIONAL

COMO OS BRUXOS ESCAPAM DA LEI DOS 112 DIAS

Como furar a lei dos 112 dias, promulgada para favorecer o cinema nacional, obrigando a exibição de filmes produzidos no Brasil durante pelo menos 112 dias por ano em cada sala de espetáculo?

Os grupos estrangeiros ou ligados a interesses estrangeiros já sabem muito bem como passar por cima desta lei e ganhar um bom dinheiro às custas dela. Eles entram diretamente na produção de filmes e depois colocam estes filmes em exibição em seus próprios cinemas.

Que filmes são estes? Sérios, bem feitos, de boa qualidade? Longe disso. São filmes baratos, de fácil aceitação pelo público, baseados em argumentos de apelação, sem nenhuma importância cultural. Muito sexo, muita violência – são produções que desacreditam o cinema nacional. Em geral, não passam de pornochanchadas, que exploram a pornografia mais barata.

Severiano Ribeiro, cujas ligações com distribuidoras estrangeiras ninguém desconhece, é sócio de nada menos de 15 pornochanchadas. Com elas, Severiano está devidamente preparado para faturar com base na nova lei dos 112 dias.

Evidentemente, esta empresa não tem a menor intenção de desenvolver o cinema nacional. Não está em seus planos produzir películas que enriqueçam nosso cinema e conquistem prestígio aos olhos da melhor crítica internacional. Severiano Ribeiro deve torcer o nariz para todo e qualquer argumento que busca conhecer a realidade brasileira e os problemas que atormentam o homem brasileiro. No seu entender, não está af a função do cinema. A função do cinema, a seu ver, é tão

somente distrair o espectador e encher os bolsos de empresas multinacionais que monopolizam a distribuição e exibição, e agora estão entrando no campo da produção também.

A verdade é que os brasileiros nunca foram donos do cinema no Brasil. Nosso mercado cinematográfico está dominado por filmes estrangeiros e pelas companhias internacionais de distribuição que possuem os melhores e a maior parte dos cinemas (CIC, ART).

A vantagem do filme americano sobre o filme nacional começa no contratipo. Como o filme americano é distribuído em quase todo o mundo, há necessidade de grande número de contratipos e o preço unitário, então cai verticalmente.

O filme nacional, não. Tem que ser amortizado aqui mesmo, no mercado interno. Com raras e honrosas exceções, conseguimos entrar no mercado dos países superdesenvolvidos. Nossos filmes, em geral, deixam muito a desejar do ponto de vista técnico. E depois, na Europa e Estados Unidos existem leis de proteção à produção local, impedindo o livre acesso de filmes estrangeiros. Este hábito salutar de dar preferência à prata da casa, nós deveríamos copiar.

No Brasil, o distribuidor ou exibidor compra um contratipo de filme estrangeiro por 20 mil dólares, com direito a exibi-lo em todo o território nacional. Com o filme nacional, o exibidor trabalha na base do 50 por cento. Ou seja, ele fica com 50 por cento da renda bruta. Os outros 50 por cento são destinados ao distribuidor (20 por cento) e produtor (30 por cento).

O exibidor tem muito mais vantagens eco-

nômicas com o filme estrangeiro. Por isto, sempre que ele pode, deixa de cumprir a lei que beneficia o cinema brasileiro, estabelecendo a exibição obrigatória durante um certo período (antes 84 dias, agora 112).

Como aumentou o número de dias desta obrigatoriedade, os exibidores estão se encaminhando para a produção de filmes, com os quais, sem gastar muito, eles cumprem a lei e, ao mesmo tempo, ganham dinheiro fácil. Assim, com as próprias armas da lei, eles abrem uma nova frente de luta contra aqueles que desejam criar um cinema nacional sério, rico e internacionalmente respeitado.

Comprovando que é perfeitamente possível fazer um cinema comercial decente e sem apelações, o jovem realizador Valdi Ercolani está lançando esta semana «Nem os bruxos escapam». Este filme começou a ser exibido depois de uma luta de seu produtor contra os mais estranhos obstáculos.

«Nem os bruxos escapam» pode ser criticado por vários aspectos, mas é impossível não reconhecer que se trata de uma película tecnicamente impecável. Ela demonstra que o Brasil tem condições para elevar o nível de suas produções até o gabarito das produções estrangeiras. O som é perfeito, o desempenho dos atores deixa muito atrás o que normalmente se vê nos filmes brasileiros feitos às pressas, em cima da perna, sem nenhum conteúdo.

Eis um exemplo de produção bem planejada. Apenas um mês de filmagem, dois meses e uma semana para montar, mixar e ter a primeira cópia. Quatro meses depois, o filme está nas telas de 14 cinemas. Assim vale a

pena trabalhar. Mas nem todos os produtores têm esta mesma sorte. Valdi Ercolani é um rompedor. Ele não mede sacrifício no trabalho de organizar racionalmente uma produção e levar adiante suas idéias, sejam quais forem os impecilhos.

Valdi acredita que "no final das contas é sempre o filme que abre caminho e determina o circuito". Será que filme com charme e dignidade compensa? Ele está pagando para ver.

«Nem os bruxos escapam» foi bem recebido no recente Festival de Brasília. Elsa Gomes, que atua no filme, ganhou o prêmio de melhor atriz.

Dizem que mais de 40 filmes nacionais esperam oportunidade para chegar até o público. As pornochanchadas estão por aí, ocupando grandes circuitos, recebendo tratamento preferencial por parte dos exibidores. Tudo isto em detrimento de filmes melhores e voltados para outra visão do cinema. Valdi Ercolani, com uma produção cuidadosa e bem intencionada, conseguiu furar o esquema.

Que isto se repita muitas e muitas vezes, não só para ele, como para outros produtores e diretores de talento, capazes de dignificar o cinema brasileiro, retirando-o das garras dos mercenários, que não têm o menor respeito pelo público e pelas necessidades culturais do país.

Urge que todos se unam em defesa do cinema nacional e isolem aquelas forças que apenas prejudicam o nosso desenvolvimento, testa-de-ferro que são do mais vergonhoso colonialismo cultural.

J. MONSERRAT FILHO

MITO VIVO

JANIS JOPLIN

Para Caetano Veloso, o admirável artista que ficou esses dias cantando, tocando e dançando no Teatro João Caetano, falando de decadência e eternidade, o século e o momento, o minuto e a história, "Janis Joplin é maravilhosa, divina - eu vi o filme dela nos Estados Unidos, eu adoro ela."

Para o porteiro Hercílio Ananias, alagoano de 24 anos de idade, mais um que veio tentar a vida na cidade grande, a presença de muito cabeludo, barbudo, gurias, louras, morenas, bonecas, pirados, iniciados, malucos, crianças do planeta, divinas & maravilhosas, engrossando as filas do Art-Copacabana, era assim uma visão meia apocalíptica. Logo na estréia ele achou muito estranho o hábito dos "hippies". "Levaram tudo quanto foi fotografias do filme", para enriquecer as coleções de posters e álbuns. "Uma coisa impossível, mas ninguém conseguiu dar jeito."

Hercílio afirma ainda com seu jeito manso que "um filme antes nunca tinha sido tão procurado pelos "hippies", lá no Art-Copacabana. A fórmula mágica - só depois ele atentou para esse dado - é que o filme se chama "Assim Era Janis Joplin", uma antologia cinematográfica dos melhores momentos da carreira da cantora e compositora de Port Arthur, considerada um dos maiores mitos vivos da nova geração.

"Assim Era Janis" levou as pessoas a improvisarem um auditório, no Art-Copacabana durante 15 dias, para o encontro com blues, soul, jazz, folk rock, o som de Janis Joplin & Till Boogie Band, Big Brother And The Holding Company e The Comzmic Blues Band. Afinal, o som é tão múltiplo, Janis tão pura, os metais tão forte, que as pessoas cantaram, gritaram, dançaram e bateram palmas, para espanto dos não iniciados do mundo da música pop.

E quem perdeu, agora tem que esperar. Talvez ele volte logo em dezembro, Hercílio não tem certeza. Uma coisa é certa: "Como Era Janis Joplin" viajou para Recife, onde vai cantar e incendiar com o calor da "flor do Texas" o pessoal pernambucano, para consolar um pouco o fantasma das últimas enchentes. Queriam enterrar todos os severinos e até os não-severinos e o pessoal inteiro nas águas do Capibaribe, ou mar de Olinda - todo mundo sabe que os problemas do Nordeste não tomam jeito.

Janis viva

Ninguém tem dúvida e até os cabeludinhos de Ipanema e adjacências, que travaram agora o primeiro contato com a pessoa Janis Joplin, afirmam que ela está viva. Janis Joplin está viva porque talvez mais do que ninguém ela soube tão a jeito explorar a face e a ternura toda da garganta. Janis Joplin. A pessoa a coisa. O mito y grito. Dona de posição crítica tão consciente quanto Bob Dylan, Joaz Baez, Phil Ochs, mas ela própria chamava atenção para a sutileza de Ella Fitzgerald e Billy Holiday, que dizem "o mundo em apenas dois versinhos."

- Mas se eu continuar, quem sabe, um dia eu chego lá - diz Janis para um repórter, com seu jeito de santidade. Ninguém até hoje, dos mitos dessa geração, soube tão bem e radical assumir as contradições da sociedade. Sobre sua fama de alcólatra, declarou para David Dalton, autor de um livro sobre Janis:

- Não é o nada, o não ter: é o querer. O que você gostaria de que fosse é o que o torna tão infeliz, que traz esse vácuo e o vazio. Por isso eu bebo.

A sinceridade de Janis Joplin é uma outra chama acesa desse mito. Mais que ninguém ela sabia que os "jovens não querem ser enganados. Nem pelos políticos, nem pelos artistas". Por ninguém. Janis não é só uma cantora famosa. Tem textos e músicas, suas, que arrepiam. Ex-pintora, traficante de drogas, lúcida, escandalizou com seus momento-jeitos rebeldes a fina flor da América, baixa e alta burguesia. De noite, vagava pelos bares, lia muito, ex-garçonete, ex-universitária. Se pintasse alguma transação, era Janis Joplin que estava lá, no lance. Topava. E canta sua vida nos textos que fez.

- Não escrevo canções, só faço, diz ela no filme, para um repórter de TV.

Os gritos, as palmas, os assosios são coisas frequentes - mas não normais - dentro de uma sessão de cinema. Mas dançar, cantar, beijar várias vezes a tela é uma explosão fora de qualquer contexto. Pois durante 15 dias, as pessoas que assistiram "Como Era Janis Joplin", no Art-Copacabana (Rio) cantaram, dançaram muito, beijaram a tela e declararam todos que amam Janis Joplin. Que ela está viva.



O que eles acham

Para o estudante de pós-graduação em física, o carioca Marco Antônio, 27 anos, conhecido pelo pessoal como Mosquito, o filme é divino. Divino porque é Janis Joplin. É uma pena, só vi três vezes. E Ana Lúcia, comunicação, 23 anos, Janis é assim:

- Uma mulher incrível, mentalmente lúcida numa época muito obscura. Janis Joplin tá viva, no ar.

- Curto bastante. O lance é esse - Ronaldo Luiz, 16 anos, 4º ano ginásial.

- Comecei curtir Joplin agora - Celso Rocha, 19 anos, segundo ano de agrônomo.

- Agora que eu vi esse filme, queria saber mais coisa sobre ela. Um casal de velhos deixou o filme logo no começo da sessão. Passaram aqui na porta espraguejando "imoralidade", "malucos". Um cabeludo de 15 anos insistiu tanto dizendo que era irmão de religião de Janis

Joplin, que eu deixei ele entrar. Parece que as pessoas que mais gostam, não podem pagar. (Depoimento de Hercílio, o porteiro do cinema.)

"Y love o, baby!"

De repente, mal Jane acabou de dizer essa coisa linda de que o homem pôe uma cenoura na frente do burro, ele passa a vida inteira correndo atrás da cenoura e não consegue, vem puxando a carroça. E uma voz linda explode na escuridão da sala:

- Janis, y love o, baby, y love o! - É uma pessoa linda, que cantava, dançava, batia palmas, como muitos, mas de vez em quando entrava numa de beijar a tela do cinema, gritando Janis, y love o, baby! Depois se acolhia nos ombros do companheiro, também muito excitado. Surgiram vários tipos de manifestações de carinho das pessoas presentes, como se Janis Joplin estivesse ali, bem viva, cantando e dançando pra todo mundo. Na verdade, Janis vive.

Homenagens

Dois acontecimentos este ano, aqui no Brasil, soaram assim como uma espécie de homenagem à compositora e cantora americana, nascida em Port Arthur, numa cidade de refinaria de petróleo e uma população de 60 mil pessoas. Foi numa manhã do dia 19 de janeiro de 1943.

A primeira dessas "homenagens" é o livro de Myra Fried - Enterrada Viva, a biografia de Janis Joplin - que a editora Civilização Brasileira publicou, na tradução de Vera Neves Pedrosa, e colocou no mercado por Cr\$ 50. Na contracapa do livro, que tem como ilustração uma daquelas fotos lindas da Janis, com óculos de um escuro claro e o ar de que está num planeta distante, tem um texto que soa meio falso. Primeiro, fala da geração de Joplin como as pessoas que viveram "a-época do sonho". Pelo contrário: estão mais acordados do que nunca. A outra é chamar Janis de superstar. Janis sempre insistiu em desmentir isso:

- Eu não gosto dessa porcaria de ser estrela. O que significa uma cantora de rock para um bartender de 80 anos? No máximo uma trepada é o que significa. E agora dizem que eu sou estrela. Eu não sou estrela coisa nenhuma. Depois do show minhas roupas estão rasgadas, meus sapatos cambaios, o cabelo despenteado e molhado, o rosto brilhando, um desastre completo. E tudo que eu quero nessa hora é tirar a roupa, ir pra casa e tomar um banho. Já passei fome, estive doente, já trepei com muita gente para conseguir uma cama para dormir. Por isso, não me venham com essa conversa de estrela.

A segunda "homenagem" foi o filme, cuja trilha sonora a CBS editou num álbum duplo chamado Janis, estéreo 220001/2. O disco reproduz a conversa de uma entrevista de Joplin e o som todo do filme. Juntamente com Joplin in Concert (também CBS) Joplins representa um dos maiores momentos da cantora e compositora Janis Joplin, aquela que faz um texto assim: "Deus, compre pra mim uma televisão a cores, um mercedes benz" e que "na realidade o amanhã não existe, é sempre eternamente o mesmo dia".

Janis Joplin morreu vítima de uma dose excessiva de heroína, segundo declarações oficiais de Thomas T. Nouchi, chefe do Serviço de Medicina Legal do Condado de Los Angeles. A heroína uma vez injetada no organismo de Janis, teria se transformado em morfina. Havia também álcool no sangue. Foi na madrugada de um domingo, 4 de outubro de 1970.

Quando eu morrer...

Myra Friedman conta em seu livro sobre Joplin que ela um dia deixou soltar uma afirmação "quando eu morrer, o que é que eles vão dizer de mim?". Janis estava sabendo as coisas. Isso porque na verdade a praga tinha mesmo tocado em todos. E a todos. Não seria na Oran de Camus Na Macondo de Garcia Marquez. Nas baladas de Bob Dylan. Nos sons de Pink Floyd & Walter Smetak. Walter Franco.

A praga pulou fronteiras. É ditadura no planeta. E Janis Joplin sabia não. Sabe disso. Ela é o trabalho que deixou. O som. A pessoa. Viveu a geração inquietude. A do tudo não fazer em direção ao futuro. Novos dados para novos. Lances. Cinema máquinas. O vento que soprava com Allen Ginsberg, Jack Kerouac, Zoussândrade, exemplos, estava ali. Janis Joplin escreveu textos. Assumiu a coisa e disse não.

O laudo médico legal. Janis morreu assim e tal. E ela, como que prevendo aquilo lá. Sabia o que tinham dito da morte de Jimi Hendrix, num 18 de setembro de 1970. A Associated Press queria um depoimento de Janis sobre a morte de Hendrix, que ela dizia "melhor do que eu". Conta Myra Friedman que Janis não ficou chocada. O diagnóstico médico ainda não tinha sido feito, mas os boatos científicos diziam que Jimi Hendrix tinha morrido por causa de bolinhas. O laudo médico diz que Janis morreu vítima de uma dose excessiva de heroína, que se transformou em morfina no corpo de Janis Joplin. E Janis, aflita: "o que é que eles vão dizer de mim quando eu morrer?"

MENESES DE MORAIS

JÁ NAS BANCAS!

8 ROCK



Neste número
ELVIS. ROCK E NOSTALGIA

No jornal:

CAETANO VELOSO
MILTON NASCIMENTO

COMPLETE A SUA COLEÇÃO!

Já lançados: 1 - The Rolling Stones, 2 - Paul McCartney, 3 - Pink Floyd, 4 - Bob Dylan, 5 - Yes e Rick Wakeman, 6 - Jimi Hendrix, 7 - Elton John.

Do n.º 1 ao 3 (4,00 cada) Do n.º 4 ao 7 (5,00 cada) ou 30,00 pela coleção

Mande vale postal no valor assinalado em nome de ROCK, A HISTÓRIA E A GLÓRIA, Rua do Lapa, 126, gr. 304, ZC 06 - CEP 20.000 - Rio de Janeiro, RJ

TÁ CHEGANDO!

5 PILAS CART-UM



texto traço tinta: NACIONAL

EXTRA: uma entrevista du carelli!!

DENTRO DE POUCO TEMPO VAI PINTAR NAS BANCAS

ESTA COM PRESSA?

NAO QUER PERDER O

AVIAO?

QUER PEGAR O

JOGO DO FLAMENGO DO

INICIO?

QUER VER O

INICIO DO PAREO?



Ligue para 227-0060 ou 227-0062

e procure o

Geraldino motorista no Sol Ipanema.

Ou então procure o Galá ou a Eni que eles

lhe informem o paradeiro do Geraldino. Ele,

Geraldino Luiz

Alves Pereira,

tem um Opala (LB-0282)

e um TL (TA-5752)

RENOVAR OU COMPRAR: EIS A QUESTÃO

O São Paulo conquistou o Campeonato Paulista, com um time que vem de outros anos, anexando-lhe valores novos, vindos das divisões inferiores do próprio clube. O Fluminense contratou três cobras, enxertando-os aos meninos dos juvenis e conquistou o Campeonato Carioca. Quem está certo? Renovar ou comprar, eis a questão

Compra quem pode, renova quem tem que renovar.

Vamos dar uma olhadela nos campeonatos regionais deste ano. Três tricolores sagraram-se campeões, em seus terreiros - São Paulo, Fluminense e Bahia. Os meus tricolores, Fortaleza e Grêmio, "arrepriaram carreira", como dizem os gaúchos.

Era de se esperar que o Grêmio se enchesse de brios e interrompesse a feira de campeonatos que o Colorado vinha conquistando. Mas o Grêmio nadou, nadou e morreu na beira. Seu time amarelou, quando chegou o fim do campeonato.

O Fortaleza já era campeão. Interrompera a corrida do Vovô e sagrou-se campeão da Terra de Iracema, no ano passado. Ganhou o primeiro turno, mas no fim do segundo começou a marcar passo, como que esperando o Ceará. O time do Bié chegou, viu e venceu. E eu fiquei de cabeça inchada.

Ficaram, pois, apenas três tricolores na primeira fila, o Bahia, o São Paulo e o Fluminense. O Bahia do Zezé Moreira, o São Paulo de Poy e o Fluminense que a gente não sabe se foi campeão graças ao Paulo Emílio mais o Parreiras, ou em virtude das contratações do presidente Horta.

Ora direis...

Comprar estrelas... A torcida tricolor que andou responsabilizando o senhor Horta por alguns insucessos do time do Fluminense, trombeteou aos quatro ventos, mal souo o apito de Arnaldo Cezar Coelho dando por terminada a partida Botafogo 1 - Fluminense 0, que devia a conquista do campeonato à clarividência do presidente Horta, contratando os cobras Rivelino, Paulo Cezar e Mário Sérgio. Vá lá que seja esse Mário Sérgio. Para mim, lá na Bahia o bonzão é o Osny que além de ter intimidade com a bola, sabe fazer gols. O rapaz que veio para o Fluminense sabe um pouco de bola, mas não é lá muito de agasalhá-la nas redes adversárias.

O Fluminense teria, assim, contratado duas grandes vedetes do futebol mundial. É verdade. E louve-se a atitude do presidente Horta, tendo a coragem de empreender. Isso, contudo, não significa que o jovem presidente tricolor tenha descoberto a pedra filosofal do futebol, ou seja, que basta comprar estrelas para conquistar, de imediato, um campeonato. Não. E tanto isso carece de fundamento que o mesmo Fluminense não foi o campeão carioca de 1935 apesar de haver importado naquele ano quase todo o escrete paulista, autêntica constelação de craques. O butantan do Fluminense só foi se afirmar como grande time, em 1936, quando os onze cobras passaram a fazer uma equipe de verdade. E foi aquela beleza: 1936/1938 e 1940/1941.

O atual time do Fluminense não é uma máquina. Poderá vir a ser, acredito, se o clube conseguir conservar o atual plantel. Se o Zé Roberto e o Cléber aceitarem o banco. Cobra ou cobrinhas, não gostam de banco; preferem a relva.

Por amor de Deus, respeitemos o futebol. O atual time do Fluminense não é uma máquina. Talvez que o tenha sido aquele time de 1941 que marcou 106 gols no campeonato. Quando se fala em máquina, tem-se que lembrar do

time do River Plate, da Argentina, da década de 40. Aquele time foi apelidado de máquina porque manteve uma média superior a 2 gols por partida.

Eu sei, já sei o que o meu chapa vai falar. O Fluminense ganhou o primeiro turno e não deu mais bola pro campeonato, danou-se a viajar para caçar nêqueis. Falem isso não. Respeitem a torcida que acompanhou o time nos dois turnos finais, pensando que era pra valer. Acredito que se o Flu pudesse, teria faturado os três turnos só para deixar os outros falando sozinho. Mas não faturou. O que conta é o que sucede. São os pontinhos positivos.

Se o time do Fluminense não foi máquina de fazer gols, teria sido, então, de fabricar dinheiro. Vamos devagar com o andar, que o santo é de barro. O Fluminense, jogando mais duas partidas que o Flamengo, chegou um pouco à frente do clube da Gávea, em matéria de arrecadação. Ora, conforme inventou o nosso velho amigo Einstein, tudo no mundo é relativo. Quem colhe melhor laranjas? Quem fica colhendo das 6 às 18 e apanha 2.000 ou quem das 6 às 16 consegue apanhar 1956? Façam as contas.

Enfiem a viola no saco, meus caros. Em matéria de arrastar massa aos estádios ninguém leva a palma ao Flamengo. Ninguém! Lembrem daquele Vasco e Flamengo, na noite de quinta-feira: 125.988 espectadores. Teria sido a torcida do Vasco que levou aqueles

2.500.000,00 cruzeiros? Foi não. E tanto não foi que na partida jogada três dias depois e à tarde, Vasco e Flu nem chegaram aos 100 mil espectadores. Para botar de uma vez por todas os pontos nos ii: a maior platéia que já assistiu o Fluminense jogar, foi da ordem de 176.636 pessoas. Sabem quando? Naquele Fla-Flu de 1963, onde não havia nem um Rivelino, nem de um lado nem do outro. Olha o Fla aí.

É preciso respeitar o público. Respeitar quem está vendo futebol, sem antolhos. O Fluminense é o campeão carioca. Viva o Fluminense. E não é preciso inventar mentos. Foi campeão porque chegou na frente dos outros. Iria acaso sido o melhor time do Rio de Janeiro? Não. Sua campanha desautoriza afirmar isso. Os times mais regulares dos três turnos do Campeonato foram o Botafogo e o Flamengo. E, cá pra nós, o time de melhor conjunto, em todo o campeonato, foi o do América.

Prata da casa

Enquanto o Fluminense se apresentou no cenário futebolístico nacional como o campeão das contratações, lá em São Paulo, o tricolor do Morumbi arrancou o título máximo do futebol bandeirante, com um time formado com base na prata da casa. No time do Poy a grande estrela foi o Rocha, que já estava lá há muito tempo. O resto, com algumas exceções, é gente saída dos juvenis sampaulinos, como esses dois monstros - Serginho e Murici.

Quem teria brilhado mais? O butantan carioca ou o jardim de infância paulista? A contratação ou a renovação de valores?

O São Paulo foi um autêntico campeão. Esteve invicto até o final do retorno, quando perdeu para o Corinthians. Perdeu para a Portuguesa, na segunda das partidas decisivas e ganhou brilhantemente o campeonato, na cobrança de penaltos: 3 a 0. Isso vale, sim.

Essa campanha do São Paulo, acima da do Fluminense, autoriza a se afirmar que é melhor renovar do que comprar? Não. Compra quem pode, renova quem tem que renovar.

Qualquer caminho é caminho desde que trilhado com honestidade. Um clube compra alto no mercado, porque tem as costas quentes. Tem gente de dinheiro para avaliar os títulos. E quem não tem? O que vai fazer? Fechar as portas?

O sr. Horta está bem com sua filosofia. Viva o sr. Horta! Que contrate mais craques. Somos de opinião que um time deve contar em suas fileiras, pelo menos, com um craque. Sim, embora isso não nos leve a concluir que um clube, sem poder, deva se empenhar para comprar estrela. O sr. Horta investiu, está bem. Ousou e saiu-se bem. Mas se tivesse saído mal, estava assim de urubu para ver sua caveira. O Fluminense foi campeão por mera questão de chance (a chance é fator inerente ao jogo). Foi campeão por via daquela goleada no time do Vasco todo desmantelado. Era do regulamento.

"Dinheiro não joga futebol".

Sabem quem falou isso. Foi John Cruyff, a um repórter argentino. O jornalista queria que ele explicasse como era que o Barcelona tendo investido tanto dinheiro nele, no Neskens, no Marinho, estava tão mal colocado no campeonato espanhol. Falou.

O flu não ganhou

Dinheiro, não. A gente encontra pelas esquinas, muitos torcedores do Fluminense com ares de gozação a agradecer às outras torcidas, por haver seus clubes, pago os passes dos cobras torcedores. Que tolíce!

Os torcedores dos outros clubes, são que agradecem penhorados a sábia política do senhor Horta. Do América ao Vasco, passando pelo Botafogo e Flamengo, os clubes cariocas cafetinizaram alto em cima do Fluminense. E que nas partidas em que esses clubes cruzaram luvas com o time das Laranjeiras, a bolsa foi rachada ao meio. O Flu ficou com mais ou menos 50% e o adversário com o resto. Ora, ora. Quer dizer que quando o Flu jogou com o Vasco, ficou com seus 50% para pagar os passes dos meninos, enquanto que o Vasco, apanhou aquela gaita toda para acertar suas contas já que não havia contratado nenhum craque. Isso é uma verdade irresponsável. Quem lucrou com as contratações do Fluminense foram seus co-irmãos.

O jovem presidente do fidalgo clube das Laranjeiras plantou para colher. Em 1975 apenas colheu glórias. E isso é bom, principalmente quando se falar em excursões. Palmas ao presidente Horta, e um muito obrigado do presidente Agathirno: até que o Horta foi camarada, ajudou o Vasco a pagar o Tostão.

PEDRO ZAMORA



Paulo César.
um investimento
certo no Flu